



PAULO JACOB



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
1918 - 2018

CHUVA BRANCA



Coleção
Pensamento Amazônico
Série João Leda - v. 7



NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTE LIVRO ELETRÔNICO

Os direitos sobre os textos contidos neste livro eletrônico são reservados ao(à) seu(sua) autor(a) e estão protegidos pelas leis de direito autoral. Esta é uma edição eletrônica, não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Em caso de citação acadêmica deste E-book, todos os créditos e referências devem ser dados ao(à) autor(a), a Academia Amazonense de Letras e a Reggo Editorial.

Este projeto foi contemplado pelo "Programa Cultura Criativa, 2020 / Lei Aldir Blanc – Prêmio Feliciano Lana" do Governo do Estado do Amazonas, com apoio do Governo Federal, Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Fundo Nacional de Cultura.



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL



Coleção
Pensamento Amazônico
Série João Leda – v. 7

CHUVA BRANCA

PAULO JACOB



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
(1918-2018)



DIRETORIA
BIÊNIO 2020/2021

Presidente

ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Vice-Presidente

MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

Secretário-Geral

EULER ESTEVES RIBEIRO

Secretário-Adjunto

ARISTÓTELES COMTE DE ALENCAR FILHO

Tesoureiro

ABRAHIM SENA BAZE

Tesoureiro-Adjunto

FRANCISCO GOMES DA SILVA

Diretora de Patrimônio

CARMEN NOVOA SILVA

Diretora de Promoções e Eventos

MARILENE CORRÊA DA SILVA FREITAS

Diretor de Edições

JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Conselho Fiscal

MARIA JOSÉ MAZÉ SANTIAGO MOURÃO

LAFAYETTE CARNEIRO VIEIRA

MAX CARPHENTIER LUIZ DA COSTA

Conselho Fiscal – Suplentes

SERGIO VIEIRA CARDOSO

JOSÉ GERALDO XAVIER DOS ANJOS

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Av. Ramos Ferreira, 1.009

CEP.: 69010-120 – Centro de Manaus

Manaus-Amazonas

Tel./Fax: (92) 3342-5381

Site: academiaamazonensedeletras.com

E-mail: academiadeletras.am@gmail.com

SUMÁRIO

Palavra do Presidente	7
Da mesa do editor	9
Chuva Branca	11

© **Paulo Jacob**, 2021

Coordenação Editorial
José Braga

Comissão Editorial

Marcos Vilaça, Elson Farias, William Rodrigues, Bernardo Cabral, Lafayette Vieira,
José Braga, Carmen Novoa Silva, Dom Luiz Vieira, Márcio Souza, Almino Affonso,
Aristóteles Alencar, Sergio Cardoso, Artemis Soares.

Produção Editorial

Marcicley Reggo, Dayana Teófilo

Capa e Projeto Gráfico

Marcicley Reggo

Imagem da capa

© koldunova/Envato

Digitalização dos originais

Roumen Koynov

Ficha catalográfica

Ycaro Verçosa dos Santos – CRB-11 287-AM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J15c Jacob, Paulo, 1921-2004

Chuva Branca Manaus: Reggo/Academia
Amazonense de Letras, 2021.

Edição digital (formato .pdf)
Coleção Pensamento Amazônico.
Série João Leda – v. 7;

ISBN 978-65-86325-69-0

1. Literatura brasileira – Romance I. Título

CDD B869.35

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei n.º 10.994,
de 14 de dezembro de 2004. Todos os direitos reservados (Lei 9.610/98).
Partes desta publicação poderão ser citadas, desde que referenciada a fonte.

2021

REGGO EDITORIAL

Rua Rio Javari, 361

N. Sra. das Graças – Sala 303

69053-110 – Manaus-AM

REGGO

Fone: (92) 98817-0172

@editorareggo

PALAVRA DO PRESIDENTE

Robério dos Santos Pereira Braga

O escritor, magistrado e acadêmico Paulo Herban Maciel Jacob, de cuja amizade privei além da condição de consócio na Academia Amazonense de Letras e no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, foi dos beletristas amazonenses um dos mais festejados pela crítica nacional, no seu tempo.

Rigoroso como magistrado, desde juiz de primeira entrância do interior pelos idos de 1952, a desembargador e presidente do Tribunal de Justiça do Amazonas, e se houve com fiel observância a critérios éticos, morais, das leis e do direito, impondo-se, inclusive, pela austeridade com que se posicionava nas relações sociais.

Cultivando amizades em conversas alongadas de fim de semana, gostava de receber alguns poucos amigos em sua casa de residência, dentre eles o poeta e escritor Áureo Nonato da Silva com quem manteve debates sobre artes e letras em várias oportunidades.

Romancista por excelência, falecido repentinamente em 2004, após intensa produção literária, inclusive com prêmios *Walmap* em alguns dos seus dez romances. Foi segundo lugar em 1969 com a obra, "*Dos ditos passados nos acercador do Cassianã*", em júri composto por Jorge Amado, Guimarães Rosa e Antônio Olinto e em 1967 havia sido quarto lugar nacional com "*Chuva branca*". A estes bem se podem somar, com igual qualidade, o seu "*Vila rica das queimadas*", trabalho que se pode considerar ecológico e ficou entre finalistas do mesmo prêmio, além de "*Chãos de Maíconã*" que foi "menção honrosa" do mesmo Concurso *Walmap*.

São de sua autoria, além de outros, também, *Muralha verde* (1964); *Andirá* (1965); *Estirão de mundo* (1979); *A noite cobria o rio caminhando* (1983); *O gaiola tirante rumo do rio da borracha* (1987). Adorável é, também, *Um pedaço de lua caía na mata*. Nenhum deles, é de fácil leitura, mas todos são atraentes pelas peculiaridades que apresentam, linguagem própria que Jacob explorou em vários títulos, e pela regionalidade extrema.

E é este *Chuva Branca* que agora se reedita pela Academia Amazonense de Letras na "Série João Leda", e o fazemos em comemoração ao centenário de nascimento do autor, a obra em que o personagem, segundo entendeu Dilson Monteiro, e com razão,

vai-se adentrando, vai-se assimilando na floresta, vai-se afastando da civilização, até que no fim parece que nem existiu – vira mito. No fim, na morte, ele tira a roupa, fica nu, perdido na mata, integrado nela, sabendo que vai morrer, perdido e integrado, no mitificado.

A Academia honra-se em incluir esse autor em sua Coleção do Pensamento Amazônico e dar maior acesso a leitores e pesquisadores pela rede mundial de computadores.

DA MESA DO EDITOR

Acadêmico José Braga

O livro constitui a principal e mais genuína vocação das academias de letras, uma espécie de missão sempre inconclusa e desafiadora.

Criação engenhosa do mundo novo virtual, o “livro sem papel” muito contribuirá para a difusão e democratização do conhecimento.

Acompanhando os novos tempos, a Academia Amazonense de Letras reuniu 40 obras de seu precioso acervo, que foram vigília e foram luz nesta Casa, legado intelectual de nossos antecessores, cujas edições se acham esgotadas, revitalizando-as e disponibilizando-as sem qualquer custo para a atual e futuras gerações de leitores.

Um resgate de parte do que, ao longo da centenária e luminosa trajetória deste silogeu consubstancia o que se pode chamar de Pensamento Amazônico, inspirado no ideal acadêmico.

Com o uso da nova tecnologia, amplia-se consideravelmente o acesso dos leitores à produção intelectual acadêmica, popularizando-se cada vez mais o livro e sua função libertadora.

Festejemos, pois, esta conquista!

Casa de Adriano Jorge, setembro, 2021.

É sempre êsse rio rolando, cheias, vazantes. O barro carregado nas águas, amarelas. Pedacos de paus, tronqueiras, galhadas, matupás, canaranas, membecas, murerus, correndo na correnteza, rodopiando nos remansos, nas enseadas. Menino ainda, aqui mesmo, nessa vida, mão no remo, puxando bons surubins, dos pintados, caparari. Dando adjutório no roçado, os pais aí, carregando maniva no jamaxi, basculho, roçando, limpando o terreiro. Desde menino a mesma vida, abertura que nem hoje. Tinha companheiro, nos quatro anos por aí assim. Brincadeira, era olhar o rio, jogar aninga pra jacaré. o bicho alvoriçado, a bôca trancada. Agarrar urubu no anzol, arpoar bôto, gostar da arrancada do bicho arrastando a igarité. Andar nos lagos, armar irapuca, apanhar rolinha, trucau, inambu. Flechar peixe, nadar quando maior. Contar vantagem de marisco, de casco bom pra furar lago, de canoa ronqueira. Madeira para isso e para aquilo. Trepar nas árvores, tirar frutas, não por brincadeira, fome isto sim. Zé Pretinho também mariscava, pegava mas era só mandi. Menino entanguido, dois dentes faltando na frente, cara amargosa, empambado. Um dia o jacaré jogou o rabo no cedro, aparou o bichinho na bôca. Lá se foi o companheiro. Bubuiou o sangue, a água era vermelha. A água era vermelha, côr de miséria, assim

magino sempre. Na baixa das águas, pedaços de ossos se viu, branquinhos como garça. A mãe ajeitou a ossada, enterrou no aceiro da casa. Senti a ausência, mais do sangue lembrava, o tempo esqueceu. Se curumim, assinzinho, maior por dizer nada, morre por coisa pouca. Derréia, secando, o corpo descaindo, é vê cara de macaco. Afogado, defluxo, febre, desaparecido sem como se saiba. Muitas dessas. Nas cheias, a mata afogada na água. É secar, fica o barreiro na beira. Vem o sol tosta tudo, raxa. A terra é frestada e quente, esfumaça no sol. Aquela distância de lavrado, igual terreiro varrido, duro, escaidando. Primeiros dias. Azulando aos poucos, depois, o que a vista der é verde fechado. Só miséria, côr de sangue. Não fôsse o lago, no tempo de carestia... Despensa do pessoal todo por aqui, vizinhança. Do que digo vizinhos, uma barraca aqui outra acolá naquela lonjura, curva de rio, lago, igarapé. Barro amarelo, ruim, ingrato, pobre também. Ingrato é, só dá mais é malícia, matapasto. Farinha, alguns alqueires, e só. Tentar aproveitar o eito, vá rasgar a terra, macaxeira mirrada, outra quadra a trabalhar. Esta não dá mais, cansou. Terra firme é pobre. Nessa nesga de varge, coisinha melhor. Lavada nas grandes águas, fartura se vê no plantio. É tudo assim. A mata aí confronto ao aceiro, comendo o terreiro, a capoeira engrossando. A barraca distiorada, o mato chegando perto. Telhado aberto que só renda, as estrêlas entrando pela curneeira. Respinga, mas chuva mesmo é quase um nada. Serena, sem molhar. O caminho do pôrto, fundo, roçado, furado de pés de tantos anos. Mulher, dois filhos, só na necessidade. Nascidos ao Deus dará, servindo de parteira à mulher. Mais o Tiririca, ossudo, pirento, cachorro bom.

Alarma tudo, avisa até calango passando no terreiro. Com a onça arrepiada, gane, rosna, late mas não enfrenta. É olhar um lado vê matinha de varge, ligada a matão fechado. O descampado é roça, farinha pelo menos. Chá, café às vezes, e beiju. Fome, chuva miúda, tristeza de inverno. Miséria tem cor de sangue. Deveras! Pode até ser, dar de esbarro com a anta. Rasto fresquinho vi dias passados, cortando o varadouro da terra firme. Avezou-se a comer piolhos do buriti. Não custa tentar. Até quem sabe Luís Chato. Dias sem nada em casa, na farinha com água. A menina pedindo comer, o pessoal na fraqueza. Diabo de inverno, chuveiro danado, dificultando peixe. As águas tomando as restingas, avançando nas terras, os bichos metidos no igapó. Tem lá quem fisque um êsse que seja. Na fartura de comida lá pra eles, arisco em pegar anzol. Quando escasseia a despensa, a coisa não anda boa. Deveras, o melhor é vasculhar o vestígio da bicha, se voltou ao buritizal.

— Mulher vou ao mato, quem sabe se dá na sorte de pegar a anta.

O mais tardar à tardinha, volto. Saiu logo, aí detrás do cagador cresce a mata alta, terra desconforme. Na comidia deve de estar, enquanto fruta cair não abandona. Duas ou três vezes vi rasto dela, vindo daquela direção. O rumo é êste, beirando o igarapé até cruzar o primeiro afluente. Aquê do lado de lá, servindo de ponte o pau caído. Daí é centrar na terra alta, depois cortar pelo atalho da mãe-do-rio. No cuidado em centrar, com terras gerais ninguém brinca. O sol mal-a-mal dando sinal de claro de vir daquelas bandas. A ciência é não tirar vista da posição da picada. Tem outra melhor, mas muito pisada, um atoleiro dos infernos.

Ainda assim é um bordejo, vai sair muito acima do buritizal comidia dela. Caminhada mais longa, arriscado espantar a bicha ao tomar chegada. Andando destabocado, distante de casa é coisa muita, pelo claro se vê. Mas deveras mesmo, o certo é especular as pegadas na travessia do varadouro, aqui ao lado. Eita! tou na sorte. Passou cedo por aqui. Terra molhada, pegada nova. Cala a bôca, Luís Chato, o animal num de repente cisma, cai mata afora. Uma baitela fêmea, rasto aberto não engana. Maior que essa, só vi matar compadre Juvenal. Mais cuidado é que é, falando alto não vai prestar. E olhe só, aqui comeu a imbaúba, resina fresca escorrendo. Dessa vez, pego. Sustou seguida, rasgou o cacho do croatá. Assustou-se, cismou, que teria de havido? Afundou o pé no tijuco chega esparramou. Se anda corrida de onça, nem o diabo vai encontrar. Graças a Deus, como pensei não era, saiu devagar. Foi até ali, bordejou acolá, tomou direção naquela paragem mais entaniçada. É um fechado de cipó a atrapalhar qualquer um. Firmou caminhada nesse rumo. Com a ajuda de Deus, não passa de hoje. Começou a voltear, deve de estar deitada. Apitei, não respondeu. Andando sempre devagar, calcando leve o terreno. Ainda falsear o pé chato de merda, fêz zoadá. No calado, vai longe o estrupício. Se arisca, toma por outros lados. Amaciar o pé, o mais e mais. Tinha dito, dizia bem. Deitou-se, mas já se arriou de centro. Tomar reparo na cama. Fria, nem môsca por perto. Quando foi lá isso que deitou. É andar, andar, bicha danada pra rasgar mata.

O dia vai alto, pra mais de meio-dia. O sol rasgou das nuvens piscadela apenas. Mais ou menos isso. Deu pra calcular. Vence o espaço correndo ao vazio da noite. Não há de ser nada, o pior é voltar com as mãos abanando. Sentindo amargo na bôca, dor no estômago, na consumição de ajeitar o de comer. Hoje, nem café por desgraça. Pena mesmo é dos filhos, o mais assim jitinho, sugando o peito da mulher, descaído, sêco. Ela se acabando, cada dia mais desvanecida, as carnes sumindo. Beiju de farinha dias e dias, chá de cipó-de-cravo, uma coisinha ou outra vasqueira. Vida desinfeliz essa de pobre, devia ter estômago mais encolhido que rico. Se tem menos. Uma desgraça. Menino, era passar fome um dia, outro, vinha no pensar a côr de sangue, isso porque digo que é miséria. Zé Pretinho escumando, a água toldada, vermelha, cara amargosa nas garras do monstro. Muitas vêzes vi chorar, remela nos olhos, catarro escorrendo, reclamando comida. Até que nem era fraco de chôro nas brincadeiras. Resistia carreira, quedas da goiabeira, estrepadas. Lágrimas não vinha. É vê essas passagens, o piscar ôlho esquerdo de torcer a bôca, aumentando. A salvação é topar a caça. Até agora da sorte não posso reclamar. Do rumo da bicha, um vestigiozinho ou outro animando. Es-

trume verde neste afluente. Por que será que gosta de cagar n'água? Anda estirões, vem direitinho aliviar nas beiradas de rio, lago, igarapé. Deveras!

Chegando com bóia em casa, um Deus nos acuda, animação danada. Vendo um pedaço, compro sustento de coisas mais, salgo o resto. Comida é aí, fartura por muitos dias. Um quarto é do compadre Juvenal. Nunca faltou com um pedaço de paca, quarto de tatu, banda de tambaqui. Uma coisa e outra sempre vai mandando. Agrado de pobre, bom adjutório, salvação de vizinho. Bom camarada. Devia de ter vindo, ajudava a carregar. Sê botou com desculpas. Tinha serviço no roçado, fazer a limpa, arrancar maniva, pôr na maceração. Depois domingo, data santificada, tinha mau sobrosso caçar nesse dia. Por essas conversas, ficou. Ajeitar varação na ponta da terra, marcando a restinga. Terreno cediço, fôfo, acamado de folhiço, trancado de paus.

Só cheiro de môfo, catinga também. A perna até ao meio, enfiada na terra. Bubuia água, é vê caldo de merda. A trilha quase apagada, subindo a terra. E logo agora esta galhada embaraçando rastejar a bicha. Tirar um bordo pelo lado de lâ. Quer ver foi caída do temporal, antonte. Bonita copaibeira, grossura pai d'égua. Tombou, outras tantas caíram, cipó que era forte veio ao chão. Porque terá virado com raiz e tudo... Quantos anos aí fincada, vem abaixo duma vez. A vida é assim igual. Nessa distração mesmo, apanhei a trilha novamente. O rasto mais nôvo que já topei. Areia em cima das fôlhas, molhada ainda, não engana. Foi há pouquinho que passou. Atirar na sangria, ou na cova do sovaco, é ver a queda. E se estiver de costa, no va-

zio. Mas aí não merece confiança, o pior tiro, resiste muito, vai longe. A bicha tem vida longa. Nem palanqueta no cartucho às vezes resolve. Dessa dezesseis, quando já. Dá mira não escapa, muito menos do balaço. Arma de estimação, fogo não nega, feio nunca fêz. É bater o gatilho, ir buscar a caça. Faço dessas vantagens, depois grito ao compadre Juvenal, ou a outro companheiro qualquer, vá juntar o bicho. Inambu, mutum, jacu, só atiro na cabeça a modo não estragar a carne. Errar, nunca me lembro disso, escapar, seria a primeira, muita empanamação. É, mas nada de sol, nem anta, e o tempo fechando. As nuvens arrumando chuva branca.

Apitar, pode ser. Saiu mal a mal, meio fino, chian-do. Se alerta a bicha que não era da companheira, cisma logo. Bota a correr terra. Novamente, Luís Chato, com mais cuidado. Que nem ela, e não respondeu. E já meio fracateando por um isso de andar. A arma pesando na mão, sinal disso. Tem muito que virar ainda. O boi deita três, quatro vezes por dia. Daí a bom distanciar, três, quatro horas.

Outro vestígio seguro, coçou-se neste matamatá, lama e carrapato ficou. Não deve de estar distante.

Olhe mais, fêz um estivado debaixo das guariúbas, nem fruta verde escapou. Botou um bordo ali, tomou por aquê lado, voltou aqui. Bicha arisca, faz tanto rodeio, e só deita depois de estudar terreno.

Atinar ouvidos a qualquer buliço. Nada, nem o seringueiro pra alegrar. Tristeza é que traz. Deveras, canto não resolve. Alegria de pobre é comida em casa. Agora sim! Cama quente, môsca zunindo por perto. Levantou a um quase chego e vejo. Arrisco o apito, arrisca Luís Chato. A fêmea é manhosa. Se

estiver deitada, espera o macho, no caso sou eu. Tenho o apito pra arremedar. Estirada na cama, não se levanta, dengosa como mulher. O homem que venha, faz-se de bonita. Espicha a cabeça, espera. Olhar de cunhatã assanhada, tôda enfeitada pra homem. Deus que me perdoe, mas não pensei coisa feia por mal.

O ticoã cantou naqueles confins. Azar, vai agou-
rar teu pai e tua mãe. É perder a fé, bicho anun-
ciador de desgraça. Castigo talvez. A imaginação
bêsta do acesume da cunhatã. Acreditar em con-
versa, busão do povo. Inventar-se muito. Botar o
pé na igarité, no mato, ouvir piar o pássaro, peixe
não pega, caça não traz. O que vale mesmo é a pon-
taria, a mira da dezesseis. E nesta há confiança.
Arma falada, conhecida, invejada, lá nos meus la-
dos. Nada disso, ficar panema com o canto dobrado
da alma-de-gato. Pássaro igual aos outros. Abrir o
bico tem que abrir, se é o cantar lá dêle. Tendo de
acontecer as coisas, acontece. Se calhar, vem a fa-
lação, deu-se aquêle caso por isso, por aquilo ou-
tro. Que foi? Tou desgraçado! Valença que piso ca-
queando terreno, longe de ôco de pau, cova de pa-
ca, solapo de terra. Não é? Reboliçou rente ao pé,
foi um eita, dizia que era surucucu. Já via a dana-
da jogando o bote, aqui assim no alto da perna.
No correr da vista assustado, era. Até as malhas
deu de ver. O minhocão se remexendo lento, escor-
regando nas fôlhas, em descaída na enxurrada.

— Agüenta chibui! É cair no afluente, bater na
bôca da matrinchã.

Deveras que tenho isso comigo. Qualquer so-
brossozinho, mêdo por coisa nenhuma, é um piscar

no olho esquerdo, um repucho na bôca. Coisas de modo da gente. Agarrei a maginar, mas o melhor mesmo é botar sentido na anta. Atinar a derradeira paragem dela. Detrás daquela sapopema, carrego no apito. Quem não sabe se está por perto. Sem saber de perseguição, não se avexa. É aí, andar moleirão, carcando o pesão no folhiço. Êste o segundo, soprar um melhor por derradeiro. Ali adiante, outros três. Assim que se faz, a mode não ariscar a bicha. Saiu como que ela. Calado. Fiiite...fite. Respondeu, aqui? Ali na altura do socavão, no pé da terra. Nessa situação, logo agora, êsse estrepe de murumuru, um tanto assim enfiado no pé. Deixa ficar, tiro depois, no gume da faca. Agora é que não. No que quase corri, já em riba da terra. Boa posição de mandar fogo. A questão é não estar encoberta por fôlha de inajá, sororoca, no meio de buçuzal. Tornou a atender, apito mais fino, quer que o macho vá lá. Tomar aproximação, bem devagarinho. Dali veio o sôpro dela. De onde, então? Mais naquele rumo, por assim, assim. Um bordo por aquê-le lado, pode estourar na carreira. Foi por ali mais uma coisinha. Lá está a bichona, deitada, a tromba no ar. Se sentir vai correr. Farejando, estou perdido. Agachado nesta tronqueira, o alvo é livre. Agora é só desviar daquela fôlha de imbaúba. Chegando pra cá, isto.

— Não te mexe, descobre a sangria.

É pôr a vista em cima, o cano cobrir, meter chumbo. Não se pode facilitar. Tiro em anta tem de ser bem seguro. A espingarda tremendo, variando do alvo. Se erro na hora, boa cagada. Andar como que, acabar perdendo a caça. O esmorecimento, acabo com êle, mirando a jeito, o peitão da bicha. Olhos tremendo, frio no corpo. Não é nem

onça, pra tanto sobrosso. Cobrir a sangria, apertar o gatilho. Vou errar. O tiro falou. Errei mesmo. Perdi o boi, filha da mãe de sorte. Chorando, agora. Tarde demais. Ajuntou os pés, arrancou com os diabos. Que saiu chumbada, saiu, de certeza. Ainda no cheiro da fumaça, vi cair aqui, levantar acolá, arrastar-se ali mais. Num de repente, desabocou terra acima. A voz do tiro escapou pela mata. O mato fechou-se acoitando o animal. Depois o silêncio, o centro vazio. Nunca não tinha acontecido dessa. Acompanhar a batida, seguir pelo sangue. Com essa incerteza de tempo, chuva branca aí a desabar. Chuva grande. Vai entrar pela noite. Deparando a bicha, volto antes do anoitecer. Amanhã arrumo companheiro, ajuda a carregar. Como teria de acontecido, se mirei na sangria. Bicho tão grande, não posso ter errado. Apanhou foi de mal posição, vai derrear distante mais. Sangue deixou. E o estrupício que fêz, torando pau, arrancando cipó. Levou de arrancada tronqueira um isto de grossura. Botoi-se n'água, atravessou esta vertente, o sangue ficando. Só aqui, quase um litro. É bem possível que se entregue. Avariada como está, bastante intirizada. Qual nada! Em anta não é de confiar, tem fôlego de gato. Sai a bom correr. Cai aqui, levanta ali, se apruma mais adiante, vai morrer nas terras centrais. Quando não escapa, o couro pepinado de chumbo. Cuidar mesmo, enquanto a chuva é chuvisco. Descarregando de vez, pegada, sangue, quem disse. Fica aquela corredeira, chega a enxurrada, apaga o vestígio. No ir no desvanecimento, das horas não me dei conta. Umas quatro, por aí assim. Miserável chuva branca, agora apertou. Devia de não cair agora. Começa na morosidade, o vento açoita, entra pelo dia, segue pela noite. Não tem

outro jeito, é aguardar que passe. Fazer rabo-de-jacu. Com pressa, Luís Chato. Atar a vara atravessada nas árvores, jogar palha em cima. Fôlha de inajá, umas cinco, é o tanto. Mais ligeiro, molhado é frio de matar. O temporal desarvorado batendo nas palhas. A noite como que vai me chegar nesta situação. Com um único cartucho. A espingarda, desconfiado dela. Deveras, vida de mata tem cheiro de flor, raiz, mistura de muitas coisas. É quase ver mulher deitada com homem. Chamarisco de fêmeas, convite a mais gente a nascer. E a chuva caindo. Fumaça debaixo de rabo-de-jacu, cigarro de caboclo.

Chuva caindo, tapiri chora em cima da gente. Aquela dorzinha por dentro. Solta pingos da piquiarana, daquela altura, o ruído é mais assim, maior. Bate, corre pela ponta da palha, esburacando o chão. Aí vão unir-se, crescem em enxurrada. Dos outros temporais não há receio, arreia sem preguiça. Pancadeia duma vez, anda avexado. Daí, é estrondar longe trovão, o nevoeiro se vai. O sol rasga o tempo, o lavrado de luz limpa a folhagem. Isso que mais acontece na estiada do verão. Inverno, não tem que pensar, chuva é assim mesmo. Cai forte, vai afinando, ajusta o tamanho de cair, fica aí dia inteiro. Chuva branca, essa então, é que nem não tem fim. Morosa, sem hora marcada de estiar. Vê-se uma melhorazinha, se diz que vai findar. Larga de nôvo, bota horas, dias às vêzes, o pau a desgalar. E quando vento açoita, arrancando galhada, tombando pau, muito pior. No escurão, ainda mais feio. Noite sem lamparina, homem amofina, valente arrenega. Seis horas, e é dizer meia-noite. A inambu-relógio piou quem sabe aonde. Apertando a dorzinha, lá dentro alvoriçando o sobrosso. Pancada de gêlo. Um nada no centro. É o só escutar o ronco da barriga, igual gemedeira de mutum. Até engana. Coisa ruim devia de não aparecer, amargo na bôca, cuspe amarelo. Ainda com trovão, rasgou

no ar, a mata se assanha. Gritos, piados, gemidos, o esturro de onça, findando com tudo. Antes o relâmpago, tira a cegueira, vai se ver longe a feição da mata. O rebaixo da terra, o mondrongo de barro, lombada de chão, a luz a perder-se nos socavões. Espinhaço das terras gerais. Galhos abraçados, raízes amigas, cipós disputando lugar. Mata cerrada, encurtando o de ver. A vista apagando quase aí bem em cima. No alto, é seguir por igual, copados unidos, vêzes falhando pra variar. Fungando ar emprestado, comendo da mesma terra, varrendo o que tinha de bom. Agora é tremedeira no corpo. Fogo, só com cavaco de breu. Verde assim mesmo, pega. Lenha perto, sem sair do abrigo. Crescendo devagarinho, a madeira chorando. Foi botar mais cavaco, animar coisinha. Soprando melhora. É querer abaixar, vem a tonteira. Espertou mais pouquinho. Ficar nu, secar a roupa, esquentar a frieza. Derrear o corpo, dormir quem disse. Onça não trasteja em noite chuvosa. Verter água, bem aí na biqueira, sem sair fora. Costa na sapopema, as fôlhas abrigo. Cartucho, um zinho ainda tenho. Sem lanterna, tiro sem rumo, afugenta. Alentando o fogo noite inteira, a bicha não faz das delas. Tudo isso, êsse vexame sofrido, por causa da maldita. Onde andará nessas horas, intiriçada como está. Correu aos tombos, levanta aqui, cai acolá, se foi dêsse jeito. De encontrar, pouca esperança. Se calhar fura mato dia e noite. E os filhos em jejum, sem janta. Será que rico tem privações. Larga a filharada em casa, na maior necessidade, passando fome? Meninos entanguidos, magros, empambados. Olhos saltando da cara, pele em cima dos ossos. A mulher então, essa nem se fala. É aquêlê langanho de sêca,

bôca chupada, feinha. Idade, aperturas. Quando môça até que era bonita, cobiçada. Mas tão boa. Ajuda na limpa da roça, na derrubada, serviço de homem. Ninguém igual pra fazer farinhada. Pega certo no rôlo, dá conta da urupema, sustenta de ri-jo o remo na torração. Faz uma coisa e outra, o bicho no trabalho. Ainda tem lá os afazeres dela de casa. Os meninos ao lado, no adjutório. Aquêles as-sinzinho menor, botou cada bicha semana passa-da. Na cidade, uns tebas de meninos, vermelhos. Os daqui, só barriga, amarelidão. Cada um mulhe-rão rosado, dentes branquinhos. Môça dêsses la-dos, só é caco. Que nem dente de gafanhoto. Bei-ço branco, dalgumas até meio roxo. De possuídos tiveram uns por aqui, na cheia grande. Caçam por brincadeira, a gente por precisão. O motor, o maior luxo. Comida e bebida um estrago, faltando pros outros. Gente até sem bondade. O tal úisque dêles, cachaça fina. Só que não dá nem pra esquentar. Falam ser americana, bebida cara, um dinheirão. Dias de ganho de trabalho da gente, foi o que disse um. No meu dizer, fome é vermelha. Fico na tei-ma nisso: que nem sangue. Zé Pretinho morrendo, o banzeiro manchado, o jacaré disconforme. A água abrir-se, desaparecer para sempre. Inambu-galinha, choro mais triste, mais frio. Pio das sete horas. Geme sem necessidade, não carecia. Tem à ilharga a companheira, se calhar filhos também. Aiii...hum... Nesse vai, meio acordado, meio dor-mindo, por assim dizer cochilando, perdi sentido uns poucos de horas. Deus que me livre, foi só na-quele modôrra leve. Com luz ainda, ainda. Mas na escuridão, quero ver homem desabusado. Cisma logo em onça. Bicha malvada, se agacha, vem se arrastando, quando menos se espera, é o salto nas

costas. Só ataca assim dêsse jeito, no flagrante. Em noite molhada, não faz parada. Na malvadeza dela de matar, ronda até amanhecer dia. Pisando leve, com o chora-chora da palha, quem ia atinar. Chororó bom é em casa, sossegado, seguro. Vem um sono, dá uma preguiça. A estropiação fêz dormir sono pesado. Aí entregue às onças, Santo Deus! Deveras, bem-te-vi piripiri cantando, madrugada amanhecendo. Vai clarear, com o tempo fora. Chuva branca não para de logo. Uma aporrinhação. Faz um estiozinho, alenta de nôvo. Fica na lenga-lenga, parecido mulher. Em todo causo, o dia alegre, acorda a mata. Dá coragem, acaba esmorecimento. Manhã lenta, o sol escondido. Não enfrenta chuva branca, tem mais coragem com temporal, daqueles de nuvens pretas.

O barro encharcado, água despencando do alto das terras, tomando os baixios. O sol aí se espreguiçando, amoitado nas nuvens. O mato afogado, a folhagem alegre, pingando, a vida do centro em silêncio. Há coisa de desdonte, sem nada comer. Vem essa consumição, a dor de barriga aumentando. Que devia de ter pra despejar. Cu de pobre caga de teimoso. Bostinha miúda, mirrada, ressequida, igual de cabrito. Ir ali mais desapertar no igarapé. Foi me botar fora do rabo-de-jacu, corpo quente, o chuvisquinho aborrecido. Chuvinha doída é a da manhã. A gente sente como que agulha, varando a carne. Neste pau atravessado, bom lugar. Se não me avexo, como que ia de ver o estrago feio nas calças. O suor frio bem dizia que devia de estar na hora. Fazer precisão dentro de igarapé, melhor que em casa. Dá até gôsto. O cigarro na bôca, se pensa cada coisa. Bateu n'água, apareceu peixe. Vá se saber onde se mete tanta piaba. Começam a bulir, puxam pra cá, arrastam pra lá, destemperou. Coisa distiorada alimenta vida. O que dizem que não presta, serve também. Fôsse comer, desse dinheiro, ninguém ia rir de fome de pobre. Merdinha, não dava nada. Rico tem mais o que descomer. Muito mais ganho, come à vontade, caga o que quer. A gente perdia sempre. Duma

feita, um desrespeito, logo na porta da igreja. Faz raiva lembrar. Naquele tempo, dia que me juntei com Mariana. Trato de pobre, como podia ser, dentro das posses, dos meus guardados. Aquela ricaça, ainda ir fazer troça dos trajes da pobre. Olhou bem nos botões da grinalda, botou-se a rir. Riu a valer, na cara da gente. Mariana encabulada, chorou de vergonha. Talvez não fôsse bonito. Dinheiro escasso, tostões, dias de trabalho. Foi o que se pôde arranjar. A vizinha, mais arremediada, ajustou no barato. Me reinou meter a mão na cara da môça. Foi só o que ferveu na cabeça. Ensino a não mangar de quem nem conhece. Pobre sofre muito. Sofre mesmo. Vê os seus, mulher morrer de necessidade, filho chorando. Pedindo farinha, reclamando peixe. Tendo chibé se contentam. Não tendo, o menor a gritar o dia todo, a gente sem poder fazer nada. O mais crescido, só faz olhar, esmorecido, capiongo, acororado nos cantos da casa. Brincar não brinca. Do jeito que nem pra carregar água, presta. Precisão em beirada de igarapé, tem gosto diferente. A bom maginar, tudo mais bonito. A água se arrojando apressada, espumando nas quedas, amarelas depois. Lavagem da enxurrada nas terras, podridão das fôlhas que leva. Centro tem do bom e do ruim, mucuim por demais. Amontoa na virilha, acumula na cintura. O saco parece um pimentão de vermelho. Só quando a coisa é desgraça, golpe, estrepada, que se enxerga sangue em caboclo. Dá até vontade de esfregar a danada da bunda no chão. Coçar a valer, cortar a comichão duma vez. E êsse um carrapato, bem fêmea, foi pegar na cabeça do troço. Só pode é ser. Passando tabaco, larga por si. Tentar arrancar, fica o dente, arruina. Uma chateação. Mosquitos entrando nos olhos, pro-

curando remela. Varejeira, é aí roncando no ouvido. Pium não tem, nem maruim. Mutuca, tem algumas pro gasto. Morei num rio, êsse sim, tinha de tudo. A noite os carapanãs, de dia era pium, borrachudo, maruim, mutuca. O inferno era melhor. Esperando o que, se já acabei. Limpar com fôlha de pariri. Lavar a bôca, vê se deixa êsse amargo. Água na cara, espanta o sono. Foi querer meter a perna na calça, quase me arreio. Não me agüento é de fome. Se a bichona está morta, deixar de presa. Primeiro aquecer a barriga, encher o ôco. Depois sim, localizar o boi, voltar pra casa. Atear fogo, fazer um chazinho de preciosa. Não carece de andar muito. Na mata não falta, aqui logo tem árvore. A casca é que serve. Barriga vazia, bôca fedendo, gôsto amargoso de cuspe. E açúcar? Ora açúcar! Se pôr todo luxento na mata, se em casa de raro aparece. Muitos dias sem ter. Mas só chá não resolve, faltando pêso no bucho, carecendo comida grossa. Com tanto peixe aí bubuiando. Torar paracuuba, fazer um arranjo, preparar um arco. Ê tecer envira de cardeiro, taí a corda. Marajá, afinado na faca, faz vêzes de flecha. Palmeira rija, ponta pior que prego. A demora mésmo, é ajeitar o arco. Traíra tem com fartura. Peixe bêsta, anda pouco. Leva mais tempo parada, quieta, acostada nas margens. Matrinchá, tucunaré, arisco demais de levar flecha no lombo. Vivem sempre avexados, não param como traíra, carauaçu. Flecho um, dá pra agüentar a batida. Pegar novamente o destino da anta. O tempo, se dizer, vai limpar pela tarde. Sinal disso. Vento de baixo, nascente clareando. Falo assim que é nascente. As árvores pendidas pros lados de lá, poente. Não devia de confiar. Só acreditado em estiada, o céu descampado, sol lavrado, no azul sem nuvens.

Quase um que de hora nessa arrumação. É o peixe negaciar o corpo, perder a flechada. Bichinho ladino, escapuliu. Flecha sem gancho, não há segurança. Arranjo de necessidade. Fôsse a do meu marisco, sacava uma merda. Até piramutaba, o diabo, respeita. Não tinha errada, variar não varia. A água toldou, deixa clarear. Sacou mesmo, bem tinha dito. Saiu um bocado estragado. Me arrumo com outro. Tem êste um fito, ali debaixo do pau. Esperar se pôr a jeito. Sai logo e deixa de bater as barbatanas, parado. E vêm êle. Alojou-se entre a tronqueira e a fôlha.

— Deixa disso, bichinho. Te põe a jeito de receber flecha no costado.

Já vai novamente? Fica quieto, deixa de arrumação. Aquietou, mando a flecha. Assustou-se, queda de pau. Banzeirou, com o buliço n'água, correu. Se acostou, rentinho ao solapo. Se pensou em se meter embaixo da raiz de abiorana, escapa. Tinha tanto inda agorinha. Onde se acoitaram? Só êsse um zinho, oferecido. Dando tanto trabalho, já se viu? Época da fruta, fevereiro, março, abril, quando já tanta paciência, desistia. Não perdia tempo. Piquiá, tucumã, pajurá, uixi, com farinha, até em casa resolve. Os meninos enchem a barriga. Desaperta. Agora só sôrva, começando a arriar.

— Bota o corpo, mostra o tamanho, e vê o resultado.

Alvo pequeno. Mexe as barbatanas, aguentando-se, luxento. Não quer decidir. Foi para frente, foi para trás, abocanhou o gafanhoto. Chega a tua vez, bichinho. Não entra no balseiro, folhiço, vais ver como é. Bem lá perto. Será que entra? Vai com essa intenção. O olho aqui piscando, a bôca encolhendo, no jeito de sempre. Quando botei tenência na coisa, dizia que era vento. Mas tudo calado, só aquela árvore buliçando. Especular o que deva ser ser. Bando de guariba. Caiu do céu, na hora precisa. Nas minhas cismas bêstas em atirar em macaco. Cada marmota que faz, parece gente. Tapa o buraco do ferimento com fôlha. Deu-se êsse causo comigo certa feita. Correu aquêlê arrepio pelo corpo, um sobrosso danado. Quase que nem não tinha coragem de tomar seguida. Daí pra cá fiquei assim cismado. Guariba mesmo. Dizem que faz doutras coisas. Mostra o filho, cruza as mãos, cobre a cara na hora do tiro. Comigo nunca se deu dessas. Doutra, atirei nos bichos, levei uma cagada nos olhos. Cagada de medo. Fiquei foi tempo, desorientado, sem nada enxergar, um ardume no olho. Me benzo e mando chumbo. Nem cai nessa, Luís Chato, sabe o que é mata. O derradeiro cartucho, pode acontecer da anta estar só ferida, avariada de pouco. Surge aí uma onça, outro bicho qualquer. Mas dessa não devia de fazer, perder o que vem de ficar. O capelão ali se mostrando, o peitão descoberto, ajustado na mira. É... guariba só no leite da castanha. Com carne de anta perto, pensar em comer macaco. Contentar a fome, no peixe mesmo. Estava, mas não está mais. Aonde que foi? Botando arreparo nas guaribas, logrado pela traíra. Foi adiante, acolá mais. Quieta,

confronto à fôlha de patauá. Vida só no rabo, batendo. Fôlha podre tem côr de peixe, a vista confunde. Jita demais. A outra que era mais assim, maior, flechei mal, escapuliu. Como isso gosta de morar na mãe-de-rio. Tôla que faz gôsto. É aí no baixio, pra quem quiser pegar. Essa daqui, tão alvoriçada, arisca, nem tomar chegada se pode. Outra qualidade de peixe, valia a pena bajulação. Mas essa, carne sajica, desenxabida, muita paciência tanto agrado.

— Te chega pra cá, mais um tantinho assim.

Perdendo tempão enorme, à toa já. Carne ruim, sem sal pior ainda. A paciência fracateando, acabando duma vez. Se bota logo de jeito. Acaba com a pavulagem. Assim, mais de lado um pouquinho. De cara, olhos feios, má posição. Capaz de resvalar. Isto mesmo, como eu queria que ficasse. Toma! Levou flecha no tôco da cabeça, chega varou. Foge que eu quero ver. Taí o resultado, deu trabalho mas veio. Era melhor ter se entregue logo. Lutou, lutou, e morreu sempre. Pode bater-se, sujigada como está, da minha mão não sai. Lavar direitinho, estripar. Tirar a guelra. Fazer fogo brando. Casca de pau, braseiro melhor. Não sabreca, moqueia de todo. A barriga vai sair da miséria. Vazia desdonte. Devia de pensar agora no insôso, falta de farinha é pior. Faz pêso, enche mais. Depois. Depois o quê. É pegar a ponta da terra alta, centrar aí desabusado. Acompanhar o vestígio da anta.

Chuvisco fim de chuva, pior que chuarada. Basta o respingo, dá de aparecer esquenência. Engrossa carôço no corpo, pode contar com defluxo. Dêses males, sou um bocado entendido. As vêzes engana doutor, mas nunca se deu me iludir. De comêço uma febrizinha morta, depois a catarreira, doença que mata caboclo. Vai indo assim sem logo sarar, acaba em puxação. Mas isso é mais nas crianças. Descuidou atalhar, beber água no gogó de guariba, bate a sufocação. Curumim se acaba só no engulho da baba. Nos grandes, defluxeira acaba em tosse. Daí vai mirrando e a família acaba dando café a convidado. O quarto aquela alegria, um gasto danado. Tem gente desabusada que até reclama. Diz aí ao parente do morto que está faltando cachaça. A que tinha acabou. O defunto, muito bem deitadão, não quer saber do prejuízo que deu. No baralho, dominó, aí velação inteira. Arengam, gargalhada não falta. Uma pouca vergonha até no terreiro, com as cunhatãs. Naquela animação de sereno de festa. Correu notícia de morte, começa a avacalhação. Tem velação na casa dêsse ou daquele, parece que vai ser animada. Aquela zinha furada de pouco, do causo que acabou na polícia, me disse que vai sòzinha. Xiri sôlto, sem pai por perto. Solta o que é dela, mulher beneficiada não tem perigo. O mano mais môço, foi o derradeiro

a pegar, e por um quase se enrasca. São assim as conversas. Pessoal abusado. É saber que tem gente nas últimas, começa a vadiação. Vem saber como está, fica logo de véspera. Na velação do Chico Piaba, que Deus tenha a alma dêle por lá, cabaços, uns dois por aí. Calcule numa coisa de respeito, disso acontecer. Sofrimento de pobre, entêro tem de ter convidado. Vai o ganho do ano, no fim se enterra é na rêde. Trabalho, nos derradeiros dias de vida, tem que fazer. Velhinho agarrado no serviço, largou morre no maior desamparo. Deveras, cuidar mesmo, deixar das coisas acontecidas. Cansar tanto, encontrar lá um e outro vestigiozinho apagado. Vai botando no centrão da terra, sempre debaixo do sol. Sangue não se vê. Também com tanto aguaceiro. Meteu-se neste cerrado. Quebrou à direita, tomou pelo socavão. Como resiste vencer tamanha ribanceira. Diabo dura de morrer. Mata diferente, paragens que nunca não tinha visto. Se já cortei muita terra, desdonte logo cedo, a bom caminhar. Sororocal fechado, unha-de-gato, cipó-de-fogo, tiririca, mais parece capoeira. Tirar caminho bordejando a touceira de marajá. O pé aquela desgraceira de espinho. No solado grosso não entra, aí só estrepada de tôco. Braço e perna, aquela lástima, todo lanhado de tiririca. O boi não escolhe lugar, atravessa no meião, leva tudo de eito. Saltou por cima dêste balseiro, furou aquêle bugi que mal dava esprimida. Ainda resiste muito, bota tempo. Largou uma coisinha de sangue, tiquinho só, do esfôrço que fêz. Mal-a-mal aparece. Com isso, já perto de dois dias fora de casa. Demorou mais, vem o alvorôço. Dois, três, a mulher espera. Passou disso, desconfia. Se Deus quiser, hoje topo com a bicha. O difícil é carregar duma lonjura dessas de horas.

Vai em jamaxi, o pêso diminuído, os companheiros ajudam. Não há quem não queira dar uma demão. Espalhou a notícia de carne de anta, a vizinhança anima, como em dia de ajuri. Só quase no peixe, farinha, o ano todo. Pegam na animação. O Luís Chato, aquilo é que é homem. Viu um rastinho de anta, segue até nos infernos, mas traz. Já viu, vá vê. Matou uma disconforme de grande. O homem é um danado, parece um cachorro pra farejar caça. Encontrou trilha, anda três, quatro dias, mas feio não faz. Pegam a beber cachaça, diz — que pra ter fôrça de carregar. Entusiasmo da bebida, alegria de pobre. Aqui frateou, derreou-se arranhando o barro, batendo as pernas. No quase entregando a vida. Faz cada rodeio igual corredeira de igarapé. Toma rumo direto num ponto. Segue aqui, volta ali, passa no mesmo lugar. Puta merda! Deus te salve. Falam que é lembrança de alma, quer missa, salvação, quando se leva topada. Com essa história, o dedão arrombado, a gente tem que chamar é nome, se esquece de Deus te salva. Sei lá se morreu pagão, quem mandou não se batizar. E eu é que vá pagar pelos pecados dos outros. Ainda por cima, perder a inambu. Estava aninhada naquela sapopema. Tempo de filhar, capaz de encontrar ovo. Alimento forte, levanta esmorecimento. Lugar mais limpo. Estava mas era ciscando, catando pedrinha, comendo minhoca. Coisas que a terra dá com fartura.

A bom andar, caminhada sem fim. Terras gerais diz que encosta no céu. É atirar os olhos à distância, a vista perder-se no sem fim. Centrão medonho. O corpo já a não valer nada, com tanto desvio. Passar balseiro, subir, descer socavão, uma chatice. Esmo-recido, tonteira, o pé cheio de estrepe, bem avariado. Não sei que deu no juízo perder tempo à toa. Depois dessa estropiação tôda, o jeito é continuar. Deve de andar perto, correu bem intiriçada. Apanhou carga de chumbo segura. Mirei na sangria, difícil escapar. As vêzes se perde muito por falta de paciência. Quem resistiu até agora, mais há de agüentar. Depois, carne em casa é fartura, se larga de maginar em comida. Logo em tempo vasqueiro de peixe. Os lagos tomando água, ficando igapós. Quero que seja a anta. A coisa buliu detrás do umarizeiro. Será que é ela? Coisa nenhuma. Cotiara, caça pequena. Desapareceu como veio. É serenar chuva, basta estiar pouquinho que seja, cotia sai pra comer. Devia de ter mais cuidado. Pisando assim grosso, só se vê o carreirão. Vamos que fôsse a bichona, tinha perdido. O upa era grande, o estrupício maior. Ainda lonjura dava de ouvir o arranco. O baque das quebradas de pau, a folhagem fazendo zoadá. O mato rasgando, abrindo caminho. Numa consumição dessa, por necessidade. A água fendida, os dentes do bicho san-

grando, Zé Pretinho encharcado de sangue. A cara dêle amargosa, mais feia ficou. Digo que é... Amofinando de hora pra hora, espingarda pesando, é canseira. Mata batida de ontem a hoje, estropia. Assim estou resolvido, se encontrar volto, se não faço o mesmo. Chega de tanto aperreio bolando na mata de um lado pro outro. Arriscando até me arcar. Deve de ter virado por noite adentro, leva muita terra corrida na frente. Na esperança ainda, porque não comeu. Sinal que levou muito chumbo. O rasto aqui até que se vê mais ou menos. Palhal, chuva devassa pouco. Palha branca daquela boa pra fazer cobertura de casa. Mas nessa lonjura, lombar nas costas, quem ia agüentar. Ora essa que merda! Comeu sim, fruta de ajaraí. Pista de outra, dela mesmo, rastão conhecido. Uma fêmea que não tem tamanho. Se comeu é porque não vai tão ruim. Comer não comia, era correr tempo todo. Mas se aqui, ali, larga um sanguezinho, por que esmorecer? Segue agora outra direção, deixou de caminhar debaixo do sol. Tomou o rumo da beira. Penso assim que foi beber água. Botou o peito no igarapé, atravessou. Dêsse lado a trilha sumiu-se. Na certa saiu por dentro d'água. Carece maginar pra onde se foi a condenada. Com um cigarrinho na bôca, distrai. A enxurrada foi grande, uma pausada danada na corredeira. Andar num descuido dêsse, agachado de frente para o afluente. Ninguém não se bota assim. De costa que é posição segura. Pintada, a mais traiçoeira, quando se vê está em cima. Pisa de leve, só quebra graveto, ninguém não sente. A mode tem mão de algodão. No menos se espera, aparece. Se calhar vir de frente, encara o homem, franze a cara. Surge assim se anda descuidada, mas o negócio mesmo é vir pelas costas. Atrevida e valente. Como devo de fazer? Vasculhar pri-

meiro o igarapé, rio acima, depois rio abaixo. Especular onde botou a cara em terra. Passou faz horas. Água limpa, toldado nenhum do rebuliço do pesão da bicha. Me logrou mesmo. O barranco arranhado, não foi dela não, fossado de caititu. Quem me dera topar o bando. Bastava arriar um, ficava satisfeito. Perdi mesmo. Ah! sacana, vai morrer longe. Que morre, morre, o corpo pepinado de chumbo. Apanhou a carga em cheio da dezesseis. Só maldigo o tempão perdido, passando fome, atrás dessa filha da puta. Dali em diante mais nada, o rasto morrendo no igarapé. Desapareceu por encanto, nem sei como foi. Agora é tratar de voltar, romper mata, marcha batida. Acabou-se a animação. Chegar nessa distância, acabar não levando nada. Caminhada cumprida, custa chegar. Umas quatro e meia, a tarde acabando. Começar tirar caminhada de volta, só pela manhã. Ontem, a noite mal dormida, naquele sobrosso. Tem de ser o que Deus quiser, não há outro jeito. O sol caindo, solzinho de mata. Pedacos, preguiçosos, Acorda tarde, dorme cedo. Noite, dia, os pássaros é que dizem. Cantam, se sabe logo a hora. Por cima de tudo, tempo incerto, ter de preparar rabo-de-jacu, que chuva ainda vem. Logo cedo amanhã, botar rumo na queda do sol, bem debaixo. A noite começa a tocar. Canto de grilo, sapo, rã, festa de mata. A escuridão vencendo a afoiteza do homem. Ôlho arisco de dia, não olha mata cerrada.

Risquinho de luz apertado na mata. Queda de lua-nova, quase quarto crescente, marcando perto de meia-noite. Estrêla aí agarradinha, casamento de môça. Fica até bonito, igual sinal de beleza. Covinhas no rosto de mulher. Sorriso de cunhantã. Faz lembrar das festas, rapazinho nôvo. Cachaça no bucho, um fogo danado. Cocava as cunhantãs no sereno, se topava, capoeira com ela. Na afoiteza do álcool. Dizia que não queria. Não era môça disso, namorar namorava. Coisa feia, fôsse com outra. Insistia, falava que era môça virgem. Dessas nunca não tinha feito com ninguém. Sabia que não era, a rapaziada contava. Jogava no chão, reclamava deixando. Gostava das beneficiadas, picada aberta. De ilusão de môça mesmo, isso nunca fui. Bancar mateiro, furar mata virgem. Coisas de rapaz, lembrança dá saudade. Terreiro de festa recendendo a poeira, suor de cabocla, cheiro de fruta. Mistura de flor, brilhantina, extrato barato, cheiro da terra, os anos não deixam esquecer. Amanhecia, caboclo estirado no chão, fungando alto, a cachaça no ar, seu mano levanta, tá dia de fora. Como já então, a brincadeira acabou. Relutava mas ia, resmungando a cachaça. A canoa no pôrto, esperando. Os remos batiam, pancadas iguais, cortando a mansidão do rio. Emparelhavam as canoas, assunto da festa, contavam as vantagens.

Dessas passagens, dá saudade mesmo. A essas horas, friento, sòzinho. Bem que estava dormindo, o ôlho pregado instantzinho. Alertei com o esturro da bicha. Dizia que era sonho, mas era suçuarana mesmo, no lado de lá do igarapé. Num de repente, o esturro devorando a noite, o mêdo devorando a mata. O berro cresceu, apagando os gemidos, ninguém mais falou, o centro em silêncio. Por Deus que não durmo, nem de cochilo. História com onça, fogo apagado, vinha bater em cima do rabo-de-jacu. Tivesse lanterna, podia vir. Metia o facho na cara da bruta, no meio das tochas de olhos mandava fogo. O que faz sobrosso é o pretume da mata. Com escuro, com onça ninguém não brinca. Nos descampados dos lagos, na lua-cheia, noite é azul. É aquêlê clarão, lonjura as margens se vê. Que vale é mata daqui não ter índio. Chega acho até graça, do que fui lembrar. Dias daqui, rio acima, sujigaram um prêto, queriam fazer branco. Lavaram o bichão, esfregaram, esfregaram, ficou todo esfolado, terminou não ficando. Penso que nunca tinha visto gente assim. Só de mêdo ficava. Pior que onça. Fêz o cêrco, se ouve só canto de pássaro. Sinal lá dêles. Pássaro verdadeiro, responde enganado. Com berro de onça nem grilo se atreve, a mata cai num silêncio que homem amofina. Já meio acordado, ainda esturrou duas vêzes. O fogo quase aí apagando, um perigo danado. Agora alertou, o claro entrando na mata. Êncolhido, entregue ao esmorecimento. Noutros tempos, berro de onça não intimidava o caboclo. Ia ver de perto o tamanho, às vêzes só pra contar. Trazer o couro, falar como foi. Estalou as orelhas, a cara franzida, lá sentada na frente. Se botou alvoriçada, saltando perto, o tiro cantou. Apanhou lá ela bem na taba do pescoço, em cima do rasto ficou. O pessoal gaban-

do a vantagem, contava como queria, aumentando o caso como se deu. Na hora do salto nem me afobei. Depois de tomar chegada, aí de sentir o bafo, então foi a hora. Diziam que não devia de afrontar o bicho assim, vem pegar na fumaça do tiro. E hoje nessa moleza, sobrosso por tudo. Piscando o olho, a cara encolhendo, o mêdo fervendo no corpo, se espalhando na noite. Mais é fome. O dia clareou, é atrás de comida. Com farinha, no chibé, cortava a fraqueza. Barriga não reclamava assim dêsse jeito. Lanterna ou poronga, desenrascava. Peixe no baixio do igarapé, arpuado com luz, levava haste de marajá no lombo. Com dia, só linha, na flecha. Se tivesse linha, onde ia arrumar anzol. Por flecha e arco ninguém não se enrasca. Mas peixe arisco não morre pela bôca. Botou isca, nem ao menos quer provar. Tucunaré pega, mas na pinauaca. Peninha vermelha de arara, tucano, engana o bêsta. Riscou a linha n'água, é vê o arranco do bicho fígado. Arrumar qualquer coisa. Com fome falta sustância nas pernas, e a caminhada não é brincadeira. Terra seguida, chapadão, dá pouco esmorecimento. Um pau ou outro a passar por cima, ainda vai. O que fracateia mesmo, é socavão. Daqui lá uns dez, por aí assim. O do lacreiro, o da castanha-de-macaco, o da baixa grande... Examino a terra onde passo, ensino de mateiro. Uma árvore mais alta, um pau mais um pau mais grosso, caída, parizal, bugi. Na cidade rua tem nome, casa tem número, e se calhar era capaz de me perder. Aqui, igarapé, afluente, posição do sol, lua, palhal, ou outro mato por onde se passa, é rumo. Pau tombado, também serve, marca certa paragem. Antes da saída, manhã cedo, uma voltinha no mato. Arriscar o derradeiro cartucho, só com tiro certo. Caça gran-

de, veado, porco, anta... Anta, nem de assim tão perto, não quero conversa. Levar qualquer embiara, serve. A mulher vem espiar no aceiro, quando é grande, vizinho também. Na intenção de levar um pedaço. Perder um tempinho, não custa nada. Sair pelas oito, marcha puxada, à tardinha estou pondo os pés na mãe-do-rio, pertinho de casa.

A mata tôda branca, sereno do dia. Manhã clara já era, não fôsse a cerração. Sinal de bom tempo, bonzão de calor. Hoje tucano, saracura, uru, podem cantar que chuva não cai. O sol bota a cara, a mata secando, acaba atoleiro, melhor de se andar. Aproveitar o escurinho. Veado vem cedo, muito cedinho. É bom avexar caminho. Dar uma olhadela naquela comidia de miraúba, trilhada de caça. Pegando o capoeirão, compensa o trabalho. O rasto vi ontem, novinho ainda. Nessa época, fruteira caindo, caça não falta. Na fartura tem onde escolher, numa hoje, amanhã noutra. Eu bem calculava. Vigie só o rastão da suçuarana. Foi por aqui, tornou de pertinho do rabo-de-jacu. O gato era grande, mas dêsse escapei. Rasto cortando em cima da vareda da paca. Veio atocaiar a bicha, deve de ter levado. Berrou zangada. Minha salvação foi o fogo. Acordei a tempo. A malvada não dorme, caça noite inteira. Como será que enxerga, com tanta escuridão. Deveras que é aqui a miraubeira. Um estrago, embastiado de comido de bicho. Como comeu paca, noite passada. Ninguém não pode pisar muito debaixo da árvore, afugenta. Pelo rasto, o veado está vindo comer daquele lado da terra alta. Esperar nessa rama de ingarana, trepado, boa altura. A melhor posição, o vento soprando de lá para cá. Veado, bicho bêsta. Vê gente, fica

admirado, encara. Só quando sente, bota a correr, nem cachorro pega. Se não sente, fica abismado, dá tempo de fazer pontaria. Só tem que demora tomar chegada da comidia. Vem com tôda cautela, pisada lenta, escutando perigo. A vista cansando, olhar de um lado pro outro. O bicho nada, talvez que venha, o rasto é nôvo. No centrão das terras, menos arisco, pouca perseguição. Se anda desconfiado, é corrido de onça, errado de tiro. Andasse ela nessa comidia, até rato e mucura nunca mais não vinha. Espera duma hora, bicho nenhum. Será que a suçarana passou à noite por aqui? Evém êle, pisada mansinha, focinho no ar, rumo da miraúba. Custa tomar aproximação, mas vem. O negócio é não sentir. O vento está bom, tomara não mude. Comeu uma raminha ali. De que foi? Ôlho de buchuchu. É um dengo no andar, jeitinho de mulher, a carinha também. Por isso que chamam o Pedrinho Tua Vez de veado. Uma fila de homem na picada, servia o pessoal. Alguém apressou. Pedrinho zangou-se. Gritou alto: chega tua vez. O apelido ficou. Nem se incomoda, podem chamar. Só diz que não foi bem assim. Parou novamente, a cara no ar.

— Pode cheirar vento. Meu pixé não vai sentir.

Soprou. Sempre desconfiado. Olha para um lado, olha pra outro. Come pedacinho ali, remancha acolá. Fareja num canto, muda um passo adiante, espia onde vai. Na morosidade, chateação.

— Aumenta êsse passo, seu merda.

Parece que escolhe onde pisar. Mêdo de espinho não é. Até a perna arreia com preguiça. Ainda respingando, resto de sereno. Chôro de árvore, uma tal de exsudação. Foi que disse o americano pegador de borboleta. Pura tapeação. Para que então serve a bichinha. Veio foi especular a terra dos outros. Tirar

ouro, atrás de terra que dê gasolina. Querendo o que é da gente. Mandando pegador de borboleta, depois fica dêles de vez. Caboclo não tem ciência de cuidar, só os sabidos de lá, estrangeiro. Muita gente na cidade diz isso. Um homem que falou foi prêso. O delegado meteu a borracha no pobre. Não calou, falava muito. Diz-que se passava miséria por causa do gringo. O delegado disse que era mentira. Coisa de patriotismo bêsta. Que até ajudava os pobres de nossa terra. Mandava feijão, leite, manteiga. . . Penso que estava mentindo, nunca vi isso por essas bandas. O homem insistia que mandava porcaria, pra tomar o nosso ouro negro. Nunca vi ouro negro, só amarelo, não entendi. Achei besteira. O homem não parava, dizia que estava na democracia. Podia falar. O delegado gritava, mas cachorro de mau patriota não pode. Borracha no homem. Apanhou até na delegacia. Depois desapareceu. Ouvi falar que mataram. Que não é proibido matar gente falador do país irmão. Falou-se muito, o povo esqueceu. A maginar tanta coisa, um acontecido traz outro. Lembrei do americano, lá veio um montão de besteira na cabeça. Cair na asneira, comentar na cidade, cadeia na certa. Caboclo safado chamar americano de ladrão, atrevimento. Pensava assim, mas acompanhando a intenção do veado. A fome apertou, vem vindo ligeiro. Atiro agora? Deixa parar, chegar um pouco mais. Bem em cima, comendo miraúba, se errar muito azar. E o cartucho foi bater catolé. Rodar, deve de ser frieza. Bateu novamente. Sentiu, parou de comer, a perna no ar, na escuta. Arrancou com os diabos, destabocado. Falta de sorte miserável. Cartucho frio,

negou fogo. Se calhar foi o bode da mulher que me empanemou. Deve de estar na lua. Se tivesse dito, não vinha. E ela sabe disso. Por que não me disse? Jogar essa merda de cartucho fora. Não quero saber nem de paca no buraco, pra pegar com a mão. Muito de ser capaz de tremer e não pegar.

O sol vai indo aqui. Quebrando o rumo mais à direita, sair no varadouro. Nada de tocar direto na mãe-do-rio. Nove ou dez horas, caminhada batida, dá pra chegar. Das oito, cozinha já passa. Tempão gasto mesmo foi na vinda, andando devagar, voltando demais. Voltar mais ou menos na reta. O varadouro quero que seja nesta direção, um quase nada pra cá. Cair um pouquinho à direita, sair em cima. Com a barriga vazia, reclamando, não tem nada não. Quebrar o jejum, acender fogo, preparar chá, só que posso arrumar, toma um tempo danado. Largar a mata antes da noite. Na escuridão, desarmado, diabo é quem fica. Que vale a espingarda sem munição. Tem faca, mas pra que serve. Se fôsse ao menos terçado. Como que ajudava mais. Amiudando nas pernas, pelo menos chego perto de casa. Mata limpa, muito batida, menos perigo. Nessas terras gerais, sòzinho, sem arma, muito arriscado. Por muito homem, ninguém não conta coragem. Mas assim destabocado, sabe lá se agüento. Devia de ir mais no vagar. As pernas aí fracateando, ainda aparecer tonteira. Vendo bolinhas, tudo azulando na vista. Parando, pode não dar pra chegar com dia. Com esta tonteira, tombando, sentando um pouco, como que não faz diferença. E é aqui nesta caída de quariquara. Melhora, quase um nada, aos pouqui-

nhos a cabeça aliviando. Parada rápida, aproveitar a estiagem. Tempo limpo, o sol queimando a cerração, rasgando a mata, a luz furtando passagem. Ali não devassa, bacabeira, inajá, empatando entrar clareza. A terra encharcada, os pés afogados, água miando entre os dedos. Raízes saltando da terra, tufando o terreno. Em cima rendando, os braços escavando a folhagem, o chão encoberto e fôfo. Ambés, tiririca abraçados nas árvores, a ananarana fechando, guardando umidade, num entamiçado danado, empatando caminho. Com tanto aperreio de vida, ainda me meter nesta, besteira de procurar anta ferida. Não carecia tanto. Agora muito pior, fome aqui e em casa. Como andarão as coisas por lá? Na certa a mulher já pediu farinha do compadre Juvenal. Quem sabe até se o maiorzinho, o assim mais taludo, não puxou algumas sardinhas. Menino espereto, entusiasmado, todo metido a ser homem feito. Ninguém não diz, mas ajuda muito. É quem garante a mais das vêzes o bocado de comer pra casa. Na beira, aí, manhã, tarde inteira naquela paciência. O peixe beliscando, furtando a isca, bota outra, atira a linha, fica esperando. Candiru, piranha, carataí, que mais faz dessas, o tempo todo comendo a isca. Um dia fisgou um dourado, aperreou-se, com a força do bicho. Atou a linha no taxizeiro do pôrto, botou-se a gritar. Fui lá vê do que se tratava. Dei linha a valer, cansei o bicho, sujiguei depois, puxei pra terra. Tinha fisgado um dourado dos grandes, não era pra idade dêle. Falou no acontecido semana inteira. Era vizinho chegar, carecia ouvir do feito. Conversa que nem não tinha fim. Tinha pegado um dourado que não tinha tamanho. Indicava o lugar, o como foi. Beliscou de leve querendo lograr, não liguei. Quando ferrou forte, vi que estava na hora, amassei a linha,

o bicho arrancou. Gostei de ver o entusiasmo lá dêle, caboclinho taludo, animado a ser homem. Coisas de filho da gente, pai só conta vantagem. Mas de fato, fígar dourado dos grandes, nessa temporada, rio cheio, não é muito fácil. Deveras que foi, só pode é ser. Culpo Mariana por essa desgraça de panemice. Sabe bem que tenho cisma de mariscar, caçar, quando está na lua dela. Por que não disse? Vergonha não é. Das vêzes que quero, a desculpa é essa. Por que escondeu, se antes me disse, não vinha há mais de mês. Tomou até chá de maria-mole, a modo arriar. Naquela teima de sempre, não quer pegar filho pra ver passar fome. Lembra os dois que perdeu, até já grandinhos, os olhos chorando, bota a falar. O leite escasseando no peito, os bichinhos secando, perninhas mirradas igualmente a cipó. No caldo de peixe, farinha com água, comer de pouca sustância, dessas desgraceiras acontece. Morreu o primeiro, outro que nasceu no ano seguinte, o mesmo destino, do mesmo mal. Foi aí secando, as pernas mirrando, os olhos pulando da cara, a pele aquela brancura de carne de peixe. Um dia acabou-se só pele e osso. Os olhos que mais se enxergava naquela brancura de carne. Mas devia ter dito do bode. Chegando em casa, arenga vai ter, falar como quero. Bater nela não bato. Isso se deu uma vez. Tamanha surra de galho de cuieira. Mariana correu casa afora. Vizinho que se meteu, apanhou. Desafiei todo mundo. Gritava que ali no lugar ninguém não era macho pra topar parada comigo. Gente frouxa, bando de machos tristes, cornos safados. Tinha fumado dirijo, só por provar. No princípio foi bom, sonhar com riqueza, muito dinheiro no bôlso, mulheres de todos os jeitos. O tal de uísque aí, a beber com fartura, jogando até fora. Sonho bom, alegria de

pobre. Depois desandei a valente, desconheci compadre Juvenal, meti-lhe o braço na cara. Não se esquece, fala sempre, mudo de conversa. Uma vergonha danada. Nunca mais quis saber de dirijo. Fumei por experiência. Tem gente que resiste, diz que é bom, só dá de sonhar coisa bonita. Depois dêsse causo, a mulher se pôs intrigada, não deixava. Passou mais de mês dizque de bode. Custou amansar. Quando amansou, no ano seguinte veio filho. Foi até um dos zinhos que morreu ainda jito, não botou janeiro. Naquela enrascada, cheguei a apalpar a filha do compadre Joca, lá no roçado. A menina riu, virou as costas, não reclamou. Tive medo arriscar. Se insistisse, deixava. Cabocla quando dá risinho, se põe encabulada, dá na certa. A bichinha estava começando a crescer, peitinhos aguados, ficando mulher. Naquela hora maginava tudo. Por baixo, criando fiapo. Que vale que nesse dito dia, Mariana deixou. Zangada ainda, nem ligava, servia de qualquer jeito.

Na paragem varação do mato, saindo no varadouro, duas itaubeiras das grandes, unidinhas. Um mulateiro largando a casca, na primeira curva. Esquecimento, vir quebrando alguns galhinhos, fôlha de palmeira, melhor sinal de entrada no mato. Boa orientação. Tudo maginando pegar a anta, deixar ponto marcado, esqueci. Não seja por isso. Passou a caída do pajurá, o varadouro está aí à vista. Se vê logo o clarão. Claridade na mata, caminho, beirada de igarapé, socavão ou descampado. Tirada longa, duas horas puxadas, o tanto andado. Fumar o derradeiro cigarro, enganar a fome. Em casa já devem de estar alertados. Mariana começa a botar sentido, desconfia dalgum acontecido ruim. Um dia, dois, calcula que matei alguma caça, mais, vem o alvoroçamento, manda gente procurar. Naquela calma, essa tardança tôda, pode contar, foi bicho grande que matou, conheço o Luís. Pegou trilha boa, perde a cabeça, quer voltar trazendo. Entra dia, sai dia, mata afora, na perseguição. Deveras são assim as coisas, fôsse rastejar, era perder tempo. Aquêlê queixada tão desavisado, sem pressentir gente. Sòzinho, apartado do bando, lavando-se no barreiro. É largar um berro, vai se escangalhar de correr. Ê... ê...ê, bicho! Enterrou os pés, cabeça baixa, jogou a focinheira em cheio na paxiubeira. Tivesse cartucho, mandava

o tiro no pé do ouvido, cortava a carreira. Sumiu-se pelo socavão abaixo. Centro de muita esperança, caça tem por demais. Penso em voltar um dia com o compadre Juvenal. Arriar uma anta por conta da que perdi. E o sororocal embastiado, aquêlê estirão de tanta maliça, igual a capoeira? Passei, não passei, mais na frente deve de ser. Do rumo não há engano, êste mesmo. Embaixo do sol tôda vida, um jeitinho à direita. Fizesse tenção chegar na mãe do-rio, todo tempo direto na queda do sol. Sem arredar caminho. Mata engana muito, mas a direção a tirar é esta, de certeza. Depois das itaubeiras, a piquiarana ramalhuda, aceiro do varadouro. Dar com a mão de assim quase em cima da tiranabóia. Agarrada no pau, parecida com casca. Era triscar na bicha, fazer trato com a morte. Botou o ferrão em árvore, é ver secar. Muita gente nem não acredita na maldade dela. Quem vai nessa conversa, não ter veneno. O pegador de borboleta chegou com essa história, mas na bicha não quis pegar. O olho começou na mania lá dêle de piscar, a bôca entorta, dessa vez veio forte. Correu qualquer coisa, meteu-se ali no folhiço, a bunda de fora. Filhote de mutum, deixa ficar. Fôsse a mãe, valia a pena perder tempo. Criei um, só deu consumição, comeu até o brinco da mulher. Mariana botou-se a arengar que era culpado. Vai logo matar teu mutum, que quero minha jóia. Nessa reclamação foi dias. Mato tão diferente. Se estou indo na queda do sol, não tem errada, rumo do varadouro. Apanhar o atalho da mãe-do-rio, beirar o igarapé pegado de casa. Com sol de fora ninguém não erra. O tempo correndo bonito, sem chuva, estiagem de inverno. Céu lavado, azul, cada pancada de nuvem branca, estirão enorme, rolando ponta a ponta da terra. Pé-de-vento dia inteiro, varre chuva. Sol fora,

dia todo aberto, me perco nada. No muito tardar, a bôca da noite, lá pelas bandas do igarapèzinho. Daf, olhos fechados, acerto o aceiro, cair no roçado. O Tiririca dá logo sinal. Vem ao terreiro, levanta as orelhas, focinheira no chão, começa a latir. Lugares conhecidos, picada funda, marcada de gente atrás de cipó-titica. Mato gerado de tucandeira, isso já vi. Não sei que diabo que tem. A bicha morre, seca, das pernas começa de nascer o cipó. Muita gente não acredita. O americano disse que era mentira. Fiquei na reinação, quase lhe meto a mão na cara. Arenguei. Olhe seu merda, só conto o que vejo, homem de respeito não anda aí com mentiras. Falo por experiência da vida. Larguei o serviço fui mostrar. Inventou um tal de mimetismo, geração... Que animal não pode fazer vegetal, quem estuda sabe disso. Burrice dêle. Sabe bem é procurar gasolina, juntar ouro, diamante na cachoeira, isso sabe. Chamar homem sério, que se dá respeito, mentiroso. No atrevimento na terra dos outros, insultando os donos, pouca vergonha. De grande futuro, abandonada, riqueza jogada fora. Cada copaibeira, balata, sôrva, dava um bom ganho. O mundo precisando dela, olhando cobiçoso. Dizque devia de consentir os outros cuidar, lá êles de fora. O gringo falou que ninguém não faz nada. Devia de dizer o govêrno. Nas coisas que quer dar, pra nós é dinheirinho vasqueiro. Tanto trabalho, no fim o ganho, um nada. O Salomão quer quase de graça, a trôco. Leva-se partida enorme de balata, sôrva, copaíba, vigie só o que se traz. Uma garrafinha de querosene, meia barra de sabão, uns trocinhos mais. Compra na exploração, ainda furta no pêsco. A gente dá um duro, rompendo mata, fazendo fôrça, o produto nas costas, lonjura de horas, no fim vê miséria. Deus sabe o

sofrimento. A mulher quase nua, com dois vestidos, calça não usa sei lá quanto tempo. Quando saco de açúcar se comprava no barato, tinha umas delas. Faz vergonha à gente. Naquele dia no roçado, desprevenida, compadre Juvenal na frente. Virou até a cara. Fiquei com tanta raiva, só pensar que tinha visto o lá dela. Juvenal foi decente, tirou os olhos de riba, sem querer ver. Fêz que nem não viu. Mas acho que viu. Mariana estava à vontade, pernas abertas. Se de onde estava, fui ver muito longe. Quando já que pensava. A nuvem espalhou, o dia vai alto correndo o azul, a quentura aumentando. A tarde a abrir-se no tempo, marcando perto de duas horas. O sol descendo, varando o mato, pedaços no chão. Alumia vagamente, bocadinhos apenas. Sol de mata é sempre sol de mata. Achando, fresquinho, retalha luz ali, recolhe acolá. Desaparece nas ramas maiores. Vai esfriando mais a mais, escurece, acaba mormaço. Vai agora tirando para o poente.

Mata é pedaço de noite. O dia aos poucos vem meter-se na mata. Poente azulado, cama do sol. Restos de luz escapando, nada de chegar no varadouro. Me areei, bem desconfiava, paragens diferentes. Paus altos, copados abraçados, por baixo menos cerrado, coração das terras gerais. Magino andar rumando mais para o centro. Calculava vir certo, mas se a esta hora não cheguei, errei o rumo. Algum desvio por descuido. Estou que era uma coisinha para a direita. Ou para a esquerda? Talvez que fôsse para a esquerda, me danei para a direita. Perdido sabe lá por onde. Tudo por causa da praga da chuva branca. Até o diabo se perde. Não via nada, calculava por assim dizer. Por onde vazava claridade, dizia que era nascente, podia nem não ser. Outra noite a passar no mato, dormir em mutá. No chão não durmo, onça por aí rondando, perigo a todo instante. Torar pau, serviço de terçado, arranjado com faca, vá ver depois o estrago na mão. Pela varação, horas cortando terra, já devia de ir agora entrando no aceiro do roçado. Não cheguei, paciência. Amanhã caço o varadouro. Sofrimento maior, o vazio na barriga. Abaixo, chega a tonteira, a vista escurece. Nos altos rios, caboclo acaba o aperreio mastigando padu. Aquieta a fome. Invenção de índio. Nas grandes viagens necessidade não passa, a fôlha na bôca. Manhã cedo

providencio o de comer. Por hoje, -chá de cipó-de-cravo. Aqueitar água, ouriço de castanha embarreado, resiste quentura. Enquanto o fogo levanta, cortar varas para o mutá. Essa não serve, cega a faca e não corta. Cumaru, pau duro danado. Madeira leve, maneira, breeiro, boieira, envira, boa de corte. Envira aqui tem uma, aproveito a fibra, amarro o mutá. O dia agora vai pregando de vez na noite. Tempo ainda tem, a faca é que não ajuda. Fazer um arranjo mal-a-mal, estrado só para uma noitada. Amanhã a esta hora, estou em casa contando o caso como se deu. Quem vai rir é o compadre Juvenal, na graça dêle, metido a ser bom mateiro. Devo de sair por mim mesmo, com os meus conhecimentos de mata, senão a troca vai ser grande. Carece de mentir. Sabendo da perda, fica na chateação, a mangar mês inteiro. Escolher duas ou três árvores de assim tão perto uma da outra. Estas servem. Com os mais fortes, correr o travessão, as varas unidas, bem amarradas, melhor de dormir. Demora de pouco, logo fica pronto. Arrematar a ponta da envira, duas voltas ao redor do pau grosso. Agora devo de descer, vê o chá. Sem açúcar vai ficar desenxabido. Pouca fervura, fogo brando, sem o barro o ouriço já tinha queimado. Quem não dizia, ficou foi bom. Fêz um rebuliço lá dentro, vontade de provocar. Naquela engulho enjoado. A noite empretejou duma vez Subir no mutá, levar umas fôlhas de ubim, forrar a cama. É deitar, dormir noite tôda, estropiação da cabeça aos pés. Dias de caminhada, com fome. Asa de beija-flor, zoadeira igual a avião. Passou rente a cabeça, tem pressa, já vai atrasado para o pouso. Mão debaixo da cabeça, papo pro ar, olhando o céu, fica mais a jeito. Sono carregado, dormir à vontade, esquecido de bicho.

Vôte morcêgo!

Bateu a asa, quase toca na cara. Niguém não enxerga o bicho, que só noite. Gente sem costume, ia logo maldar de alma. Desse de acontecer isso a alguém da família, apertava logo o sobrosso. Mulher, vizinho, botava a falar. O Luís morreu, deu aviso. Muito que capaz amanhã encontrar gente atrás do perdido. Tinha graça, aconteceu isso por descuido, distração. Amanhecendo saio de qualquer maneira. Tomo rumo pra cá, rumo pra ali, findo acertando. Tempo limpo, noite escovada, céu parado. Nuvens finas que nem areia de praia. A lua crescendo, espuma de leite cobrindo os lagos, os rios, isto lá fora. Vai se pôr dia claro. Aqui claridade é coisinha, resto a ramagem deixa passar. Luz de mata é vagalume, relâmpago também. Fura galhada, aperta passagem, bate no chão. Já podia de ter pregado ôlho. Chega o cochilo, a cabeça pesando, desaparece com a tristeza do igarapé. Chorão como criança, chocando nas pedras, troçando nos paus. Dá saudades de casa, lembrança do menorzinho.

Da banda de cá nasce o dia, não apareceu ainda. Andar sem pressa, esperando chegar. Rumo tomado no escuro, ninguém não acerta. Quedinha a mais para a direita, para os lados daquele matão. Faço cálculo já ter passado neste lugar. Onde me lembro havia muita palmeira, era um entamiçado de açazeiro, bacabeira, inajá. A roupa tôda molhada, aguçal do sereno. A calça só é buraco, também já estava rasgada. Remendo à beça, o maior no fundilho. Aponto nesta direção, sem variar nada. A espingarda no ombro, a patrona ao lado, alivia o pêso. O sol direitinho na frente, correr no centro mesmo. Um quase de lado. Adiante, ali mais, cambar à direita. O varadouro ficava embaixo do poente, se não me engano. Coisinha pelo lado. Acho que vou bem aqui, o pé é que vai mal, apinhado de espinho. O dedão, depois do Deus te salve, deu de muito atrapalhar. Se é quem dá sustento ao corpo. Apostemado, inchadão. Pele arrepelada, chaboque no solado, estrepe, nem não tem conta. Calcou no folhiço molhado, bota a arder. Barro liso, foi bem jabuti que esfregou o peito. Tomou por essa caída. Não deve de ir longe, terra remexida de agora. Quase que nem não tinha andado, taqui o brutelo.

— Me viste, hem camarada! Não adianta se encolher. Tem vergonha de gente?

A sorte apareceu tarde. Quer ver que o bode da mulher acabou. Casco pra dentro, é macho. Continuar viagem, só depois de comer um pedaço do carumbé. A faca desta vez se acaba no casco do bicho. Primeiro jogar no chão, duas, três vêzes, inchar o fígado, toma melhor gôsto. Leva cada baque, sempre encolhido. Cutucar a trazeira, perto aí do de fazer precisão, espicha o pescoço. Ia agarando a cabeça, escondeu. Abrir vivo mesmo, bater no costado da faca com pau. Assim vai, devia de ter feito antes. O casco cedendo aos pouquinhos. Pedaço de carne já se vê, gordinho. Deve de ser de merda que come, fruta quase não há. Casco duro danado, parecido piranheira. Quero é ver se até o fim do dia, fico a quebrar o carumbé. Com êste braço de piritó, alue mesmo, não tem outro jeito. Saber se a faca resiste. Batendo devagar, quero que agüente. Um lado está resolvido, o outro o mesmo trabalho. Dar um duro dos diabos, pra acabar comendo o bicho sem sal, sem farinha. Matando a fome, o quanto basta. O fígado no espêto, moqueia rápido. Chega entortou o gume da faca. E o Salomão a dizer que era aço. De aço é o da velha mãe dêle. Ah! judeu ladrão filho duma égua. Aço não entorta nem amolga, quebra de vez. Que vale que deu trabalho, mas abriu. Pedaço de casco por todo lado. Porretada de piritó, é paulada segura. Lavar mal-a-mal, moquear no braseiro. Magina só Luís Chato, ventando, perder os derradeiros palitos, completa o azar. Do último fogo, guardei uma bola de breu no bolsinho da calça. Ainda bem que não extravaiou com tanta arrumação, virando mata. Que merda, por um quase perdia. Agora apaga, quero ver. O breu pegado, talisca de âmagô, galho de muruci, nem chuva consegue apagar. Os paus gemen-

do, a chama subindo lenta. Só êste um que está escumando, gotejando água. Dias de sol seca tudo. Âmagô não molha nunca. Na maior chubarada, pode acender, pega. Madeira podre, não sendo lenheira, mucuça, gosta de beber muita água. Encharca, nem com gasolina dá fogo. Não devia de fazer moqué, basta sabrecar a carne. Porque tanto luxo com barriga vazia. Espalhar os paus, deixar o braseiro. Mas olhe só o pé como está um estrago. Tirar os grandes, os que atrapalham pisar. A faca desamolada, custa cortar o pelhão. Botou a cabeça fora, a unha é quem manda. Estivado de espinho, uns até apostemado. Êsses, trabalho não dá. Descobriu o couro grosso, espremeu, pula fora. Cada um, que nem não sei mesmo como vinha agüentando. Êsse então um de murumuru foi varar na carne. Manquejando do pé esquerdo, sem atinar do que era. Virar o carumbé, a modo não moquear só de um lado. Ia mas era queimando o fígado, com tanta labareda. Acalentando a barriga, não quero nem conversa. É pisar seguro em procura do varadouro. Que chego, chego. Mata mais feia, nunca não aconteceu me arear. Tomando conhecimento da terra, varo direto até lá.

A carne do bicho, gordura pouca, tem mais é água. Pingou no fogo, é aquêlo fumeiro, de lagrimar sem querer. Moqueando lento, sabrecando isso sim. Comer como está, não carece perder tempo. O dia é curto. Sabendo onde estava, marcava hora de chegada. Mas, aqui, sabe lá que distância. Esfriou aí coisinha, boto pra dentro, dou o fora. Sangrando assim mesmo, tem importância não. Faltando sal, farinha, ruim de qualquer jeito. Só magino comer aos pedacinhos, o tempo correndo. Bôca cheia de caco, carne mucíça, um duro danado. Ué! Quase se vai goela abaixo um pedaço de casco. É não, bem dizia, foi dente que lascou. Pretinho, igual ferrugem. Até comendo, pobre há de sofrer. Na vizinhança só se vê dêsse jeito assim. Ferro velho, fora de uso, fica dessa forma. Comida escassa, do pouco mastigar, enferruja. Peixe, carne molinha, alimento de velho, basta amassar a gengiva. Zé Pretinho, coitado... A fome vermelha, a miséria comendo aqui o caboclo, muitos anos. Ninguém não sabe o sofrimento. Desde menino, nada mudou, o pai acabando-se no serviço, a blusa de saco molhada, suor sujo escorrendo da cara. No descampado aí brabo, a cara vermelha, a quentura do sol queimando a saúde. A mulher dando adjutório, jamaxi prêso na testa, seguro nos braços, o corpo vergado pra frente.

A envira entrando na carne, sofrimento nas caretas se via. A saia florada, encardida, caída pro lado, a blusa tingida no muruci, o sujo escorrendo. Andava à vontade, nada por baixo, tinha vergonha da mãe naquele estado, o dela aparecendo. Ao tempo só não existia o Tiririca, era o Malhado, a surucucu matou. Êste um outro foi da barrigada da cachorra do seu Holanda, boa de caça. Pra dizer a verdade, tudo igual. O pôrto aquêlê lameiro, o caminho furado, a terra funda de tanto vê pé. A mangueira velha, o banzeiro mastigando o barranco, o solapo por baixo, as raízes aparecendo. Saltando nas ondas, atado ao mulateiro, o banheiro limento. Das vêzes que soltava com o temporal, corria rio abaixo, meu pai sujigava no remo, ia buscar. A mesma barraca roída, o japá das portas furado, quatro esteios de quariquara resistindo às enchentes. Paredes rasgadas, o vento metendo chuva, respingos caindo na rêde. Naquela frieza, coberta não tinha, o corpo encolhido, a varanda corrida por cima. De primeiro, jogado no soalho de paxiúba, um só mosquito, tôda a família debaixo. Na grande cheia, a criação morrendo, a sucuriyu batendo o laço. Menino tirava da rêde, apertava no rôlo, pai ia ver não tinha mais jeito. O rio forcejando os barrotos da puxada, levando o barro batido, assoalho. Quando via fumaça, a chocolateira fumegando no fogão de barro, vinha a alegria, saber que tinha café. Tomava com farinha, a fumaça saindo da bôca. O terreiro varrido, lustroso, a terra quente, algumas vasourinhas a mãe deixava pra fazer remédio. Fazer benzição, curar cobreiro, ramo de ar, quebranto, esipra, ventre caído. No lugar Correnteza, mais à ilharga rio acima, o barracão de seu Isidro, homem de bons possuídos. Carregado de castanha até o tôpo,

chegava navio, num dia levava tudo. Filhos bonitos, só vinham nas férias, passar temporada, depois das aulas. Meninos limpos, roupas bonitas, unhas lavadas. Dona Dora, a mulher, sempre cheirosa, aquela imensidão de carne mole, gorducha, baixota. Só isso mudou. O barracão a derradeira enchente levou. O homem foi dando pra trás, gastou todo o ganho de anos, arriou-se naquela desgraça. Apareceu lá nêle uma mancha na cara, o pessoal se afastou. Falou-se logo em doença da pele, até os amigos na casa dêle não vinham. Chegado seu dia, diz que nem não tinha mais dedos, a cara um buraco só. Foi preciso contratar gente, com muita cachaça, pro entêrro sair. Os possuídos, a terra, o barracão, ficou no abandono, os parentes fugiram, só de mêdo da moléstia. Visitando o passado, de coca todo êsse tempo, com as pernas bambas de andar. Viciozinho nosso daqui, assim até horas, com banco às vêzes aí na ilharga. E o tempo correndo, a vida da gente que passa. Em casa já deve de haver começado o alvorôço. Alguém a procura, Juvenal é um dêles, de fato corre muito bem mata. Vai ser tiro no centro a valer, escutar se respondo. Como? Se nem não tenho com que. Mariana chorando, pensando em enviubar, por amizade, não querer ser sòzinha. Por dinheiro nunca não havia de ser, homem tem muito. Calhando desaparecer, continua nas mesmas aperturas, trabalhando se quiser comer. Na cidade, muito certo, marido de gente grande morrendo, a mulher pode chorar. Faz falta sim. Parece que estou vendo as invencionices. Vem um, vem outro vizinho, começam as histórias. Botam a contar de onça, Mapinguari, Curupira, que aconteceu o diabo, levei a desgraça. Como saí num domingo, foi o Mapinguari. Vem a conversa do ho-

mem que disse ao companheiro, domingo também se come. O tal bicho agarrou o pobre, arrancava os pedaços dizendo: “domingo também se come, domingo também se come”. Dizque castigo, pura mentira. Um homem do tamanho de um pau, como dizem que é. E eu aqui vivinho, nem perdido nem nada. Caboclo da minha fôrça quando se perde, ou é cego ou caduca. Nas facilidades, só imaginando rastejar a anta. Mariana sentindo, as outras metendo coisa ruim na cabeça dela. Não digo por pavulagem, isso ninguém não pense, mas a mulherzinha gosta um bocado dêste caboclo. Mateiro esta hora já vem a procura, compadre Juvenal no meio. Lá que conhece mata, conhece. Não fôsse a chuva branca, localizavam pelo rasto. A praga apagou até de anta que é mais pesada. Rebolada de terra parecido igapó. Pau velho torado, corte de uns três anos, a pensar fôsse nôvo. Sabe lá quem passou por estas bandas. Fazendo o que? Mas, mais uma dobrinha para a direita. Para bem dizer foi nisso o engano. Certo não dando, entortar pela esquerda, o mesmo tanto de desvio. Direita ou esquerda? Me boto na teima que era mais pela direita. A chuva tapava o ôlho do sol. Firmei rumo pelo alumiado, onde dizia que era a vista da manhã. O juízo fazendo das confusões dêle. Se não é quebrando à direita, pela esquerda certeza. Mas até lá corre o dia. Pegasse um correr de terra conhecido, logo sabia de que banda sair. Rumava correndo, olhos fechados, ia dá mesmo em cima do ponto central do varadouro.

Quatro dias nessa viração de mato, perdido. Como que foi nem sei dizer. Ninguém não vai acreditar na chuva branca. Perdeu-se porque tinha de perder-se, errada no mato. Devia de mentir. Inventando do Curupira vão rir. Homem daqui se arear, uma vergonha. Depois quem dizem conhecer mata a fundo, ensinou engenheiro a buscar rumo. Foi gabação de todo mundo. O doutor não entendia era coisa nenhuma. Cresceram as conversas, disse ao homem, jogue essa joça de bússola fora. A minha cabeça é melhor, isso não vale nada. A agulha dava num ponto, teimava que era outro, acertava. O doutor perdia, ficava encabulado. Findou abandonando o aparelho, eu é que mandava na picada. O caso corria aumentado. Que anel que nada. Gente daqui é que ensina doutor a varar mato. Não viram o Luís Chato, mandou à merda os livros do homem. Deu-lhe um ensino. Veio com uma conversa bêsta de desvio da agulha, só de vergonha. Perder pra caboclo a achar direção. E a gente a entregar divisas de terreno a êsses bestalhões. No meu, só se o Luís Chato ajudar na picada. Muita coisa era mentira, calei. Daí por diante, pessoal igual nem não existia. Ali e noutros lugares mais que tinha na vizinhança. Limites de terreno, tinha de ser ouvido. Gostavam se contrariava o engenheiro. Isso

que mais era bonito. Ninguém pode imaginar que estou perdido. Qualquer mentira grande, acreditam. Deveras, pisando no rasto. Estou mas é voltando, cruzando o caminho de ainda agora. Até parei no pé dêste piquiãzeiro. Que diabo! Rodando à toa. Vou de arranco, levando de oito as passadas, quero ver como é isso. Juriti quando levanta vôo, pegando a gente desprevenido, espanta. Está de filho. Fôsse ôvo, servia, dava pra entreter a fome. Já quase aí meio-dia de andação, sem conhecer nada da terra onde passo. Ainda mais nesse destabocamento, batida doida, não tem quem agüente. Diminuir, devagar se chega, correndo só faz é cansar. Já se viu? Andar, andar, caí novamente no engano, em cima do próprio rasto. Faço tenção de ir na reta, curvo o caminho, saio no mesmo lugar, na praça do piquiá. Quer ver que acabo acreditando em besteira de Curupira. Rodar, rodar, bater aqui de nôvo. Nessa consumição, suor gelado. Caí foi na fraqueza com a carne do carumbé. São dessas coisas, nunca não pensava em Curupira. Vestir a camisa do avêso, amarrar mato, quebra o encanto lá dêle. Mas por fazer, experiência.

— Quero tirar conversa contigo, pretinho. Quebrar tua fôrça. Tabaco não dou.

Ali mais correu qualquer coisa, cotia. Vai, volta, se acosta na mesma paragem, tronco do piquiá. Esse gritinho dela é sobrosso. Nem não me sentiu ainda, que diabo tem. Correu longe, chegou-se à árvore, areada não pode de estar. E aquilo brilhando bem ali mais. Égua! logo vi. À toa não andava correndo, voltando pro mesmo ponto. Quando se espanta, corre de vez. Que rôlo! Nunca tinha visto jibóia tão disconforme. Atraindo a bichinha na fôrça dos olhos. Pensar que estive bem de encostado dela,

costas pro piquiãzeiro. Agarrou a cotia, tomo. De assim tão perto, vai pegar, pegou. Meto-lhe o pau na cabeça. Cacetei mal, foi-se a cotia. Devia de ter esperado acochar a embiara. Saiu só ferida e a bichona escapuliu pelo ôco do pau, morada dela. Será que também estava atraído? Que merda de Curupira nada! Foi a jibóia e ninguém me diz que não foi. Andava, andava, chegava no piquiá. Assim são essas coisas de encanto. Pro pessoal o jeito é dizer que foi a fôrça do pretinho, evita a vergonha. Quando já ia na ignorância de amarrar mato, botar camisa ao contrário. Nunca fui nessa conversa. Só por teima, fiquei a desafiar o bicho na mata, gritei alto. Nunca não tive mêdo dessas besteiras. Compadre Juvenal ri na certa, sem acreditar na história de Curupira. Sabe logo minha intenção, se bota a avacalhar. Faz pouco de encantações. Diz que mata não tem cabelo, mas quem sabe, sabe. A ciência é o sol. Baixo, alto, é hora. Poente e nascente é rumo.

A esperança desaparecendo com a tarde chegando ao seu fim, derradeiras horas. Tudo quieto, as sombras do sobrosso crescendo, numa tremedeira por dentro. Sair correndo, com que destino, lugar nenhum. A cabeça nessa variação, desatinada, vazia. Onde estou, minha Nossa Senhora! A noite baixando, preciso chegar. A resistência esfriando, poucos dias vá lá, muitos quem pode agüentar. Vendo as coisas com mais paciência, muito que capaz de até resolver. Assim nas últimas, todo avariado, me acabando. Também nêsse avexamento, aí desavisado, rasgando mata. A cara uma ferida só, o que fui arranjar. Puta merda! Foi no que deu a correria, sem nada adiantar. Bater em cheio com a focinheira no chão. Perdido deve de ter muita calma, não desnortear. Com mêdo, amofinando, querendo sair de qualquer maneira, a pior besteira. Especular aqui, botar reparo na terra acolá, jeito não dando, pensar um pouquinho. Terra seguida, socavões, igarapés grandes, afluentes, quantos passei, por onde andei. Qual nada, só Deus me tira dessa enrascada de merda. Pela cabeça nem é bom maginar sair. Alguma coisa recorde da entrada no mato. Vinha andando na maior macieza, devagar, bem devagar, no encalço da anta. Atravessei um atoleiro, tinha um âmago de abiorana, até passei por cima.

Adiante dei um bordo, procurando escapar da touceira de murumuru. E daí... Sim, quebrei para o lado esquerdo, fiz a volta, caí novamente no rumo que vinha. Tirei reto beirando o afluente, aquêles encostado à terra alta. Antes bebi água, tive de ver o pé estropeado, naquela condição de espinho. Fumei um cigarro, sondei o terreno. Nessa ocasião. ... Ah, sim, o sol cortava de través o afluente. Atravessei. Não, não atravessei. Tirei um bordo, caí pela lombada de terra alta afora. Por onde ia, o rasto da anta ia também. Não havia engano. Cortei a baixa grande, a do palmeiral. E essa não vi ainda, vestígio nenhum. Cheguei num socavão, paragem até onde sondei mais o rasto. Muito pisado, trilha funda, enxergava-se bem. Coisa de meia hora depois topei numa subida, ladeira medonha. Comecei beirando pra não cansar, cansei de qualquer maneira. Já em cima da terra fiz parada, tirando tempo no cigarro. Foi quando fechou o nevoeiro do nascente. Sabe lá se era nascente. Penso assim que desde o princípio vinha errado. Manhã coberta, ruim, mariscada de nuvem. De casa saindo, errada não houve, conheço a posição do terreno. No mato, decerto, começou o giro noutra direção. O temporal deu o cêrco, a chuva branca foi a cagada. A anta ferida, naquela ganância de procurar, tivesse voltado, estava em casa. Agora, chegar, só com a ajuda de Deus, o juízo faltando. Nem não adianta tanto pensar, se o principal, a posição do varadouro, a cabeça não diz. Por que então seguir batida errada? Vou mais à frente. Voltar, muito que melhor, mais acertado. Percorrer tudo de nôvo, isso é que não. Continuar em frente, basta o que vim para trás com a arrumação da jibóia. Bota-se a olhar com cuidado, tudo o mesmo. O verde da mata, coisinha pouca mais clara aqui, ali fecha o verdão. Na varge

verde mais limpo, clarinho. Diferença quase nenhuma. Terra seguida, outras afluentes cortando, desce um socavão, sobe outro. Chão fôfo, fôlhas sêcas, raízes com vida, mortas, paus destiorados. Nos sombreados, aquela imensidão de tajá, samambaia, urupé. Isso quando menino dizia ser chapéu de sapo. Estirões aí só tabocal, outros palmeira, buçu, ubim, babaçu, inajá, murumuru. Êste mais derradeiro o pior, espinho por desgraça. É querer vencer na reta, como tem acontecido, bote sororocal, acauaçu, pariri, cantá, o que a vista der, aquela extensão enorme. A terra molhada, o folhiço cobrindo, nos baixios então o aperreio é maior. Chão encharcado, o cheiro de lama subindo, aquela podridão miserável. Nesses lugares dá de aparecer sucuriçu, coral, surucurana, outras cobras não tem. Assim são as matas gerais. Amontoado de árvores enormes, as menores por baixo, esprimidas, querendo viver, as outras furtando luz, tomando terreno, mandando longe as raízes, sorvendo a água, comendo a terra, catando o de melhor que pode ciscar. Ficam aí mirradas, as maiores cobrindo, crescendo lentas, das vêzes nem não crescem, morrem entanguidas mesmo. Com tudo, deparasse ponto conhecido, bastava um, tirava certo em casa. Sem isso, nem sei onde atinar o varadouro. Aqui mais tem um baixo, vai cair em igarapé. Logo aí o clarão. Piorou tudo. Largo, igual rio. Quando que podia pensar por estas bandas, um igarapêzão dêsse jeito. Nunca nem vi falar. Quer dizer, certa feita, contaram de um de água branca. Bem no centrão das terras, por pouco ligando pra outro rio. Êste não é, água preta, meia azulando. Igarapé central assim, costuma de dar muito peixe. O melhor é passar a noite por aqui. Nem não sei porque acampar em beirada de igarapé, parece ser mais seguro. Talvez seja

a vantagem da água. Peixe tem por demais, cada tucunaré, matrinhã, jeju nem se fala. Naquela velocidade danada, de arisco não é. Ninguém pra perseguir. Vestígio de gente, sinal algum em tôda batida de mato. Quer ver vir um bocado na beira. É bater com o pé n'água, chega tudo pertinho. Vem bêsta na intenção de comer, ser coisa que os outros já estão devorando. Matrinhã é dêsse jeito. Chega engrossou parece formiga. Pegasse um igarapêzão dêsse farto, lá de encostado de casa, abarrotava. Calcular vantagem, coisa boa nesta miséria de mata. Tempo bom, limpo, com a noite chegando feia. Só digo assim porque estou sòzinho, meio desvanecido. Noutras ocasiões nem ligava, podia escurecer, o mesmo homem de sempre. Quatro horas já digo que seja. Macucaua começou a chorar tristonha, assobiando longe. Inambu-galhinha também, marcando o tempo. Luz riscando aqui e acolá. Sol fim de tarde, sem coragem de meter clarão em matagal de terra firme. Olhadela de luz, tocando leve a cabeça da mata. Em touceira de buriti, naquele entamiçado de fôlha, nem em gôta penetra. Debaixo sempre encharcado, enxugar não enxuga, claridade nunca não vê. Sapo é que gosta, faz um festão à bôca da noite.

A noite vem vindo com pressa, a escuridão apertando, começa logo o cagaço de pedir amanhecer. Naquele receio, mas o melhor mesmo é não botar a maginar de perigo. Clarão na mata, fogueira acesa, relâmpago. A faca arruinando, com essa história de fazer arpão de jupati. Madeira mucuça dos diabos, se põe a ranger no gume, desamola. Já no finzinho do serviço. Depois é esfregar num âmago, botar areia, afia igual pedra-de-amolar. Isso tenho que fazer, a modo melhorar o bico da haste. Afiando aos pouquinhos, também não carece muito. Demorando mais a puxar na afiação, até cabelo vai cortar. Os fachos estão prontos, bucha de braço de buriti, arrepiada, desenrasca. Serve muito bem pra facheação. Sustenta fogo algum tempo. É ir apagando um, acender logo outro. Com noite clara, matrinchã não se deixa apanhar. Tucunaré, jeju, bicho bêsta, nem não dá trabalho. Ficam aí atoleimados, a luz do facho na cara, come haste no lombo. Por falta de arpão, ninguém não vai deixar de comer peixe na mata. Começar o marisco, naquela parte baixa do igarapé. É um pouco cerrado, mas tiro um bordo pelo lado de lá, paragem mais limpa. Aqui fica a jeito, remanso, corredeira menor. Quietos, bem na beirinha. Matrinchã já enxergou, vai um correndo ali.

— Deixa de avexamento. Escureceu pouquinho, te pego no bico do jupati.

Pode sacar alguns, mas digo que pego. Aquêles jeju, o primeiro a morrer. Muita profundidade, meia braça por aí assim. Falta jeito de furar. Mais na beirada, dava de ser melhor. Nessa fundura, até chegar no bico da haste, sente, dá o fora. A água balança, faz maresia, com o estrupício, diabo quem acerta. Ainda mais a beirada não ajuda, suja demais. Ajeitar é naquele tucunaré, que se foi botar no rasiño. Pensou em esconder-se, besteira dêle, se no baixio muito melhor. Muda de lugar tão lento, vista em cima, e quase não vê. Tem um negócio de movimentar pra trás, sem a barbatana de nada mexer. Queria saber como que faz andando assim. Acolá bem uns quatro, a pausada atrapalha. Meteu o jupati, a ponta esculhamba. Topando num âmago, a cagada é maior. Sair pro que está no baixio da terra. Acertando o primeiro, a sorte aparece. Tenho a mão firme no arpão, não é que agora começa a falhar, numa tremedeira. Estropiação de tantos dias, esmorece a qualquer um. Bom alvo, tucunaré dos grandes.

— Te aquieta, para aí mesmo.

Quer escapar. Indo por aqui, apanho o bicho de lado. Medir o arranco do braço com fôrça. Falsoeu, basta bambear coisinha, acabo errando. Pegou de través, escalavrou. Saiu aí todo penso, retorcido, soltando escama. Foi apanhado no centro do lombo, porrada segura. A modo o Chico da Anta, tortinho de queda de rêde, ainda pequeno. Avariado da espinha. O curandeiro disse que era ramo de ar, mas jeito não deu. A mãe que contava, coisa de quando nem não era nascido. Se um dia foi fisgado, vão dizer logo que foi rabanada de jacaré. Nem me atinha disso, todo desavisado, sem lembrar de açu. Nesse

bichão de igarapé deve de ter. Calhasse de aparecer um metia o arpão. Fôsse dos pequenos, grande nem por brincadeira. Com o sangue da ferida do peixe, apareceu foi muita piranha. Só da vermelha, caju. Digo que sente o cheiro, à noite não ia enxergar. Foi-se um, vejo logo outro. Tem muito, descarece vexame. No derradeiro caso, meto a haste em piranha. Carne ciima, sêca. Ali mais tem outro bocado. Perto do remanso, morada dêles, a cair na corredeira. De muito assim, perder tempo. Dois, mais, se espanta o primeiro, foge tudo de vez. A noite vai escurecer mais, parece que sim. Pretejando mesmo, esbarro em cima dos matrinchãs. Moqueado, sustenta dias. Por enquanto, distrair com tucunaré, carauaçu, jeju. Depois ajeito a haste nos matrinchãs. Só que lombo de tucunaré é mais grosso, sustenta melhor o bico do jupati. É mais morredor. Calhando atravessar o corpo. O arpão firmado no fundo, qualquer um vem. Não sujigando bem, escapole. Da barbela de arpão, zagaia, disso não escapa.

O pé no tijuco, engelhado, com êste sereno amuado, frieza de matar. Do pouco de roupa que tinha, distiorada, saindo de casa, tôda em retalho. A calça comprida até parece curta, cobrindo as pernas tirinhas de pano. O que resta da blusa, pedaços roídos, é o que ainda favorece um pouquinho. Quero que seja do frio, êsse trejeito na bôca, amiuando. Não pode ser. Já tomei sentido. Botar-me na zanga, maginar consumição de vida, começa nessa aporrinhção. De quando apareceu isso, contar do tempo não conto. Só um dia fui notar, o diabo da carêta da cara, o ôlho fechando. Suportar certas coisas, vendo bom resultado, nem muito mal. Um jeju, um tucunaré, garantidos. Com o escuro de agora, bater em cima das matrinchãs. Acolá de encostado tem uma. De fato o lugar não oferece vantagem, logo fio de correnteza, embastiado de pau. Duma feita errando o bicho, o arpão vai quebrar. Tomar chegada agachado. Sentiu, mas não quis correr. Ficou encandeado com o facho. Se buliu foi por outra cisma qualquer, desconfiança. Firmar a tacada que o bicho tem fôrça. Cuidava acertar, ir bater direto nûma tronqueira, chega choqueou a mão. Saiu à vontade, maior calma, nem de leve triscado. O braço inseguro que até dá raiva. Errar bem em cima, o

bicho aí de lado, quase à tona. Chegou até a espiar na cara do facho. Nunca não maginei zerar assim. Falta a ajuda da mão, fraca, desorientada de tanto penar nessa arrumação de perdido. O bico topou com vontade no pau, escapelou. Quebrar não quebrou, jupati é pau seguro. Nem não pensava, com essa pancada tôda, resistir assim. Achando outro, ter mais cuidado, corrigir a pontaria. No meio de galhada, deixo ficar, a modo salvar o arpão. Aquêlê veio em cima d'água, fazer o quê? Tomar fôlego, especular. Começou a sentir lento, rente à beira. Deixa aquietar. Virou a cara pro meio do igarapé, na intenção de fugir. Pensou mas não foi. Ali ajeitado mesmo, toco-lhe a haste no couro. Tomar aproximação devagar, sem fazer maresia. Melhor quando se põe de lado, facilita acertar. Peixe desconfiado, arisco que não sei quê. Com qualquer buliço, vai logo andando. Que vale não quer correr. Daqui mais do alto levo vantagem. Aquietou mesmo, nem barbatana vejo mexer. Se botou de lado novamente, pode contar, corre na certa.

— Te apruma de jeito que a porrada vai segura. Topou coirão no gume da haste. Pode fazer força.

Agüentar a vara fincada na areia, afrouxando escapole. Tem uma força danada. Enterrando mais a ponta, escapar não espaca. Mão na haste e outra no peixe. Segurar por baixo, do lado que varou o bicho. Pode saltar. Fugir só se rasgar pedaço do corpo. Romper não rompe, o bico não quebra. Fôsse anzol, com esta força que faz, muito que capaz já ter aberto.

— Agora pode saltar como quiser, que as barbatanas não andam em terra.

Por hoje o feito foi grande, mas bom mesmo é acabar com essa história de facheação. Estava de

ôlho nas matrinchãs, segurei uma, basta. O tanto de peixe pegado dá pra arremediar. Também nesse desânimo, o corpo baqueado, moleza danada. De abaixar aqui, levantar acolá, uma dor nos quartos. Como que entrevado dêsse lado esquerdo. Pontada no rim, dor fina. Já aí umas horas sentindo quentura no corpo. Febre, será? Muito capaz de ser do inchaço do pé. Daquela topada duma peste penada pedir reza. Isso é lá jeito de ajeitar o que quer, estropiando os outros. Na embirração não disse Deus te salve. Amanhecendo, toco copaíba, desaparece logo o inchaço. Certas horas a vontade é chorar, naquele desvanecimento, bote tempo. Mas digo que é por falta de paradeiro, tantos dias sem rumo, a apoquentação. Sinal nenhum de gente procurando. Tiro não ouvi, grito também não. Uma desgraceira dessa, começa o estrupício lá dentro do peito, a modo apertando. Vem contenedente a besteira de chorar. Lágrima caindo, perdida, ninguém vendo, consolando sòzinha. Vergonha de quê? Outro no meu lugar fazia o mesmo. Só que dessa passagem de fraqueza, ninguém não vai saber. Nem não pensava disso homem fazer. Conto vantagem. Não fôsse ser cabra desabusado, bom de coragem, tinha me acabado com o costado na mata. Perdido por Curupira, só êle sabia, não ia na tolice de falar como foi ao certo. Botei-me na birra com o pretinho, sobrosso às vêzes do riso dêle, sentia alguma coisa. Mas isto não era de meter tanto mêdo a homem. Dos dias passando, aumenta o desfalecimento, tristeza vem mais. Carne de caboclo também fraqueja, tem família, filhos, querendo criar, passando necessidade. Zé Pretinho, pequeno ainda, já vivia no trabalho. Ouviram-se gritos, quando correu quem tinha que correr, a água abafou. Aquela montoeira de gente juntou-se na beira, sem jeito pra dar. Muitos até por

curiosidade, desalentados, procurando espiar melhor a desgraça dos outros. Enfraquecido o alvoroço, começaram as conversas. Colocar uma vela na cuia, parou, pode ver que é o lugar onde o bicho deixou o falecido. Botar tenência dia e noite, vem comer em terra. Como se adiantasse, a família quisesse o resto do bicho. Pedaco de braço, tampo de cabeça, pernas arrancadas, barriga aberta, as tripas de fora. Montinho de carne, era estanguido, ensopado de sangue. Na seca podia até ser, os ossos deixava. Dessas coisas a querer contentar o dono da desgraça. Pela gente ainda passa, agora mulher e filho passando miséria, sem saber como estão, dá pena. Chorar sozinho, chorar como quer, ninguém não vendo, vergonha porquê.

Manhã vazando mata, dia muito alto. Umas quatro horas, se tanto, a dormida, depois da pega dos peixes. Com o febrão o corpo acalmou, sono pesado. O fogo queimou bem noite adentro, restou um braseirozinho. Basta atiçar coisinha, chama levanta. Tempo vem vindo, guariba acordou agourando chuva. Rã alegre, com dia claro, outro negócio não é. Digo dessas assim, logo vem a chibuí confirmar, naquele piom, piom, lá dela. Chuva branca, nuvem era meia cinzenta, céu quase branco. Muito escuro, do jeito que está, temporal passageiro, pancada grossa, num de repente serena. Cuidar dos arranjos, cobrir o fogo com rabo-de-jacu, moquear os peixes. Como um de café da manhã, deixo os outros, reserva de rancho na viração de mato. Hoje é ficar por aqui, amanhã tomo rumo. Já bem mais alerta da moleza, melhor da tristeza. Se foi febre, aquelas andanças ruim pelo corpo, passou. Deveras não descuidar da copaíba no pé. Possa ser que me engane, mas essa íngua é do ferimento da estrepada do tóco. Principiou num friozinho de arrepiar o cabelo, bateu logo a quentura. Queria fazer o mutá, faltava disposição, a coragem fugia. Findei dormindo aí jogado, a fogueira ao lado aquecendo. Nos primeiros dias de perdição, era bulir mato, botava sentido. Dormida assustada, receio de onca, fazia jirau. Sono ferrado, trepado nos paus,

arriscado a cair. Com o tempo, dominando o cansaço, acostuma. Quer dizer, não tão bem como em casa, naquele sossêgo. A chuva vai chegar logo mais. Estrondando distante na mata, urubu voando baixo, se empoleirando nas árvores. Mas urubu do verdadeiro, não sendo camiranga, voando no centro, ronda alguma coisa. Virando a curva do igarapé, sentando naquele pauzão. Aquela montoeira, num xenxém enjoado, fareja carniça. Até poucos dias nem um por êste centrão. Camiranga, que morada dêle é nas matas, um ou outro vasqueiro. Dessa qualidade mesmo, os primeiros que vejo. Cheirou carne desonerada, aparecem nem sei de onde. Deu de sentar mais na galhada do cajuí. Vou indo até lá. O que deva ser, deve de estar por perto. Pêlos de quê? Queixada. . . Queixada mesmo, só na carniça, resto de onça. Feito de gato, quem vai se iludir. Deixa pedacinhos, nadinha de carne, pregado nos ossos. Por isso a animação dos urubus, sobra de um servindo aos outros. Pela quebradeira de ossos, há de se ver logo, serviço de onça. Guardado embaixo de fôlhas, voltava ainda, podia esperar. Carniça de uns três dias, por aí assim. Que tinha de ver, espiar tolice. Devia de estar era moqueando os peixes. Tucunaré, demorando cuidar, a carne arruína. Sustenta pedaços bons, outros moídos. Bosta de peixe que só serve tratando logo, que nem bodó. Morreu, pode jogar fora, a carne avariou. Agora arriou, vem roncando quase aqui. Temporal em mata faz um zoadeiro medonho. De primeiro vem o vento, parece arrancando tudo, torcendo as árvores, jogando de encontro as outras, torando galhos, atirando longe. Após é a chuva, batendo forte nas fôlhas, vem caminhando o estrupício, daquela distância se ouve chegar. Não fôsse prevenido do que conheço, descuidava ajeitar rabo-de-jacu,

era um banho amuado. Logo pra quem está com ameaço, batia a febre, não tinha nem conversa. Apanhou uns respingos, vá vê o resultado. Ainda essa, êste besouro a aborrecer os ouvidos. Anta, só pode é ser, vem se pondo por aí. Acompanha o boi a modo pelo cheiro do estrume, gosta de verdade da bosta da bicha. Muito que capaz de ser. Não é fácil me iludir com essas coisas de mata. Pisando grosso, descuidada, é anta mesmo. Vigie só onde veio sair, na minha cara, olhando só de atrevimento. Sentiu, nem ligou. Se põe a caminho devagar, na maior calma. Tivesse cartucho já tinha derrotado a bicha, sem precisar de espera. Compadre Juvenal faz é rir quando falo nisso, se topo boa comida, o chão estivado de fruta roída de caça. Diz que lhe falta paciência esperar por quem não ficou de vir. Caçada é de curso, batendo o centro, procurando os bichos. Localizar rastro, seguir a trilha horas até, isto sim é dizer vantagem. Flagrar a caça comendo, inocente, esquecida de perigo, isso não acha direito. Devia de ter vindo, não quis. Disse que tinha os de cuidar dêle. Deveras que tem seus que fazer, luta de pobre. Agora o vento açoitou daqueles lados, tomara não mude. O rabo-de-jacu agüentando firme, nem respingo. Aceitando de frente, molha na certa. Basta um jeitinho de banda, aqui nessa ilharga. Tinha quase certeza, ia cair na amolação. Isso de andanças roendo lá dentro, sem moléstia aparecer, estava visto, besteiro da tristeza. Caprichar na vontade, resistir ao apêrto, ontem chorei, hoje não choro. É voltar a intenção pro pessoal de casa, começa o negócio. Por essa coisa digo que de mêdo não possa ser. Lembrança de filho, mulher, dá dor na gente, deixa êsse desânimo. Deus me livre, se vissem morria de vergonha.

A chuva chegou maior, bate em cheio, canta no rabo-de-jacu, escorre na ponta da palha. O igarapé crescendo com a enxurrada, tomando água nas cabeceiras, sai limpando o folhiço, o balseiro das margens. Que tanto galho balançando! Bando de macaco-prego na vadiação de comida. Veio dar quase em cima, só vi o upa do susto, pancada no espia. Quando comem deixam um guarda, alarmar qualquer coisa. Apanhados de surpresa, o espia é quem paga, fiscalizou mal a presença de gente. Caem de pancada no desinfeliz, apanha gritando, bota as mãos na cabeça. Quem sabe, deve de ser desculpa que dá. Não tem perdão, leva de rijo, quem manda não ter atenção. Saísse bem dessa enrascada, o comentário era grande, a vantagem corria. Seu Luís pra cá, seu Luís pra lá, sente um instantinho aqui em casa, me conte mesmo como foi do acontecido. Como se deu o caso consigo, olhe que não é brincadeira não. Bicho homem o Luís Chato, outro levava a breca. Todo êsses dias no mato, só com a faca, muita macheza. Perdeu-se por sorte de cada um, disso ninguém se livra. Curupira, bicho maldito, desgraçado, atordoia a qualquer um. Que acontece, acontece. Nem o Juvenal, que é quem é, topa com êle em questão de rumo. Só sendo coisa feita, arrumação do encantado, variação de má sorte.

Nuvem branca furando nascente, sinal de chuva passar. O vento açoitando, auxilia afugentar o tempo. Bom dia vai fazer. Mesmo parando, no mato continua chovendo horas. Até o sol secar as fôlhas, naqueles respingos de chateação. Com rajada de vento, cai de ensopar. A manhã avançando pelas dez horas, daí assim. Tratar de comer o tucunaré, almoço e janta, economizando. Depois o jeju, por derradeiro a matrinhã. Bem moqueado, atura um tempão. Por hoje é descanso, daqui não arredo pé. Preparar as pernas para novas caminhadas, dum lado pro outro, bestando, sem saber onde vou indo. Acertar por acaso. Calculo uma orientação, erro, pego outra não é. Chegar onde estive dias passados, não chego. Variando pra cá, pra colá, pode até ser. Mariana basta ouvir cantar rasga-mortalha, bota luto, manda rezar missa, na conversa que morri. Tem dessas manias de acreditar em tudo, cheia de busões. Bota a andar, a vizinhança enche a cabeça dela, só de acontecido ruim. Andarzinho miúdo, pernas tortinhas, até grossas, roliças. Quando menino, maginava mulher assim cambota, o troço meio aberto. Os modos da perna, só o que se pode pensar. Quando me assinei casamento com Mariana, foi que tive a certeza. Fazem arco, se unem no fim, nada de escancarado, bem fechadinha como nas outras. Aqui me assanhando,

em casa nem ligo, passo semanas sem procurar a mulher. Nada reclama, se quer não diz nada, espera calada. Não sei porquê, comendo bastante dois, três dias, vem a animação. Mas nessa consumição, curtindo fome, o entusiasmo não é de comida. Qualquer outra coisa, menos isso. Foi numa dessas, meu ajeito com Zizinha. Nunca não tinha ido com mulher virgem, esquecimento. Menina nova, pensei que não era mais nada, tinham me dito, destaboquei a bichinha. Jitinho ainda, pêlos não tinha, nem moça feita era. Guardou segredo até hoje. Passado tempo casou-se. O marido bancou estôpa de calafêto, pensava ser o primeiro a conhecer a menina. Se depois tôda a rapaziada avançou, cada um tirando o seu. Rapaz daqui é assim, sabendo, espera oportunidade. Lugar onde não tem gente. Se põe de espera onde costuma passar, no mato próximo da casa, caminho do caçador, do pôrto, do roçado. Não canta nem nada. Botou no chão, faz o serviço. Se pondo encabulada, diz que não querendo, vai em pé mesmo. Vá atrás dessas parceiras, com conversa de môça virgem, como dizem. As vêzes um ôco danado, ainda se bota a insistir que é. Começa na falação, tu não vais me largar, tens que me assistir, foi tu o primeiro homem que conheci. Tudo mentira, sabe lá quando que foi, quantos não esbarraram com ela no terreiro das festas. Mulher engana muito, só forçando se vê. Desviam o corpo, pernas unidas, querendo iludir. Nisso se fiam. Lembrar provoca querer, quando devo é de arranjar um meio de sair do embaraço. Bater a cabeça de onde vim, por onde sair. Dias menos dias, acabo batendo com os costados no mato. Morte longe da família, com fome, com sêde quem sabe, sem ninguém pra dar nada, grande sofrimento. Apodrecer em cima da terra, urubu descobre, futuca

ouvido, arranca olho, enfia o bico no de fazer precisão, deixa a ossada. Jabuti, com a bôca mole, arrancando pedaços, lapo de carne podre. Vem tatu, come também. A vareja a primeira a tocar, mas carne fresca não quer. Bubuia no corpo, flutua aqui, se mete acolá, a salmoura escorrendo, água escumosa, aquela sujeira. Desta escapando, tratar mais direito Mariana, boa companheira. Tem lá suas arengas de tôda mulher, às vêzes ciúme. Passou a zanga, é a mesma de sempre. Jeitosa nos afazeres de casa, no trato dos meninos, mulher de topar todo serviço. Tem seus que fazer todo instante. Não tem escolha, pesado ou leve dá de pegar serviço. Bôa até demais agüentando meus aborrecimentos, maior calma. Largar disso de açoiar filho, por qualquer besteirinha. Arengar, fazer danação, coisa de criança. Passam mal, brincadeira o trabalho, ajudam demais, pequenos pra certos serviços, já têm os de cuidar dêles. Saindo, pago promessa a São Francisco, acompanho procissão segurando a Pomba-do-Divino. Com mulher dos outros, cunhatã, não quero nada. Mariana serve como gosto. Falar que nas outras se faz melhor, pura vantagem de achar diferente, contar que fêz. Se na primeira vez muda numas, no fim tudo igual. Acabando, muitas vêzes até nojo dá. Acompanhar procissão com um toro de itaúba na cabeça, dos grandes que tenha pêso. Sacrifício que dôu aos santos, milagre de encontrar o caminho de casa.

Intera hoje oito dias dessa endoição de perdido. Na intenção de chegar em casa, lugar conhecido quem viu. A varar aqui, tomar um desvio ali, sondar a terra mais lá, resulta em nada. Caindo de cansada, pernas fracas, fracateando demais. Ainda, porra! O pé já meio sarado, com esta topada acabou-se. Um pusinho quase desfeito, a pele tufada, amarela. Esmorecimento até de levantar. Deitado assim, descaía, dormia era capaz. Foi forcejar se pôr em pé, como se fôsse rasgar o corpo todo. Quando se pensa em melhorar, ainda ter de enfrentar tamanho parizal, mato brabo de vencer, tão agarrados, apertadinhos. Tirar em frente, rodeio não faço, acabar com aumento de caminhada. Cismeique o rumo era êste, arredar direção não arredo, vai ser até onde der. É topar igarapé atravesso, esbarrar em socavão subo a terra. Nada de quebrar caminho. Mata rala, escassa de árvores, uma campina que não tem tamanho. Parece que vou botando em direção contrária, rumando lá pros lados do outro rio. Ora essa! Nunca tivera conhecimento de campina por essas bandas. De palhal, outros lugares mais que tem, muita gente fala. Nem compadre Juvenal, tirador de madeira, conhecedor da região, notícia disso não deu. Tem umirizeiro por desgraça, o chão abarrotado de fruta. Comendo um bocado, talvez que até alente o fôlego.

Só digo que cansaço é falta de ar no peito da gente. Contentar a barriga, com essa besteirinha de tamanho, só comendo quantidade. Miudinho, prêto, do jeito de merda de bode. Os escuros menos travosos que os verdes. Areal encharcado, estivado de musgo, samambaia. Entrando no baixio, mais é feto, buriti, patauí, açazeiro. Na cidade, musgo, samambaia, dá dinheiro, rico tem luxo pra tudo. Comprar mato à toa, mode enfeitar árvore de Natal, presépio. A casa fica aquela beleza, musgo no soalho, samambaia trepada nas portas, agarradas nas paredes, com tamanhas bolas vermelhas, outras côres mais penduradas nos cantos. Quebrar na ponta estreita da campina, pegar adiante a mata alta. Tomar por ali, desviando daquele eito de terra aladiça. Quase que nem não tem por onde, é um charco só, um aningal dos diabos. Mureru, membeca, malícia-d'água, deve de haver lago por perto. Quero que pelo lado de lá, andando coisinha, vá dar bem em cima do aceiro, beirada dêle. Mas por aqui jeito não há, varação ninguém não pode fazer, arrisca até pisar numa sucuriçu. Pegar terreno firme, cuidando em reparar perigo de bicho. Aproveitando os paus tombados, aquê-le patatuá, cortando por cima, vai bater em terra segura. Agora sim, caminhada firme, terreno sêco, sem aporrinhão, o pé metido no tijuco. Que faz êsse tamoatá nesse altão de terra? Rumando na direção de lago, furando de algum igarapé central. Onde se viu peixe andar por terra. Na arrumação de sacudir o corpo, passadas dêle, anda assim é estirão nessa vagareza. Aqueceu o tempo, sol fora, se afola no barro, na intenção de esfriar o casco. Tem dêles dizque passa assim de inverno a inverno.

— Vai te pondo pro lago, bichinho. Toma atenção com onça. Queixada, inda agorinha vi trilha.

Lago disconforme, cheio de tapagem, matupá, sinal de varação de canoa, nenhum. Quem havia de vir nesta lonjura, fazer o quê? Moradores daqui, acho até que nem não conhecem êsse riozão de lago. Água branca, limpa, uns trezentos metros a largura, por aí assim. Comprimento, quem sabe onde vai parar, a vista se apaga naquele estirão de água, de nem não ter fim. Borbulha, sobe logo o escumeiro, tracajá, cabeçudo, matamatá, tomando fôlego. Numa fatura dessa de bicho de casco, era arriar o camuri, vê pegar. Corria os anzoís aí no meio onde está borbulhando, larga espuma de instante a instante, a bóia sumia, podia ir buscar. Sorte mesmo era encontrar um metido na lama, enterrado no baixio. Cutucar com vara, bateu forte, sêco, costado do bicho. Topei um, merda nenhuma, peguei foi cabeça de jacaré. Negaceei o corpo de banda, só vi o buliço da rabanada. Saiu alvoriçado, quase me apanha, escapei por sorte. Procurar perigo numa coisa, outra, maginando sempre no bocado de comer. Melhor calculo assim, é voltar atrás por onde vim. Depois largar direto no sul, por experiência. Podia ter de acontecido vir o sol cortando à ilharga, pensar ser de frente, cambado um pouco à esquerda. Aquela filha da puta da chuva branca, me meteu uma dos diabos. Hoje é voltar, o dia encurtado, amanhã tomo roteiro, caminhar noutro rumo. Bem na testada ãa cabeceira, queixada passou de arribação, barreiro, banheiro lá deles. Terra fossada, faz um revirado medonho. Destroça raiz, escavaca o chão catando bichinho, atrás de minhoca. Vão virando logo aí. Trepado, batendo na bochecha, aparecem. Se calhar agarro um filho, carne macia. Começam a chegar, numa bateadeira de dente, catinga danada, pixé de engulhar. Bandão de meter mêdo, por dizer uns duzentos. Botar tenência, enxergar um

filhote, largo o berro, os grandes se espalham. Jitinho fica atarantado, não acompanha a corrida, é pegar sem trabalho. Só dos grandes, cada um criado, dos miúdos não vejo. Perder tempo, quem está como estou, aventurar, enfrentar perigo. Um bandão dêste acaba com um, desgraça aos pedaços. Fazem o cêrco, pode contar que morreu. Ninguém não fica pra contar como foi. É... aqui a saída, confronto ao patauá, entrada de volta. Ardume sei bem do que, de tanto roçar perna, o troço queimado de cipó-de-fogo, riscado de tiririca, bateu o suor começa nisso. Pedacos de roupa sem serventia, não jogo fora por causa do frio. À noite acalenta um calorzinho no corpo. Na distração, por um triz ia desviando a batida. Amanhã começar cedo, quebrando direto no sul. Deixar de andar na cabeça do sol, sem ver resultado. Desde muito nessa teima de seguir sol, calculando na direita, pensando na esquerda, variando sempre. Bater certo no sul, nome bonito, rumo ao lado de nascente, poente. Gente boa fala em sul com alegria, contam vantagem. Tirar nessa posição, quem sabe...

Bôca da noite, a lua cheia abrindo a cortina, beleza de claridade, anima. Noite branca. Clarão bonito, céu limpo, descampado de luz aberto na mata, uma esperançazinha de viver. Mata mais viva, menos medrosa, cismada, a gente se sente alentado. Quem tem que dormir no chão, só, desarmado, no meio das sapopemas, mais protegido. Metade do corpo acoitado nas abas da raiz, cama de cantá, ajeitada nas fôlhas podres, oferece uma certa melhora. Mói menos as costelas, os ossos espreguiçam mais a vontade. Da manhã em diante, o negócio é mais feio, mais de assustar, acaba-se o fósforo, fogueira não tem. A noite derreando norma, trazendo um carapanãzinho, que nem coisa de varge. Com o vento soprando das bandas do lago, há de aparecer algum. Batesse daqui pra lá, nenhum. Carapanã vasqueiro. Mais é suvela, a cantar nos ouvidos, bastante isso a chatear um. A espingarda à ilharga, já reinei jogar êsse troço fora, com a amolação do cansaço. Sem cartucho, servindo pra nada. Só nem fiz porque é garantia do bocado de comer da família. Bem não podia estar em casa, quieto| Dureza da vida faz dessas. Que jeito podia de dar. Trabalho contratado, acaba o trato de dias de serviço, não tendo, o arranjo é correr o lago, procurar na despensa. Se fisga um peixinho, mata qualquer embiara, ave, caça miúda, muito que bem. Senão,

pequenas posses, esperar pelo que Deus quiser. Curtindo necessidade, café da manhã, farinha dias corridos. A terra é boa, não se pode arrenegar de todo. Fechar o coração alvoriçado a tudo que vem dela. Tem das suas ruínas, das boas também. Não fôsse a mata, o lago, o rio, a rocinha, como caboclo ia se arrumar. Então a gente morria mesmo que era o jeito, derreado na rêde, comida não vendo. O sofrimento pior a doença, a perseguição das pragas, carapanã, pium, maruim. No tempo de andaço de febre, não há quem resista, batendo o queixo horas, a sezão comendo o corpo. Dá muita fraqueza do peito, mas dessa poucos têm escapado. Aquelas barrigas enormes, cheias de lombrigas, tôdas qualidades, matando mais as crianças. Assim mesmo é boa, o bocado de comer bem ou mal garante, vai aí arremediando. Mas devia de ter pensado antes, caçada para quem tem posses, muito bem, dia de folga, divertimento. Pobre procura comida, precisão. Conversa se ouve demais, subiu o produto, o govêrno falou com o presidente, caboclo vai ganhar dinheiro. Quando já! A mesma merda de carestia, sobe é o de comprar. Vai se cair nas garras do Salomão, tudo preço roubado. Diz ser de custo, não ganha nada, o impôsto leva o lucro. Safadeza dêle, tapeação, quem paga mesmo, eu e outros. Carrega na mercadoria, impostos e a roubalheira. Metido neste apêrto por precisão. Naquelas horas Zé Pretinho estava melhor, largou de sofrimento que tinha ainda de passar. Teve de padecer, padeceu na ocasião, atravessado na bôca do bicho. Deramou sangue, a água engoliu, as marcas vermelhas desapareceram na corredeira. O rio subiu nas cheias, desceu nas vazantes, a família esqueceu, pensou em outros criar para o mesmo destino, sofrimento, ne-

cessidade. Maldita hora sair de casa naquele domingo. Certo estava o ticoã, cantava porque tinha razão. Agora falta até ânimo de bater mata, comendo terra de sol a sol. Barba grande, quase nu, barriga empachada, bôca amargando, aquela derrota. O arrôto azêdo, deve de ser do umiri. Aquêles pessoal bom, gente de dinheiro, que veio pescar, uma alegria. Um dêles fisgou um caíco, peixinho de nada, festão de nunca nem acabar. Gabação danada no meio lá dêles. O dia todo mangando de quem não pegou. Grande coisa. Muito maior, o meu menino assinzinho, enche é canoa na época da fôrça do peixe, só de caniço. Isso sim é dizer vantagem, um nadinha de tamanho, mirrado, e até piraíba das pequenas pegar. Se ficou parvo foi lá com êle, nas conversas com os vizinhos, não fêz grande alarde do feito. Lembrando de muitas passagens, e o urumutum com a assombração dêle. Canto feio, quem não conhece sente sobrosso, quase voz grossa de homem. Da primeira vez que escutei, se não me sustento na coragem, corria. Só acho graça do Manuel Guariba, do Tônico da Antônia, do Zito Arubé, novatos na mata, os três acampados, traziam na intenção tirar balata. Não sabiam das marmotas do pássaro. O bicho abriu o bico, direitinho que dizia: "Dos três eu como um, o cô"! Zito Arubé gritou sem sentir: "Égua, purra! vai comer o do diabo". Correram. Do que levaram ficou. Pegaram de andar de volta dia e noite, chegaram. Foi uma gargalhada dos companheiros aqui fora. Levaram na gozação muito tempo, na intenção de avacalhar. Certa feita Zito Arubé ia brigando de chateação, deu uma imboança feia. Tinham dito se o bicho quisesse, tinha que dá. Esculhambou todo mundo. Mulher que estava por perto ouviu nome feio. Passou amuado dias, ninguém não brincasse

com êle. Foi mais de vergonha da namorada. Dar parte de frouxo com o negócio do canto do urumutum, correr por nada. Se não conhecesse também fazia o mesmo, botava a correr. Nessa fraqueza de corpo, a afoiteza esmorecida. Dormi de mêdo muitas vêzes, olhos arriados sem querer enxergar. Só digo que estou acostumando. Na escuridão é pior. Lua lavando o céu noite inteira, dá uma fêzinha de coragem. Animação de ver luz em cima da dormida. Bacurau é que não deixa noite de lua calada, pia demais. Saltando sempre. A inambu também. Marcando hora nesse mundão perdido de mata.

Da madrugada agora amanhecer, nem um cochilo não dei. Pressentimento de quê? Naquela amolação de não pregar olhos, a pensar coisa ruim todo tempo. Começou do grito do pássaro, com aquele ô, ô, ô, dêle. Na certeza ser grito de gente a minha procura, acordei escutando. Chorei até alegria. Respondia, o bicho repetia direitinho berro de homem, chamando perdido. Ouvia que era a voz do compadre Juvenal. Quando dei de certeza ser o pássaro, peguei na tristeza. Morte é o que vinha na cabeça. Minha, dos filhos, da mulher, amolecimento à toa. Assim botei o resto da noite alertado, olhos doendo, tremor no corpo. Maginar o que passou não adianta. Cuidar no que devo de fazer. Seis horas vem vindo ligeiro, não tarda chegar. Passar água na cara, tirar o amargo da bôca. Depois varar mata direto no sul, sem arredar pé. Cismeiquei que era, tomar nessa direção. Muita atenção no ponto de saída, porque por acaso não sendo, voltar novamente. Cuidasse assim desde o comêço, uma joça que estava areado. Antes de ir, contentar a barriga, reclama aí todo instante. Almoçado a resistência é maior. Com quê? Ontem nada, hoje aventurar com fome. Alimentar o fogo, se aparecer qualquer coisa... Risquinho de igarapé frio igual gêlo, tocou na cara, o corpo arrepiava. Os olhos a saltar de tanto doer, de

vem de estar bem vermelhos, cara de quem não dormiu. Veja só. A cabeça atrapalhada da consumição, falhando, se esquece de tudo. Comendo uma besteirinha ou outra ontem, com tanto babaçu. Dentro três, quatro gongo, bicho gordinho, moqueado parece manteiga. O atrapalho maior é partir o côco, a faca vai dar pra ruim. Com uns dez abertos, a barriga se arruma, mais não agüenta, bicho a valer. A faca topa recua, caroço vidrento, mucijo. Cortar bem devagar, com jeito, cuidando em não espocar o tapuru. Senão dá ruim botar no espêto. Basta sentir a quentura do fogo, de branco passa a amarelinho, a gordura escorrendo. Encolhido, apertado, como que pode nascer aqui dentro. Se de fora não veio, gerado da semente, é no mesmo lugar. O pegador de borboleta disse que não pode. Não pode por quê, burrice do americano. Que sabe de mato, veio ver no Amazonas. Dizque conhece, tem estudo, sabe merda nenhuma. Soubesse deixava de besteira. Caroço fechado, sem buraco algum, por onde ia entrar. Dizer que é filho de outro animal, só na cabeça daquele burrão. Saber é da gente daqui, sem estudo sem nada, ensina estrangeiro. Contrariava o homem, desconfiava, coçava a barbicha, mais vermelho ficava. Não gostava de lição de caboclo. Teimava, perdia sempre. Os companheiros ajudando, acabou vencido. Quem manda ser burro, botar a falar de que não sabe. Nessa distração ia queimando bocado dos bichos. Moqueando mais coisinha que seja, se derrete no fogo. Uma gordura só. Torradinho até que fica melhor, menos enjoativo. Coloco na bôca de dois, três, desaparece, nem não carece mastigar. Guardar os restantes, ir comendo caminho afora. Direito no sul, nem um triz de desvio. Faça o bordo que fizer, pegar novamente no

rumo. A derradeira esperança, pensamento da direção ser esta. Batendo cabeça pra outros lados, dias e dias. Aí assim, aceiro de capoeira com mata alta, logo no jeito das terras se vê. Capoeirão de índio. Estivado de caco, louça de barro. Sabe lá de quantos anos que faz. Dos novos da vizinhança, ninguém não conta de índio por estas paragens. Meu avô ainda conhece dalguma coisa dêles, quem sabe de quando. Já vai beirando perto dos noventa, encarquilhado, mas sempre esperto. Pesca, trabalha em peneira, tece bem tipiti, faz roçadinho de criança. De mascar tabaco não larga, vício desde pequeno. Se perde o bôlo de fumo, bota a esculhambar os netos. Foi malinação que fizeram com o velho, jogaram fora. Tinha deixado em certo lugar, foi encontrar noutra. Malineza dos pragas dos meninos. Nisso que penso que está caducando. Acolá tem um pedaço de pão de índio, em cima da terra. Quantos anos não estava enterrado, o tempo escavou, chega de branco acabou amarelo. Gôsto nenhum, mas enche barriga. Quem sabe se presta. Se fizer mal, muito melhor, termina com o sofrimento, o desespero de não chegar nunca. Magino mais no pessoal, mas pensando bem a família se arruma, de viver ninguém se enrasca. Padecendo algum tempo, Mariana se pega com outro. Algum caboclo safado, os meninos vão padecer. O menor assinzinho mais jito, precisando ainda de pai verdadeiro.

É o sol escorrer da nuvem, examinar. O sul sai no rumo da ribanceira, o ponto que quero. Diferençazinha que fôr, mato nas curvas. Assim vai bem, o sol cortando no meio, batendo de lado. Por isso que ninguém não agüenta. Começa de nôvo o aperreio de subir aqui, descer mais em frente. Arriando a terra, igarapé, chavascal, baixa grande, suspendeu, lombada, chapada, um bom estirão. Coisa de muito não topava grutião, nome que o povo dá a socavão, só terra corrida, plana. Por isso ainda digo haver engano na rota. Devia de ter, se na vinda o que mais tinha. Se dava de trilhar, a pouco andar, terreno reto, podia contar chegava em ladeira. Na quase certeza, tirando roteiro errado, mas cortar caminho não corto, é assim até vencer o dia. Deixar ver onde depara. Por êsses lados, choveu a valer, tempo que nem não teve findar. Enxurrada grande de meter água à vontade nesta baixa. E o sul se põe bem em cima, mesmo no centro. Não tem dizer escolher lugar, aguaceiro de dar pela cintura. Desde o pé da terra, todo o baixio tomado de água. Molhar o corpo, assim suado, capaz de estuporar. Mas carecia de ir naquele roteiro. Bicha gelada, é água de chuva com igarapé. Suja, barrenta, pausada, folhagem aí bubuiando, quantidade danada. Pisar a jeito, o pé arrastando no fundo, atenção com arraia.

Tocando de leve na bicha, corre, não ferra. Eita! Foi logo de que nem não pensava.

— Puraqué filha da puta.

Triscou no costado da perna, efeito pequeno, deu de estremecer todo o corpo. As pernas balançaram, quase caindo. Choqueando a altura do peito, imediações do coração, aí o perigo, difícil escapar. Isto que diz o pessoal, eu mesmo nunca não vi ninguém morrer de esbarro de puraqué. Falo assim por ouvir dizer, que metendo a veia do bicho de atravessado no pulso, é dar um bofete num, ver a queda. De comprido não serve, cresce, toca no coração, é ver morrer. Dessas não faço, furar o braço, colocar veia da peste do bicho, só pra querer ser valente. Dizem que dá resultado, fortalece a munheca, fôrça nunca falta no braço. Aqui um perau danado de fundo, chega a água cresceu no pescoço. Deixa logo disso, negócio de piscar o olho, a cara torcendo. Só já reclamo quando incomoda, com mais fôrça. Deveras, sair em terra, cuidando em outras coisas, esbarrar novamente com o lago, será? É nada, região de chavascal em terras centrais. Que que faz aquela sucuriçu tão quieta, logo na passagem. Capinzal cerradão do jeito que está, sem folga a atalho. Já disse mais de vez, desviar pode acontecer por engano, por querer duvido. Rumo sul todo tempo, até onde chegue. De atrevida, olhando sem sair do lugar. Morta não estava armada, enrodilhada, cabeça em cima do rôlo, posição de bote. Urubu andava rondando, era um voejo de môsca, naquele buliço. Nem se mexeu ao menos. Sujigar a vara, cutucar com vontade. Agora estremeceu querendo sair. Escorrega é vê lesma, ruído nenhum abrindo o capim. Mergulhou a cabeça no chavascal, se acoitou no aningal. Que foi que deixou? Soltou

o lapo do bucho com jacaré e tudo. Comeu animal grande, duro, sempre assim, apodrece a barriga, larga o pedaço. Sara depois, continua vivinha. Tem delas, as das grandes, quando engole boi, deixa o chifre de fora. Só cai quando destiora. Passa é tempo com os galhos do bicho na cara, tristeza do marido da Zefa de tanto ser enganado. A munição bate embaixo do mosquito, com êle aí à ilharga. Serve de avacalhão, coitado. Apanha de fazer pena, malineza dela que vergonha não tem. Se chega um lá das simpatias dela, pede ao marido, tôda dengosa, querido vai ali no roçado, arranca umas macaxeiras pro nosso amigo. Quer é ficar sòzinha com o macho, o bêsta faz que não sabe, vai fazer o mandado. Ninguém não diz, já bem usada, mulher acesa, com filho menor pendurado no quarto, a safadeza começa. Devia de dar-se a preço, com aquela idade, ter mais vergonha. Tirar nesse rojão de lamaçal, atrapalha, acaba com as pernas. Cortar naquele eito mais firme, atravessar a ponta do aningal. Ali só digo que dá, depois de passar a touceira de buriti, tem uma lombada boa de terreno. Chegando ao pé da terra, pegar pela cabeceira, de rûmo no sul na vista que der.

Mata encrocada, cerradão medonho. Ajeitar passagem, por onde? É correr pra um lado, correr pra outro, tudo igual, fechada. Dali até cá, uma rebolada só de murumuru, nem onça acuada enfrenta. Cair um tanto de banda, adiante encurvo caminho, ajusto o paradeiro no sul. Bordejar o murumuru, embastido que mal dá pra escorregar o corpo de lado. Cada espinho daquele tamanho, basta tocar vai varar na carne. Com tanta esfolepada, nem é bom maginar, o pé de agulheiro não tem diferença. De primeiro sentia morder, adormeceu, acho até que esqueci. Doído mesmo é a estrepada do dedo, sem querer curar. Com a copaíba melhorou coisinha, ia sarar, bati de novamente, do jeito que estava ficou. Aqui seguro na reta, lanho de carne deixando em garrancho, malícia, cipó. Nos outros lugares, mata limpa, melhor de varação, de muito não ter coisa ruim. Teve aquêle direitinho capoeira, também entamiçado, não muito assim. Dêsse que é, nesse apêrto, a modo o socavão da castanha-de-macaco. Diferença nas árvores, mais altas, cada pausa aí de perder o tamanho de vista. Madeira linheira, sem galho, muito copado, grossura também. Se largam na reta, vão botar rama lá no alto. É não. Na paragem andada, um olho-d'água derramando da pedra, ao pé da ladeira, testada da terra. Depois

disso, nas imediações da castanheira, quase ao encostado, a urucurana com aquela sapopema desconforme. De caber um homem e ninguém não enxergar. Isso não tem, corrigi a terra não vi. Tinha na certeza que era, chega de alegria o sangue correu, aqueceu pela testa. O coração queria saltar, como quando a gente se espanta, o corpo arrepiado. Tudo o mesmo, não tem coisas de não ser igual. Olhar para um lado, mato, outro, mato, homem sem destino, tanto tormento. De assim tão alegre, deixei de especular onde pisava, fui dar de cara no chão. Nunca não vi dizer desgraça assim. Até de querer levantar aparece a preguiça. Apoiar os cotovelos na terra, com as mãos muito melhor, o braço em miséria. Avariado, cheio de talho, pepinado de espinho. Quando ia equilibrando-se, o corpo foi lá, veio cá, derreou-se pesado. Dessa desgraça, quem vai resistir muito tempo. A roupa, pedaços isto sim, deu de atrapalhar. Prendeu no garrancho, segurou, puxou o corpo pra trás. A queda foi disso, só de bom fazer embaraço.

— Fica por aí mesmo, que nem adianta. Mal cobre o de esconder.

Nu, mais à vontade, corpo leve, facilita vencer mata. Se duvidar atiro também esta porqueira de espingarda fora, desembaraça o pêso. Quem está como está, mãos soltas, ajuda a batida de mata. Só magino a noite, sem roupa, sem fogo, o frio toma conta. Madrugada então, pior ainda, serena forte igual chuva. O rabo-de-jacu amanhece encharcado, gotejando. Deveras, que diacho de estrupício é êsse! Tufão de fôlha rebolando na bôca de buraco. Ê, não sei bem, parece. Arrumação de tatu ajeitando a cama, espirrou meto o cacête. Botou a cara fora, a porretada canta de rijo, sem dar tempo a correr.

Não dormir, olhar a intenção dêle. Vai dentro, vem mais fora, puxa fôlha daqui, ajeita acolá. Pelo movimento, se calhar é isso mesmo. Saiu, descobriu-se mais, vê-se bem os nós do rabo do peba. Enfiou-se buraco adentro, voltou. Égua! Minha Nôssa Senhora, não saltasse ligeiro... De assim tão perto. E já ia estirando a mão, quase esbarro na bicha. No descuido de espiar, palmo em cima da focinheira da surucucu. Mania dela dormir em buraco de paca, não tem veneno pra ela. Se tivesse não moravam juntas, na mesma casa. Logo pico-de-jaca, que é bater ver o efeito. Muita sorte. Já armada a botar-se em cima, meter a maldade dela no corpo dos outros. Encostasse mais pouco, mandava o dente no costado da perna, noutra parte qualquer, talvez na cara que estava a jeito, pertinho. Homem nunca mais pra contar como foi. Com tratamento seguro, às vêzes se salva, mas acaba aí doente quase a vida inteira. Se pega de raspão, bastante tocar nas prêsas, na incisura cria aquela ferida. Apodrece de ninguém não agüentar o fedor. Agarrou de boa posição, Deus o livre, é vazar sangue pelo nariz, bôca, ouvidos, líquida num de repente. Já até tomei reparo, falta de companheiro, dei de prestar atenção a menor besteira. No juízo rola tudo comprido. Causo pequeno desfia aí sem acabar nunca. Matuto horas, na mais das vêzes tolices. Com a cabeça sentada, ainda, ainda, orientava com precisão. Agora é todo instante variando em coisas ruins, morte, onça, sobrosso de mal acontecido em casa. De tudo besteira que penso, acabo sem atinar rumo acertado. Ora essa! Feito de vantagem, nessa situação, não podia de pensar. Conformação de morrer sòzinho, numa lonjura de casa, apartado de todos. Tem disso, em qualquer parte, seja onde fôr, da morte ninguém não es-

capa. Chegado o dia, pode contar que vai. Mas perto de gente, o padecimento é menor. Cigarro não falta, um alimento, um chazinho de mato aliviando o sofrer. Dando de aparecer na hora, aquelas caretas de quem vai mesmo, compressa de água quente, outra coisa qualquer, morrer mais sossegado. Enfim é melhor. Pelo menos a vela na mão, alumiar a alma, não se acabar na escuridão, que disso acontecendo vai penar inquieta. Sentir o cheiro do pôrto, o mofô da casa, o mórno da rêde, a flor da mangueira entrando pela janela. Desde menino vendo tudo isso, por que na hora não ver? No terreiro as fôlhas fazendo buliço, o vento empurrando, a cumeeira cantando, a palha arrepiada. O fumaceiro na puxada, tomando o quarto, respirar o ar de caieira, o poeiral do terreiro. Com chuva, igual barro queimado. Até merda de galinheiro, tem cheiro da casa da gente. Ao lado do pessoal da família, tudô aí reunido, o sofrer é menor. Os velhos conhecidos, a vizinhança tôda, deixam os de cuidar dêles, vêm animar o companheiro, já sabendo que não escapa. Trazendo um agrado, dando adjutório à família, ensinando remédio. Seus que fazer em casa esperando. Só vê os filhos ao final, beijar de despedida, chorar com êles. Deus que me dê ocasião.

Ia morrer, dessa não escapava. Uma nuvem nos olhos, tudo escurecendo, a terceira queda. Desta não acredito levantar. Botar fôrça segurando nos paus, ao menos fazer jeito de chegar num igarapé. Uma sede miserável, aquela secura danada queimando por dentro. A voz sumindo-se, o gemido longe, desaparecendo de vez. Andar horas sem ver vestígio algum de água, igarapé, afluente, nenhum. A vista toldada naquele nevoeiro, as pernas fracateiam, dou com o costado no chão. Fico aí tempo que não conto, agatanhando a terra sôlta, as mãos estropiadas, queimando-se nas raízes. Dantes, segurando nos galhos, ainda me botava de pé. Agora nem isso, um esforço tremendo, as pernas não dão conta de sustentar o pêso do corpo. A cabeça tonteia, vem o desnor-teio. Balança cá, tomba acolá, os braços não apóiam seguro nos paus, arreio mesmo. Ainda cedo, calculo princípio da tarde, o escuro é da vista, desaparecendo, enxergar aquela coizinha distante. Precisava dormir, ficar deitado, esperar, esperar o fim com paciência. Não boto amanhã com vida, se já mal-a-mal ouço o que digo. Na derradeira, com a cara no chão, tôda embarrada de terra. Zunindo longe, buliço nas fôlhas, pisada de gente. Se tive sorte algum tempo, foi pra aumentar padecer. Agora tudo perdido, fugiu de vez. Virar ao menos, costa na terra, o peito voltado para

cima. Posição de olhar qualquer coisa, se os olhos clarearem ainda. Aqui o meu destino, o fim, agasalhado no tronco dêste arabá. A ossada de lembrança à família, se fôr encontrada. Morrer por causa de chuva branca, quem podia dizer. Bem devia de ter pensado melhor, largar de teimosia, andar sem saber onde estava. Não queria era findar tão nôvo, com filhos em idade de criar. Acabar depressa, tão cêdo, não meu Deus, não posso, não quero acabar sem dizer nada à família. Quando estiverem maiores, taludos, em idade de trabalho, juntinho dêles. A febre roendo lá dentro, o corpo pegando fogo, a cabeça a doer de estourar. Na testa a quentura é maior, escorre suor. A culpa foi minha, não devia de ter saído com sol escondido, esperasse sair. Corrigisse a terra com atenção, sem descuidar de nada. Se tinha precisão, faltava o de comer, arrisquei. Agora o jeito é penar, morrer sem vela, findar sem padre com tanto pecado, soltar a alma na escuridão do diabo. A mata rodando, os paus vão acabar tombando em cima de mim. Ali a pouca distância, balançando os braços, peludo, aquele homem enorme. Na minha frente, de assim tão próximo, com jeito de querer me agarrar. O pretinho batendo com um pau na sapopema do arabá, os ouvidos estourando, afinando no fim. Levem êsse bicho daí, me soltem, vão pros infernos.

— Te esconjuro, maldito! Com o manto de Cristo.

Isso só pode é ser visão, fraqueza na cabeça, desapareceram. Foi do nome de Cristo, o satanás fugiu. Aquilo era um bicho, grandão, feio, apagou-se já em cima, quando ia pegar mesmo. A mata apertava, encolhia, alongava, vinha abaixo, faltando fôlego, a voz esprimida, a língua pesada. Gritar nem

não podia, a bôca amarrada, numa agonia. Socorro pra quem, sòzinho, apartado dos outros, morrendo aos poucos, à fome, na desgraça. Pudesse encontrar água, aliviava, ora se aliviava. Findar com sede, secura na garganta, morte horrorosa. Arrastar o corpo pelo chão, corrigir a terra com as mãos, até deparar o igaparé. Os olhos apagados, tomar pelo rumo. Que vale, logo aí à ilharga. O peito roçando no barro, uma lástima, todo estropiado. Beber até estourar, a vontade, encher a barriga. A imaginação da lonjura do igarapé, o que mais agoniava. E êle bem aqui, pertinho. Variação da febre, com arrumação de enxergar alma. Mapinguari, Curupira, na colocação de ainda pouco, encolhido no tronco. Tomara que a morte chegue ligeiro, a paciência esgotou-se. Com esta chuvinha, o corpo nessa quentura, a vida acaba encurtando. Tomar banho sem mover o pé do lugar, sem firmeza de levantar ao menos bocado. Da febre, pudesse andar, cortava com raiz de saracuramirá, casca de quinina, êsses troços assim, remédio de mato. O desvanecimento é que não tem cura, bota a amolecer, vai crescendo, finda em zunido, naquele vazio. Só queria antes agradar o bem jitinho, passar a mão na cabeça dêle. Contentamento de ver falar, papá, pixe, momon, deneiro. Coisa de animar ouvir filho falando, pedindo besteira, mesmo sem poder dar. Contenta-se com mentira, ri sem jeito, mas não reclama mais. O quê, alguém gritando, chamado de homem... Responder, berro bem grande. Ê...ê...ê...ê... Compadre Juvenal estou aqui! Chegue correndo senão me encontra defunto. A Mariana vem mais êle, mulher danada. Graças a Deus estão chegando. Estou salvo, estou salvo... variando da febre... A cabeça sentada, é sondar o vento, nem não escuto nada. Findo enlou-

quecendo, aí digo é melhor morrer mesmo, dar trabalho aos outros. Que gritam, gritam, ilusão não há. É mas é berro de suçuarana. Um ô, ô, ô, parecido gente chamando. Esturrou neste rumo aqui, vem vindo pra cá, que posso de fazer. Pesada na bicha ninguém não acerta uma, nem de raspão, defende com as patas, numa rapidez. O gato vem tomando chegada. Aprontar pra morrer, precisa coragem. Não devia de ter respondido a que dizia que era o pessoal, pensou ser outra. Mais encolhido, a cabeça topando na sapopema, querendo entrar. Rezar um Padre-Nosso, que voltar nunca mais. Rezando e chorando, meu Deus do céu! Aí agachada na frente, os olhos em cima dela, os dela firmados em mim, parada.

II

MÆ - DO - RIO

Manhã levantando quente, céu largo, aberto. Descampado azul, sinal de bom estio pela semana entrante. Chuva, tempo ruim, tão cedo não aparece. Para mais de quatro dias arriado, casa armada de baixo dêste arabá. De ontem pra hoje sustou a febre. Era o corpo morrinhado, estirado no chão, quase que nem a erguer a cabeça. Nos momentos marcados começava no frio, crescia o calor pelo corpo. No segundo dia, com aquêle intervalo, logo aproveitei a sustançazinha das pernas. Arranquei algumas raízes de saracuramirá, mastiguei aos naquinhos cortados na faca. Foi o sumo bater dentro, o febrão passar à febrinha. Caminhou desaparecendo logo a dor de cabeça, foi estancando lenta, até acabar de vez. Raiz amargosa de travar a língua, mas pra cortar febre nem não tem igual. Mais alertado, tirei leite de sôrva, amapá, na fôlha de ubim. A salvação, voltou a esperteza, mais fôrça nas pernas, até a tontura penso nem não vai mais aparecer. De pé já fico com facilidade, nem parece o que rezou à espera da morte. Só Deus sabe do padecimento, da febre curtida na beira dêste igarapé, dor de cabeça, todo doído. Da inflamação do pé até que não se pode reclamar, quase sarada. Deveras, do ensino de mata, nunca se deve de tomar água de igarapé amarelo, só do branco. Bebi lá naquele correr de terra

alta, próximo ao lago. Foi bater o corpo se sentiu, faltava vontade de andar como antes. Com leite de sôrva, amapá, então a melhora ficou vista. Alimentos dêesses dias, só líquido, não toquei comida grossa. Com os quatro mais os nove, deve de andar pelos treze dias de cabeça perdida na mata. Dar de ser por quase assim. Tempo de muito pensar, quanta coisa maginando, às vêzes sem dar cabo do que se passava. Então da perdição, calculo demais, de primeiro a chuva branca. Mas quero que foi logo depois da anta escapar. Aquela distração de passar debaixo do cipó-jibóia, mato de encanto. Isso é certeza de perder qualquer um, serviu de ensino. Muita conversa do pessoal não levava a sério, agora acredito. Cipó-jibóia tem mesmo parecença com o diabo. Bebeu do chá, é ver encantação na cabeça, o rebuliço que faz. O juízo pega a rolar longe, vendo visagem, paragens desconhecidas, coisas boas. Perdido por qualquer motivo, isso pouco interessa. Bem ou mal resistindo o rojão. Nos instantes de variação da febre, a pior passagem, nunca que pensava salvação. Até o acontecido da onça lembro de tudo. Ajeitado no tronco do arabá, de quase que nem abrir os olhos de dor de cabeça. A bicha espiou de tão perto, senti até o bafo de carniça. Quando ia querendo não ver, pedindo a todos os santos, aguardando o derradeiro momento, seguiu caminho. Por quê? Na certeza vinha de barriga cheia, suçarana com fome, pega gente é dentro de casa. Nem latido de cachorro respeita, investe mesmo. Nunca esqueci o caso do pobre do Raimundinho. Saiu de casa com os pés e por lá pelo mato ficou. Passado dias, os companheiros encontraram. Restava pedaços, faltavam as pernas, a cabeça arrancada, uma mon-teira de carne. Trouxeram os restos da onça pra

casa dêle, aí pegado da mata. Terreiro bonito, varrido, limpo de catar uma agulha. Farejou a carniça pelo caminho que vinham, pegou na arrumação noite inteira, atrás do finado. Dava de cada esturro rondando a velação, de fazer mêdo. Estava nesta ocasião, como amigo do rapaz que era. Quem bebia deixou de beber, só cuidando na intenção da bicha, na valentia, bordejar aí à ilharga da casa. O cemitério duas horas batidas, a remo, canoa bem tripulada. Quem foi fazer alumiação dias depois, contou que ainda andou por lá escavando a sepultura. De muitos a mesma conversa, ver o arranhado do gato na terra. Dessas histórias de alvoriçamento de suçarana, tem muitas, só por isso acreditei. Conheço das manhas da bicha cachorro vem buscar no terreiro, galinha tira debaixo da casa. Da noite seguida de febre, lembrança pouca, quase nada, sei bem que a chuva bateu por ela adentro. Febre, frio, molhado, não dava acôrdo, a bem dizer morto. Só dei de vida manhã clara, com o sol batendo na cara, já alta. Tirando fiozinho de luz, calor de mormaço, na mata cerrada.

Dias de falta de movimento. Preciso andar, estirar as pernas, alertar a moleza. Maginando arriscar nova caminhada, como tem de ser. Horas e horas encolhido, parado, deu de aparecer cãimbra. A envira amarrada na perna, acabou o endurecimento dos músculos. Rodar aí pelo lado do arabá, por experiência. Uma verificação nas proximidades, corrigir as terras. O curso do igarapé, onde segue, vê com cuidado as curvas, alguma aparência do caminho de casa. Os paus, as árvores, as marcas, algum corte, caídas, reboladas de mata, tudo de cabeça sentada, talvez diga da direção a seguir. Começa de rumo batido no nascente, enrola, quer ir de marcha no poente. Dobra ali mais bem, depois se dana de norte. Faz um cotovêlo naquela volta, passa a correr rumo contrário que vinha. Mais aqui, coisa de alguns metros, pegou a tirar novamente para o poente. Já vai querendo outra direção, um desviozinho, cai de jeito no sul. Vá pensar seguir igarapé, é morrer de tanto andar. Corre pra cá, corre para lá, toma curso, pouco mais logo muda. Bastante topar raiz, pausada, tronqueira, escorrega de banda. Forma remanso, corredeira, se perde pelas terras gerais afora. Diferença de terra não tem, o mesmo de árvore, quase o mesmo tanto de tamanho. Tem árvore de filha a avó, só o que parece. Algumas de sol quase nem não conhecem, vivem só do mormaço. No fim, a terra

tôda igual, com coisinha de mudança nos baixios. Nos charcos são outras, mirradas, nascem de muitas qualidades, unidas demais. Certas reboladas dão de orientar com facilidade. Correr de taboca, acauaçu, touceira de espinho, murumuru, outras apreciações do terreno, quando se passa numa paragem, serve de orientação. Mas nesta lonjura, até que nem adianta, quem sabe onde estou. Tivesse conhecimento do terreno, logo dava de enxergar destino, tomava de rumo certo. Dessas aparecem, afeito a longas caminhadas, com êsse um tantinho de esticar as pernas, tudo a doer. O corpo se ressentindo, pontadas no joelho, repuxo acima dos rins, falta de treino, entrevou os músculos. Carecia de amanhã meter marcha batida, ver se saio de qualquer maneira, como então há de ser. Ainda duvido escapar dessa desinfelicidade, mais um pobre que finda. Zé Pretinho naquela agonia, dentes cerrados, a bôca escumando sangue, os braços erguidos, a água agitada, depois nada mais. Nem boiar inchado no remanso, que mais das vêzes acontece, nem não boiou. Um pai-d'égua de pajurá dêsse como serve de balizar posição. Pau alto, ramalhudo, logo se vê. No fim da carga. Pedacos de fruta, caroços roídos o chão embastiado. Deixa ver, coisa de não ser paca, amontoa casca no lugar onde come. Dente mais largo, fica a marca dêles bem graúdo. Roído de pequeno, sem montoeira de casca, comidia de cotia. Manhãzinha, final de tarde, é que sai de ôco de pau atrás do de comer. Ajeitando um quebra-cabeça, muito que capaz de cair beirando as seis horas. Gosta de andar na vadiação boquinha da noite. Ali bem o estivado é maior, caroço roído nem tem conta. Vareda pra tôda parte, espezunhado de rabo chato, tatu dos grandes de quinze quilos. Um revirado nas fôlhas, ponta pra cima, marca de pé de

capoeiro. Ah a espingarda, como faz falta, era de não dar quase tempo de meter cartucho. Tratar é da cotia. Está vindo dêsse lado do mato, entra aqui, passa ali. Esta é a melhor posição de armar o quebra-cabeça, passagem dela. Da que digo mais avezada na comida. Não troca de caminho, só se desconfia. Calhando pegar, a primeira vez que tenho de provar carne crua. Alimentação mais grossa, pesando no bucho. Leite de amapá, sôrva, fortifica, mas o que enche mesmo é carne. De fartura de viagem, só aquêle igarapêzão que vi de caminho. Êsse uma escassez, piaba, caíco, peixe miúdo tem muito. Arriscar a cotia, fazer a armadilha, o quebra-cabeça, pode até de acontecer pegar. Pôr abaixo êste filhotão de envira-surucucu, madeira fraca, fácil de corte. A faca desafiada, bate, golpeia apenas, igual quem tora borracha. Toca, pula pra trás. Tem de ser assim, magoando a mão até findar. Um toc, toc, da faca batendo no pau, tirando lasquinha. Valença que é fina, fôsse grossa era bater dia inteiro, acabar amanhecendo. Talvez nem isso, fôsse demais grande. Agora vai indo, estalou. Acabar de quebrar na fôrça do braço, o esfiapado tiro na faca. Aluiu. Engrossou foi o corpo de tapiba, chega ferveu de formiga. Danada de bichinha de mordida doída. Prega no casco da cabeça, coceira em tôda a parte. O tempo correndo nesta atrapalhação de livrar das formigas. Agora é colocar a vara na passagem, a ponta prêsa no chão, apoiada num pau. Enfiar mais um pouco, sustentou. Boa altura, cinco dedos da terra, tamanho da bicha. Será que esbarra nesta colocação? Só pode é esbarrar. Vergar a vara com tôda a fôrça, escorar no alto, naquele galho ali, bem na pontinha. Se roçar, da pancada não escapa. Pegando no meio, quebra a espinha, se arrasta, mas não anda.

As horas descaindo na noite, rodando pelas seis. A escuridão aos poucos boiando maça adentro. Lá fora, nos descampados, nas clareiras, ainda tem dia aberto. Horinha boa de espiar o quebra-cabeça. Nessa claridade lenta, dar de enxergar alguma coisa. Para o que tenho de ir, nem carece muita luz. Se havia de cair, segura já está. Tardou mais, cotia não vem, só paca, tatu, veado, anta, bichos que à noite vasculham mata. Me botar a caminho com cuidado, olhos no chão, atento em surucucu. Noitinha assim, começa na arrumação de andar, catar o que comer. Valença que teto de baixio, deixa escapar um nadinha de claro. Onde rareiam as árvores, solta pingados de luz. É logo ao pé da terra, uns três metros acima, aí o pajurá da comidia. Que carreirão danado, parou. Saiu novamente desarvorado, pisando grosso no folhiço. Jeitão de arranco de veado. Assus tou-se, corre, vai com o diabo, pára adiante, olha pra trás, fareja, daí o arranco maior. Não se espanta sem ver de que, quer ter certeza se sentiu mesmo. Assuntando perigo, então a carreira é segura, nem cachorro acompanha. Bem disse, conheço das manhas do bicho. Fincou as patas na terra, olhe só o rastão, veado-roxo. Carne reimosa a qualquer doença, bateu na barriga, é ver a piora. Nascida então, arruína de tal jeito, aumenta demais, que bote tempo vir

a furo. Já por pouco se enxerga o lugar de pisar. Desarmou o quebra-cabeça, será que ficou? Um trabalho pra nada, bateu de revés, deixou foi só pêlo na vara. Se acerta de cheio, derreava o espinhaço. Seguiu por ali, até da varede esqueceu. Atarantada com o choque do pau no costado. Quem já estava na certeza comer carne, dar em resultado nenhum, passar a noite de barriga vazia, sem sono. Numa aporrinhção de olhos sem querer fechar, começa aquêle sobrosso de sempre. No escuro de lua, palmo em riba da cara, um nada espreitar. Puxar pelas pernas. Casa aqui, a tronqueira do arabá, dias que passo sem fôlego de sair. Da manhã não passo, cedo tomo de rumar pra lugar nenhum. Andar variando onde der na cabeça. Sempre na maginação como de fazer. Voltar por onde vim, ou tomar daqui mesmo o ponto que calcular. Maginar noutras paragens mais que tinha de vinda, carece ter paciência. Devia de não afobar, sentar o juízo, nem não pensar em coisa ruim. O restinho de tarde meteu-se no poente, no tempo preciso a chegar. Era de onde ainda se via um diazinho fora. Poente dorme cedo, às cinco já se bota agasalhado, é sempre assim nas terras centrais. Pelas quatro, o sol desaparecendo no tôpo das árvores. Até que não era assim. Agora é cair o escuro, começa logo no amoitamento, a cabeça a esquentar de tanto maginar bobagem. Nos filhos, em Mariana se já não vive se assanhando pra outro. Sempre na besteira, pensar mal da mulher. Mariana tem respeito a marido. Sabe lá... mulher... Naquele dia, depois da puxação do têrço, que se diga lá, dona Florinda sabia puxar muito bem, estalou o foguetório alarmando o terreiro. Início de festa, o saxofone arrancando animação, a rapaziada naquela alegria, a caboclada suada. Foi no dito dia que estreou

aquêlê vestido nôvo florado, malhas graúdas, a modo pinta de canguçu. Fazenda nova que as mulheres tinham dado de usar, na moda lá delas. Tinha tirado das poucas posses um agrado pra ela, comprado um troço que queria pra enfeitar a cara. Apareceu mais pintada que as outras, um laço azul prendendo os cabelos, estava bonita a cabocla. Festa do padroeiro em casa do Cantídio, danou-se a dançar em seguida com um. No princípio deixei, nada demais, conhecia o rapaz, muito nôvo pra idade dela. Mariana se dava a respeito, não ia dar confiança a pixote. Depois nem não sei o que me deu de zangar, arranquei do salão a mulher pelo braço, na mesma da hora levei para casa. Embrabeceu-se da desfeita, começou naquele arregação, era assim que dava o pago à bondade dela. Festa comigo não vinha mais, sofrer afrontação perto dos outros, bruto que era. Mais desconfiei. Dei-lhe uns empurrões pelo caminho, uns muxicões no braço, chorou à beça. Fiquei na dúvida até hoje. Não, Mariana não é mulher dessas coisas, oferecida, igual a qualquer uma. De viver de galinhagem com macho que não seja o marido. Quando cismeique estava se jogando pro rapaz, pra que, zangou-se. Disse que do salão não saía. Se nunca não fêz questão de festa, naquela queria ir. Fêz o diabo pra não sair de volta. Danei foi da sonsidade dela, que tem dançar só com um. Bisei algumas partes porque o rapaz dança direitinho. Viesse com enxerimento comigo, conhecia logo. Acochava, baixava a mão nas costas, alisando. Dizia se podia de ir tomar um cafêzinho lá em casa, sòzinho comigo, na hora de tua ida ao roçado. Notava logo o apresentamento dêle, largava no meio do salão, desfeiteava na frente de todos. Cinismo dela me dizer aquilo, enfezou mais. Dei-lhe um solavanco no braço, os dedos ficaram marcados

na carne. Daí veio o chôro de Mariana. Dançava bem o rapaz, me aperreei. Dizia que era saudade do macho, vontade de pregar com êle o resto da noite. Puxei de caminho na frente, deixei ela lonjura pra trás. Cheguei em casa mais primeiro, voltei sòzinho pra festa, querendo arengar com ela. Disse que não ficava, ameacei dar-lhe umas mãozadas, acabou ficando. Dessa passagem, dei de espionar Mariana, bocado de dias. Se saía a noite, dizque na intenção verter água no terreiro, botava a olhar pelo buraco da palha. Só largava de espiar quando baixava o vestido, enxugando os respingos, andando de volta. Me encolhia na rêde, fazendo que estava dormindo. Botava sentido, naquela suspeita, ninguém pode saber... Negócio de iludição de mulher, ninguém não diz de certeza, quem sabe é quem pega, segrêdo de dois. Só quando namora aí a vista de todos, é que surge falação. História de casada, no caminho de roçado, pegada a conversar com homem, pode contar, se não já, estava na cantada. Desconfiou, botando a mão na cara pra quem viu sòzinhos, aí é de certeza, vinham da vadição.

Madrugada de mata tem cheiro de lacre, breeiro, catléia, baunilha, raiz, outros de que mais... Nasce dia naquela alegria, canto de pássaro, ar molhado de sereno, friozinho gotejando. Até anima, esperança de alguma coisa boa. Acordando mais alentado da fraqueza do juízo, da de corpo também. Sem que nem mais aquela febre atrapalhando dias. Cansado de pensar o que nem não era, andar o que não andei. de rumo enganado por onde não vim. Só agora a idéia de cortar beirando um afluente, cair na mãe-do-rio. Pensar de ontem noite adentro, quero que vá dá certo. Errando porque queria, faltando calma, se todo afluente camba de água batida a derramar nos grandes igarapés. Falar que mãe-de-rio é um igarapèzão que todo fio d'água finda nêle, verdade que se diz. Só pode é ser mãe de afluente. Vão direitinho correndo a despejar no maior. Pegar de seguir um, apanhar o largão, descer rio abaixo. Começar a viagem por êste, talvez jogue água na mãe-do-rio pegado de casa. Sem variação de caminho, acompanhando os encurvados dêle, seguindo as descidas. Já cedo começa nessa puxação de cara, o olho piscando. Tratar de sair ainda manhãzinha. Tem a espingarda, sim a espingarda muito que melhor deixar, atrapalha. Engancha nos paus, nas galhadas, sem posição de carregar quando se está

cansado. Tenho uma pena de me largar dela. Querer levar queria, mas...

— Te fica por aí, um dia... capaz de vir buscar.

Cano friozinho, serenado, a coronha ainda em condições, meia nova. Boa de tiro certo. Falha uma vez ou outra quando a pólvora não presta, questão de cartucho mal carregado. Acertei duma feita no pé do ouvido de uma anta, caiu em cima do rasto. Paragem ruim de atirar, foi muita vantagem. A cabeça dura da bicha o chumbo varou. De graça batizei com nome de Mariposa, ficou conhecida. A Mariposa do Luís Chato, aquilo que é arma de força, fecha tiro no alvo, pepina de chumbo. Só muita força, calcule arriar um boi daquele tamanho, acertando no tóco do ouvido, sem palanqueta nem nada. Foi tiro e queda, virou em riba das patas. Também com aquêlê enorme de cano de trinta e duas polegadas. Belga das antigas, só pode é ser boa. Sempre lisinha, espelhando, o cano pretinho. Conservação de passar casca de castanheira, é vê pintura de fábrica. Algum ferruginho dos dias de perdido, em casa não estava assim. É voltar da caçada, a primeira coisa meter óleo na bicha, limpar a pólvora do cano. Aquela macieza, gatilho doce, só é tocar de leve. Largar de uma vez, senão me arrependo de deixar. Depois se vem buscar. Pela precisão devia de levar, infelizmente... Ficar nesse agarrado com êsse troço de arma, num alisamento que nem agrado de mulher. Porque negar, se pego na tristeza, saudade da espingarda. Companheira de caçada de tantos anos, muita comida arranjei com ela. Tanto serviço prestado em rancho de casa. Satisfação da meninada quando chegava com caça. Comer de encher bandulho, atolados na carne com farinha,

dormir com as barriguihas cheias. Agora sem pena nenhuma abandonar assim à toa, grande ingratidão. Marcar o lugar onde deixo, cobrir com palha, bôca pra baixo, a modo a ferrugem não distoriar. Ficando nessa arrumação de apegamento da arma, acabo não saindo cedo como maginei. Se tenho de deixar, fica mesmo que é o jeito. Que faz falta faz, nem se diga que não. Sem ela é melhor, facilita de mão sôlta correr mata, encontrar caminho, saindo lá fora um dia qualquer venho atrás. Até que enfim chegou a coragem, resolução de me largar dela. Assim são as coisas da vida, vender antes, por dinheiro nenhum. Porque tem cano longo, não sei quantas polegadas, todo mundo com ôlho nela, querendo comprar. Muitas das vêzes enjeitei dinheirão, batido à vista. E agora sem mais nem menos abandonar por querer. Não é bem por querer, mas por necessidade. Carregar arma estropiado, uma confusão dos diabos. Pega num galho, engancha noutro, arreia acolá, atrasa caminho. Se faça fôsse de pesar, deixava também. Estimação das coisas da gente, parece agarrado de pessoal da família. Prega amizade de largar na tristeza. Aguarda por aí debaixo das fôlhas, olhando sem fazer mal às caças que passam, em silêncio, calada. Tiro não dá sem dedo amassando o gatilho. Volto um dia, se voltar. Paciência, tinha de acabar assim. Quase chorando.

Caminhada sem fim, nortear duvidoso, sempre arriscando. A corrigir o terreno, será, pode até ser? Não é. Assim todo o tempo, os dias desaparecendo nas noites, muitos que passam, sem calcular a batida de volta. Em que havia de dar a arrenegada chuva branca. Certo que se tratava do rumo que vinha, direita da queda do sol, engano miserável. Já hoje cinco horas de pisada segura, as pernas resistindo como nem não pensava. Alguma melhora devia de ser do leite de amapá, de sôrva. Com o adjutório do serenar da folhagem, o corpo molhado, espantando a canseira. Isto quando ainda meia manhã, com o clarão do sol, deu de aparecer novamente. De um pouco de descanso, já corre para meia hora. Parado, confronto ao igarapé, botando reparo em tolice. Como que faz a fôrça da água. Nas quedas, revolve a areia formando perau. Aí bem corre destabocado, ali pára na indecisão, sai lambendo o barro da beira. Escava as raízes, risca as tronqueiras, alisa as antigas. Dos anos que passam, piranheira chega reluz, a ponta afilando, igual ferro de dura. Desvia do centro, toma corrida na margem variando de curso. Aparece aqui, desaparece ali, some-se no mato, aventurando rumo, igual a perdido. Mas sabe o que quer, encontra onde chegar. Vira para um lado, dobra pra outro, encurva tanto de quase voltar novamente. Por

bem pensar está certo, não tem enganada, chega na mãe-de-rio. Das vêzes que se põe atrapalhado numa posição, vence o empecilho, adiante conserta, orienta onde quer. O leito enfeitado, branquejante, carreando flôres de murta, jarana, matamatá, levando galhadas de acuquirana, anani, paqueira, tudo vai jogar na mãe-de-rio. Nesse desesquecimento, o tempo correndo, tomando reparo no que nunca liguei em mata. Vez por outra devia de olhar com cuidado, sondar de perigo por perto. Cagaço de onça havia de perder a lembrança. Por dizer, o que mais incomoda é o frioção da noite, do resto o sono é sossegado. Boto a dormir que só porco da mão branca, preguiçoso. dizque de faca pronta pra nada, de que serve. Tomar sentido de uma vezinha ou outra, quando toca o mêdo, parece que sinto. A cismar de gato, olhando arisco certas paragens. Não sei porque, silêncio de centro, imaginação logo em onça. Com essa cantoria de seringueiro, mais acocha o sobrosso. Ninguém não sabe como é isso, a aproximação de gato amedronta bicho da terra e do ar, talvez o pixé. Seringueiro anuncia, depois fecha o bico, quem diz querer mais cantar. Nas bandas onde moro, desesquecido de perigo, quase levo o diabo, aí na ilharga de casa. Acororado no cagador, pau caído, sentina de pobre. Baixei a calça, quando já ia começar, tive não sei o que de olhar pra trás. A pintada bateu as orelhas igualmente a cachorro, franziu a cara. Coisa feia é a pele da bicha derreada na testa. Arreganhou os dentes, se botando alvoriçada. Quando quiz correr, a calça atrapalhou. Larguei calça e tudo, botei a correr. Vareei a casa nuzão, apanhei a espingarda, lugar mais limpo, tinha desaparecido como veio. O Tiririca pressentiu a bicha, ficou por horas a ganir no terreiro, cansei de iscar mas na capoeira não

entrou. Arrepiado, encolhido, aí encostado no moirão da barraca, o rabo entre as pernas. Mais tarde quando quis fazer precisão, não saía, cu pregado de medo. Só no dia seguinte que veio novamente a vontade. Bicho matreiro, ninguém não brinque com onça. Se mal digo, nesta desgraça que estou, findava com o sofrimento. Numa magreza, a mata comendo o restinho do corpo, pedaço ficando comido de espinho, estrepada. Amarelo, com cara de defunto, assim deve de estar. Para o pessoal lá fora sou até visagem. Já deve ter gente que viu a alma dando aviso de morte. Conversa de sonho tem muita. Passado tempo esfria a falação, morreu mesmo, eu não disse a vocês do aviso. Compadre Juvenal, êsse acredito que ainda possa calcular que estou com vida. Correndo mais dias, pegam outras conversas, deixam notícia velha, agarram nas novas. Esquecem o amigo, o parente. Bem, chegou no tempo de já ir me arriando de caminho. Pelo lado de lá do igarapé, muito que melhor, mais limpo. Em caída de macucu, entamiçado de japecanga, desafio o valente que faça varação. Bom de saúde, com a experiência que tenho de mata, vencia de qualquer maneira. Nem não carece cansar à toa, desperdiçar fôrça. Ainda com êsse massapé engrossando nos pés, aumentando pêso. Subir mais a terra, ôlho no afluente. Enfrentar a fome, sem nada a botar na bôca, chegou com um aperreio danado. Tem nada não, encontrar coroari, bacabeira, açãizeiro, é de fartar no palmito. Ôlho de filhotão, fica mais fácil de tornar na faca. Por enquanto, é fazer jeito de me livrar da mata, seguir o igarapé, pensar em chegar na mãe-de-rio. Aproveitando o dia, o sol alentando. Começou a engrossar água, o leito alargando, pode dizer que está perto. Só vejo é afinar, menor do que era, perder-se de vez. Ë distrair

um pouquinho, certo que vinha, dei de errar. Ter de voltar, uma merda. Coisinha pouca, muito pra quem anda nessas condições. Acompanhava era curva, braço de igarapé, afluente do outro maior, do que vinha. Nessa esculhambação, corre um pedacinho pra cá, segue outro pra lá, descem diferentes, muitas vêzes se ligam adiante. Pelo visto, lá passa êle acolá, logo vi. Vamos tivesse seguido errado, voltar lonjura de andar.

— Sai da frente perema!

— Com rebanada de lado, pra mergulhar sacode a cabeça. Nunca não viu cara de gente neste centrão, assustou-se. De primeiro fui eu, cabeça fora d'água, no jeito que era uma cobra. Tartaruginha sabida, arisca que só. Deveras, a escurecer com sol aberto. mudança de tempo. Hoje ninguém não dizia de chuva. Tão ligeiro, nuvem pretejando nascente, vento açoiando de cima, chuva chegando. Fica esta peste de rã escancarando a goela, bôca rasgada de praga. Tucano cantando alegre, o tempo baixando, o temporal vem arrancando, abrindo mata fechada.

Desnorteadado, chuva, doença, uma desgraça de azalação, na maior desinfelicidade. Querendo não parar, cortar mata apressado, vem uma coisa, vem outra, um nem nunca acabar de atrapalhão. Solteiro, sem compromisso de família, largava o costado por aqui até morrer. Filhos por criar é que ainda dá esperança de viver, capricho de chegar em casa, ver como andam por lá. Isso só que sustenta a vida em pé, alenta a resistência do corpo. Atoleiro, chavascal, touceira de espinho, cipoal, caída, alongando caminho, lonjura de não terminar mais. Tirando bordo, saltando pau, desviando, subindo socavão, uma doídice de enfraquecer as idéias. Inchação nas pernas, aí atoleimadas, bambas, pesadas, uma miséria dos infernos. No meu dizer, precisa paciência, cabeça sentada. A afobação que deu o negócio, essa situação amaldiçoada. Falha de esquecer sol, onde era nascente, poente, quebrar galinhos, ferrar no juízo certas paragens. Havia de acontecer, bom ensino, de outra vez não descuidar lugar andado. Tudo a ganância da anta, aquela miserável desmerecida, nem merda nenhuma. Caiu de centro adentro, vai morrer quem sabe aonde, quebrada de chumbo, bem intiriçada do jeito que ficou. Por bem pensar, a valença está na mãe-de-rio, se achar, e por que não? Burrice demais deixar de encontrar pelo afluente, se vai

findar no maior: mãe-de-rio. Levantando o tempo, aventurar novamente. A chuva amiudando em sereno, pouquinho agora, quase acabando. Embaixo de fôlha de buçu, o corpo sequinho, só alguns respingos, nem careceu rabo-de-jacu. Chuvarada em terreiro de casa, cheira a chão, a poeira, barro queimado. Dentro da mata, pura raiz cortada, môfo de folhiço. Pé-d'água depende de vento, soprou contrário, acaba logo, e é o que vai acontecer. Aquêlê trovão lento, roncando naquela distância, sinal disso. Restinho de tempo ainda tem pregado nas árvores, caindo devagar, arriando das fôlhas. Se afina em cima, fica engrossando do alto das terras, a enxurrada barreando o igarapé. Entre aquêlê arrepio, um tremor pelo corpo, só digo que seja da fome. De primeiro, o juízo menos fraco, catava aqui, ali, uma coisinha ou outra comia. Sempre cuidando de prestar atenção no que servia. A macucaua de antes da chuva, devia de ter ninho na sapopema, voou, não liguei. Ôvo até que aprecio, deixei escapar, só na vontade de chegar. Então sustenta fome Luís Chato, porque quer. Tomar caminho nesse sereninho de árvore, se molhar molha coisinha, não é tanto de prejudicar. Até pra levantar estala osso, dói tudo de atravessado no corpo. Que remexe por ali? Rebuliço de macaco-cairara, numa festança na galhada da sapucaia, os galhos aí balançando que nem temporal. Toma, lascou o dedo. Bicho safado, começa a bater o ouriço querendo partir no galho do pau, acerta no dedo sai aí gritando. Nessa arrumação de tirar a castanha do ouriço, vez por outra dá uma zerada. Se espicha todo, quer ver se é gente. Ficar quieto, só vendo o jeito dêle. Atirou o tampo do ouriço, bicho inteligente.

— Pode jogar, mexer não me mexo, quero ver tua intenção.

Outro que quase pega em cheio no troço. Não negaceasse o corpo, acertava. Porrã! Reconheceu, alertou o bando, sumiu tudo de vez. Animal sem-vergonha, sabido, atirou o tampo por experiência de ver o que era. Tivesse movimento, coisa viva, avisar os outros. Macaco tem dessas, cabeça de gente. Por azar, nenhuma castanha caída, as que tinha paca roeu. Pode até ser que mais adiante encontre outra coisa boa de comer, ruim mesmo serve. Seguir o igarapé por êste rasgão, mata mais aberta anda-se melhor. Bom estirão de romper com facilidade. Tira direito neste rumo. Agora sim, partiu-se em dois, seguem quase agarradinhos. Vá entender qual é, iguais, descendo na mesma carreira, mesma variação de poente. Já bem ali mais vão separados, abrindo braços pra lados diferentes. Um dos dois, o maior só pode é ser. Pra dizer com certeza, correr um e outro, virar cabeça tempão. Na certa é braço, qualquer um serve seguir. Mais a frente se acabam num só. Não tem ciência, maginando cõisa sem importância, com tanto costume de mata. Neste pé de castanha-de-macaco agüentar um pedacinho, partir uns côcos, arremediar a fome. Queixada passou fêz um estrago. Catar os melhores, mais novos, caídos de hoje. A faca... Nossa Senhora. Égua de azar! Como caiu da cintura, se estava amarrada na envira. Se calhou de acontecer na travessia, está perdida, besteira procurar. Saí dessa paragem, voltei ali bem. Está aqui ela graças a Deus. Tivesse longe, coisa de voltar muito, ficava que era o jeito. De mais serventia a espingarda, deixei sabe lá como. Lembrar é querer destratar-me, podia de fazer um esforço, mas trazer. Lá que devia, devia, coisa de muita utilidade. Havia de faltar o prometido com a Mariposa, nunca me despregar dela, por maior vantagem. Mas sabe

não é, destabocado mata adentro, qualquer porqueira na mão atrapalha. Sei disso muito bem, mas um jeito qualquer devia de ter dado. Logo o primeiro a pegar, distiorado, amargoso. Tiquinho de semente que mal-a-mal engana a barriga. Castanha-de-macaco, só por precisão, não é comida que se aprecie. Também na falta de outra, as terras hoje corridas, nem bacabeira, açazeiro, coroari, a modo tirar palmito. Quando se quer, aquela dificuldade, quando não, af aos montes até atrapalhando correr centro. Comer dessas besteirinhas, dá mais é trabalho, cortando o côco no gume da faca. Chega! Tomar pelo baixo da terra, todo tempo costeando, naquelas bandas que é. Bater rumo no propósito do igarapé. Ao querer dêle, estrada certa de mãe-de-rio.

Cabeceira de lago, igapó embastiado de tucumã, jará, jauari, buritirana, logo havia de conhecer. Quase boquinha da noite, andar o dia inteiro, vir topar água pela frente. Caminhada perdida beirando afluente atrás de mãe-de-rio, chegar neste desconforme de lago. Com êste o segundo, que é outro é, o de dias era limpo, não tinha água barrenta. Cambava de norte, sol de atravessado, entortando distante um nadinha de nascente. Igual varge, a beirada areiusca, nada de parecido com terra firme. De admirar em terras gerais topar lago dêsse jeito. Acho que vou varação batida pra algum rio de varge. O que vejo falar nesse meião de terra central, uma lonjura e tanta, por terra ninguém não toca lá. Corre de encostado ao igarapèzão do miracauera, afastado de grande, muito solo a correr da posição de casa. Vá calcular onde se está, com esta encrenca tôda. Pensei de outro mas não é, pela diferença da beirada se conhece incontinente. Mais água, muito maior, mais largo, sujo demais para ser. De barrento quer dizer nada, bem pode ser de enxurrada, chuva que deu. Fôsse varge, pedra não tinha, cada lajedo dêsse, bom de caquear peixe à noite. Vá com isso, um esforço arrenegado, resistindo firme, depois acabar em nada. Merda de seguir afluente em que resultou. É de perder a coragem tentar chegar. Magino tudo dar

certo, cada uma que acontece. Numa animação de botar rumo em Igarapé, cair na mãe-de-rio, uma cagada desta. Mais a fraqueza, tontura, desânimo no corpo, afinando que só peixe-agulha. Numa fome desabrida, sustentar o rojão com uma coisinha ou outra. Tanta magreza que a aliança de grande que era, só falta cair, roda no dedo folgada. Quase perdia ainda há pouco. Também pelo valor, uso de teimosia, lembrança de quando me assinei casamento, do primeiro dia com Mariana. Aquêlê sacana do Salomão comeu meu dinheiro, mentindo. Vendeu como ouro. Mariana achou bonita, fiz a fita de comprar. No mesmo dia apalavrei o trato de venda, Salomão concordou. Guardada na caixa, ia bem, no terceiro dia do casamento mareou. Ficou de azinhavre igual casca de bala. Tive vontade de quebrar a cara do putto do judeu, esculhambei a valer, disse o que deu na cabeça. Se encagaçou, veio com desculpa besta querendo contentar. Que era ouro baixo, também pelo preço queria coisa melhor. Que filho duma égua! Um dinheirão, naquela época. Causou até admiração do pessoal, ter tido peito de comprar. Ainda se pôs com a conversa que tinha pegado em enxôfre, deu uma pomada que era só querosene, dizque limpava. Clareia num dia, no outro está do mesmo jeito. mareado. Ouro baixo é o da mãe que o cuspiu. Padecimento de pobre, ninguém não diz, nem imagina dos pedaços que passa. Trabalha aí no pesado, aperta barriga, carece comprar um troço melhor, acaba enganado. Ainda um bom filho duma vaca da marca do Salomão, a tirar o bocado do de comer da boca dos filhos. Bem na memória, aquêlê arregaço de terra com o compadre Faustino. Metido a arengar com gente grande, o fim que levou. Começou na maior vantagem, depois falaram que desautorizou o graúdo, deu no que

deu. Perdeu o quinhão de terreno, perdeu tudo. Gente importante, tinha bons conhecimentos na cidade, grandes amizades na Justiça, Faustino levou desvantagem. Quando perdeu o último dos possuídos, enforcou-se. O sol era vermelho, o defunto era branco, o pescoço marcado de roxo, a família chorando. Zé Pretinho naquela agonia, sabe lá a dor que sentiu nos derradeiros instantes. Viver mesmo é de quem tem posses, coisa de muita vantagem. Nem pagar conta sequer, paga. A gente é passar um diazinho, fim de mês aperreado, deixar de saldar compromisso, justa conta com polícia. Vai chamado pelo delegado, não tem explicação, paga mesmo. Pessoal arremediado ainda tem desculpa, questão de mais dias, abertura de outros compromissos de mais responsabilidade. Se fica zangado diz que paga se quiser. Começarem a insistir não paga de jeito nenhum, quer ver quem vai obrigar. Tem dinheiro pra gastar na Justiça, advogados, bate no bôlso todo parvo, o que vale é isso. Acaba em nada. Não paga porque não quer. Direito de caboclo é miséria até de cagar, espuma tem vezes. Enrascada em cima de enrascada. É fazer uma rocinha num pedaço de terra qualquer, logo aparece dono. Vem polícia, vem tudo, bota pra fora. Plantação que tem fica pro dono da terra, diz que é da lei. O que tinha de melhoria no eito, perde com tudo. O delegado trata mal, grita, chama de caboclo safado, não tem vergonha não, invadindo as terras do doutor. Mas se sabia, autorizou a fazer barraca, beneficiar, plantar alguma coisa... Sabia nada! Ainda com atrevimento com autoridade, mete no xadrez êsse cabra sem-vergonha. Doutra vez aprende a não estragar terreno dos outros. Fica nisso, ninguém a favor. Os parceiros, êsses coitados, não

tem influência, mesmo que nada. Se calhar quiserem ajudar, entram também no pau. Mas se ninguém nem não estragou coisa alguma, até fêz melhoria, plantação na terra . . . Tem que ser como êles querem, a polícia diz que é assim. Por bem dizer, até trabalho de pobre tem defeito, dá prejuízo.

Mas é como digo, bem podia de estar sossegado em casa. Nunca nem não pensava penar tanto. Deixar dos de cuidar na roça, largar os que fazer, sair naquela alegria, maginando em fartura, acabar assim. O corpo só no pêlo, nu, estropiado, morrendo à mingua. Numa distância e tanta, num atrapalho dêsse de nunca encontrar jeito de sair. Variando de um lado pra outro, queimando o juízo em marcar direção num ponto, de a bom calculejar em dizer acolá, chegar onde nem não maginava. Ainda um pedaço a andar, escolher posição de agasalho, com a noite tirando perto. Em folhiço de margem de lago, não se deve de dormir, nem por necessidade. Arranjar terreno firme lá no alto da terra, meião de mata, menos perigo. De bôca de onça ainda se pensa escapar. Laço de sucuriju, depois de atracado, nem a mãe do diabo solta. Acocha, vai aí apertando até sangue espirrar, desconjuntando os ossos. Uma de menos de cinco metros quase leva na fôrça o Agripino, numa caçada de pato. O rapaz abriu no berro, gritou a valer, ouvimos, corremos lá. Tinha abocanhado no rejeito do cabra. Jogava o laço, se desviava, empurrava o rôlo. Já estava cansado, acudimos no quase ia. Uns seguraram no rabo da bicha, mandei o terçado, o ferro dava no couro, saltava. Direitinho terçadar borracha. Trisquei a carne golpeando de

través escama pra cima. Sentiu o ferimento, largou, quis correr, caímos de pau. Acabamos com valentia da bichona. O Agripino aí calado, numa tremedeira que só doente de sezão. Gaguejava, palavra não saía, contar como foi, quem disse? Em pé não ficava, as pernas nada de firmar, passou foi tempo dêsse jeito. Borrou as calças, uma vergonha, coitado. Amarelo que era vê vela de estearina. A gente esperando por êle, aí sem fazer nada. Tomou um fôlegozinho, botou-se a chorar. Pediu pelo amor de Deus que não contassem da desfeita na calça. Dos que estavam, alguém de maldade soltou a história, pegou no apelido de Agripino Cagão. Começavam a chamar, ficava desconfiado, mas pouco ligava. Num dia de sábado tinha bebido, deu-se um causo de quase matar um de faca. Meteu o ferro com vontade no companheiro, escapou por sorte, não ser dia lá dêle de morrer. Foi negacear o corpo, a faca triscar na barriga. Brincadeira de homem, é como diz o compadre Juvenal, cheira a defunto. Vigie só! Por um nada, quase pisando na assanhação de taioca mudando de casa. Meteu água nas restingas, começa nessas correição de maía. Estradão de quantidade medonha de formiga, tomando o terreno. Correr todo êsse estirão em mata fechada, só se fôr pra arriar de vez. A ferrada da praga dá um ardume, muitas delas agarradas no pé. Tirar um bordo por longe, cortar nesse socavão, subir a ribanceira, dormir lá em cima. Perto de onça, longe de sucuriju. Qualquer tôco de árvore, é cama. Quando se tem tempo, procurar sapopema, abriga mais, as costas guardadas. E o uirapuru alegrando chegada da noite, carregando no bico, a bom cantar. Tantos dias de areação, o primeiro que topo. Talvez hoje chegue a sorte. Sorte porra de nada! Enchendo é a barriga, com a correição das taiocas. Bicho escon-

dido no chão, levanta vôo com a arrumação das formigas.

— Festeja a desgraça dos outros. Não toma cuidado com o gavião pela frente.

Numa animação, cantando bonito, mas nada disso melhora tristeza. Alegria é em casa, marcando noite, a lamparina clareando, os japás arriados nas portas, janelas. Mais ou menos abrigado, desesquecido de bicho. Perto da mulher, dando bênção das seis a filho. Bença pai! Deus te abençoe. Fé de criança, contra alma, contra o diabo... Pai e mãe respondeu, ri, dentes faltando, furados. Risada de fome, deitar dêsse jeito.

A lua boiando parada no tempo, apagando nas horas, acabando na noite. Arriando do céu lá pelas sete horas. Comêço de lua-nova. De quarto alguns momentos, tico de luz por instantes. Cismada, mofina, tocando claridade de leve na mata. Não tem nada, andar no alumiado daquela estrêla, chegar no lugar de caquear. Desperto, sucuriju não faz tanto mêdo, com qualquer triscar de faca, larga. Cavar o de comer ao jeito que der. Apêrto na bôca do estô-mago, ouvido zunindo, bolinhas rodando na vista, baqueado por demais com tanta fome. O lago aí em cima, logo na baixa, depois do socavão, na descaída da terra. Caminhada lenta, botando reparo em tocos, buracos, uma coisa e outra. Tão bem prevenido, logo de saída enfiar a perna no balseiro. Escalavrou de muito, cabelo deve de ter arrancado bocado. É o diabo do sofrimento de tudo. Falta de atenção, ru-mando não vendo, muito descuido Luís Chato. Muito que melhor arrastando os pés, corrigindo o terreno, medindo o que vai pisar. Evita de até esbarrar em surucucu, outra cobra qualquer, topada, queda. Seis horas, pode contar, mesmo que tempo marcado em relógio. Veado aianga vem vindo de caminho, num fio... ó... ó assombrado de arrepiar. Coisa esquisita de mata. Assobia perto, aí de encostado, pode pregar ôlho que nada não vê. Dois, três companhei-

ros, apita no meio, de assim tão junto de botar a mão em cima, ninguém não enxerga coisa nenhuma. Disto de mistério de centro, acredito. Já de muitas vezes tive de presenciar a marmota do bicho. Me benzo sempre, dá mêdo sim. Se calha de assobiar aqui de tocar, num instante assobia ali mais. De perto vai logo longe, distância de quase perder de ouvir. Que é bicho de verdade, ninguém não sabe, ninguém nem viu ainda, nem conta como é. Só pode de ser coisa de encantado. Por que agora nome de veado aianga, quem sabe o que é? Mãnia do povo inventar nome disso e daquilo. Muito que capaz de ser veado, também pode nem ser. Só digo comigo que é coisa do outro mundo, negócio de invisível, assombração. Foi lá, veio cá, correu ali. A quase no mesmo do instante, três paragens diferentes. Na frente, atrás, agora à ilharga. Já teve melhor. Soprou rente ao pé do ouvido. Meu Deus!

— Se é coisa do outro mundo, rezo pro descanso da alma.

Foi de mais longe, tomara fique por lá. Em cima, novamente... Santa Virgem! Voltou tirando corrida rumo subida da terra, contrário de onde venho. Desapareceu mesmo, será? Já se viu que arrumação, troço esquisito. Insultasse com êle, levasse na avacalhação, não largava de perseguir, ficava na amolação de meter sobrosso. Levei o bicho com jeito, no bom trato, foi melhor assim. Fôsse agravar, depreciar o danado, muito tem acontecido, dava de aparecer frio, febrão de variar, doença quem sabe de quê. Dava o pago na mesma da hora. Judiação do encantado. Uma arrepição pelo corpo, aquêle sobrosso, o cabelo parece até que crescendo. Sem arredar do lugar, pregado no chão, suando frio, num cagaço de esquecer fome e tudo. Só tinha de pegar no sobrosso, o

que se vê ainda vai, toma-se um alentozinho de coragem. Mas ouvir e olhar, nada. Égua, sabe lá disso que é. Marmota de veado aianga, acaba com entusiasmo de homem disposto, cabra valente amofina. Magina-se besteira de ser coisa feia, vai ver que é pássaro da noite, não faz mal algum. Falo isso agora, quando está longe, assobiasse pertinho, uma treme-deira, fiquei quase de correr aí à toa, onde desse. Depois dei de andar sem sentir, destino não tinha, findei acertando. Caindo no baixio do igapó, mata mais aberta, entra pedaços do céu. Mais alumiado, restinho de luz. No clareio da estrêla, deixa ver perto. Aqui menos bugi, bom lugar, à pedra aí de encostado da beira. Caquear até com água pelo joelho, mais não entro. Quem é doido de ficar sem pé tocando no fundo, sem poder enfrentar fôrça de bicho. Só em derradeiro caso, só fome mesmo, obriga a fazer um despropósito dêsse. Meter-me em igapó desconhecido atrás de peixe. Enfiar mão em loca, apalpar traíra, carauçu, arriscando pegar em coral, cabeça de sucuriju, morada delas. Porque não começar logo, aproveitando o clarinho, estrêla tem hora certa de apagar. Quando menos se espera, desaparece, deixa um breu de escuro. Corre mais ligeiro que lua, rasto menor de luz, retalhos na mata. De alta que estava ainda agorinha, bonita, vai apagando, caindo na ponta do poente, a mata cobrindo.

O espaço dormindo, vazio, escuro. O estrelão atirou-se de vez na ponta do céu, atrás da mata. No quieto, escuridão de meter receio. O tempo correndo nesta agonia de agarrar peixe, nem um por desgraça. Trabalho de horas a ajeitar um, escapa, bater pra outro. Com menos luz como está, muito que capaz de acertar nas traíras, vasqueiro de carauaçu. Mais logo aí banzeirou de encostado à mão.

— Te chega mais, um nadinha basta.

Quer brincar na chateação. Saiu de rente ao dedo, colou na pedra, afastando uma coisinha. É tentar pegar, posição ruim, os dedos tocam no lajedo, escapole. Muitos perdidos assim, sem esperar botar-se a jeito. Afundou na loca, pedaço mais adiante. De pé encurta o braço, mergulhando talvez dê de alcançar. Que vale é ser baixio, arranja-se meio de escapar de bicho. Encolheu-se, estremeceu do toque na cabeça do dedo. Pôs-se a modo traíra. Tucunaré, carauaçu, cara voltada pra onde sente. Botando tenência, quer ver o que é. Negaceando de banda no apertado da pedra, buscando saída pelo lado de lá. É o único meio, amassar de encontro ao lajedo. Cismava disso, maginava bem, escapou. Saiu avariado, carne trilhada do apertão que levou. Lago de pouca esperança, escasso de peixe, um ou outro pro gasto. Também tão na beirinha, caquear mais fora,

não muito, água pela cintura. Seguro na pedra, todo o tempo. Largar não largo, sabe lá o que tem nesse mundão de água. Foi enfiar o braço, topar logo um. Arredou devagar, por dizer escorregou apenas, sem medo. Tomara fique aí bem, posição de vantagem boa de pegar. Por onde se meteu? Esbarrei novamente, acoitado no lodo. Espichar o braço mais pra perto, ao alcance. Com os dedos sem movimentar na loca, tolice arriscar, bicho assim de tão liso, a mão não segura. Levei foi um talho de capim-navalha, nessa arrumação de vez por outra furar passagem no matupá. Já todo retalhado de malícia-d'água, espinho reimoso danado. Que horas poderiam de ser? De descaída em descaída, a noite vai alta, encolhendo no tempo. Já de perder a esperança de um pelo menos, pequeno que seja diverte a barriga. Agarrar de qualquer jeito fôsse. Levantar sustança, estado de fazer dó, os quartos doendo, o juízo faltando, numa desgraça de causar pena. Lá fora saindo vai dar falação. Já viram o Luís Chato, vá ver o estrago, está que é uma caveira, coitado. Só tem pele e osso, se não se cuidar como deve, acaba sofrendo do peito. Como que devia morrer mais primeiro, antes que sofrer aí muitos meses com a malvada no corpo. Ninguém não diz que é êle, mal-a-mal se conhece do que era. Pode até ser que mal diga, mas a maldita do peito já pegou lá nêle. Ainda nem bem viram direito o estado, se calhar de tossir do pigarro do tabaco, bastou um ouvir, começa a falação. Aquela tosezinha amuada, a família pode de cuidar, leite de amapá todo instante, se quiser o parente com vida. Quem não vê logo que é a malvada do peito, só quem não quer. A mulher dêle se bota na coisa de esconder, o que está à vista, a tosse, a pelanca agarrada nos ossos demonstrando. Saindo daqui,

pode ser, mas Mariana não vai ter gôsto de sentir o caboclo, a mode que nem de mijar presta. Lugar de acoitar mucuim, esconder carrapato, usar pra verter água, disso assim vai servir. Homem nessa capaço, muito melhor morrer da pior desgraça. Dormindo junto, aí estendida na rêde, em brincadeira de quase pedir, cheiro de mulher com vontade. Baixo, desesquecido, vergonha de matar marido. E se diga, no início da perdição, dia ou dois animou-se, depois caiu moleirão. Lembrar cunhatã nova, como é, não tem jeito algum, na tristeza sempre. Já há muito não vinha disso, começa dê nôvo, a careta na cara, o ôlho fechando de quando em vez. Mania de muitos anos, dias melhora, dias piora. É sim, aqui tem um. Apalpei a bom jeito a traíra, esta pego na certeza. Encurralada na loca, buraco largo, a mão entra folgada. Quer fugir por cima da mão, aí não passa, tem a outra pra tapar. Mergulho de proveito, tivesse feito antes, com história de mêdo. Fazendo fôrça, sem querer sair de onde estava, sempre agarrado. A cabeça da bicha ficou bem esbodegada, chega o ôlho saltou. Embaixo a água é até morninha, tirou o corpo fora arrepiou de frieza. Carecer de tanto trabalho, calcular comer cru, sem farinha, esmorece. Na pavulagem de coisa melhor numa situação dessa. Cuidar de subir a terra, o tempo caindo na meia-noite. Silêncio, canauaru parou de cantar, é certo nas horas. Às oito começa, meio da noite para. Se põe num gemido baixo, acaba calando. A cêra do bicho, santo remédio pra dor de cabeça. É fazer a defumaço, desaparece por encanto. Tem gente que cisma andar nessas horas, sobrosso de apariçoes. Mas tenho que ir, voltar de rumo arriscando, sei lá onde o pouso de dormida. Ajeitar abrigo em qualquer parte do alto da terra, não há dificuldade. Taí

adiante a ladeira. Ainda isso! Matim dando notícia ruim, apito fino de entrar nos ouvidos. Tim... tim... termina num timmm comprido. Capaz de ser morte lá em casa. Do mais assim maior não quero que seja. Mas se deu agora ao avezamento de pescar pirarucu, sòzinho, na lonjura do lago. Vai acabar boiando inchado no remanso, que Deus me perdoe se mal digo. Magino mais no assinzinho, fraco, barrigudinho, cara de morrer cedo. Bicha, tem de botar de entupir a bunda. Daquela feita largou tanta com mastruz, que baqueou numa moleza de dias. Num esmorecimento, comer nada pesado podia, vinha o engulho. Chega cresceu o beijo de puxar os peitos da mãe. Tem coisa alguma que preste de alimentar naquilo, bambos, pelancudos, a mal comparação igual a saco molhado. Necessidade, Mariana dá duro, todo instante no serviço, pouco de comer. Agouração dêsse bicho, aviso de morte na certa. Não dá iludição, parente, amigo, mais de casa. Quem terá de sido? Canta de tão perto de parecer sentado na cabeça da gente. Deu notícia de defunto, apressou-se em sair. Vai aí assobiando longe, de travessia no lago. Perdeu-se na distância das cabeceiras.

Debaixo da dormida do sol, reta batida três a mais dias, onde der de chegar. Nada de torcer à esquerda, nem direita, comendo terra sem largar direção. Topando água, só travessia grande respeito. No descambar de poente, um nada à direita, pensava no varadouro não era. Daí se deu o causo, o atrapalho do juízo. Tomei de cortar ao sul, posição errada. Cismei de costear afluente, deu em lago. Encasquetava uma coisa, outra, um despropósito de atrapalhação na cabeça. Tempo escuro, céu coberto, saí de casa aventurando arriscar. De vista própria sol não via, calculava poente. Ainda havia de aparecer aquela desgraceira de chuva branca. Foi carreando nuvem, cercou de cortar a vista aí mais logo, sem deixar assuntar de poente, nem nascente. Agora só magino que o sol quedando aqui, tira na direção da mãe-do-rio. Faço meus cálculos, coisa de há muito pensar, nunca vai dar como acho que poderia ser. Agora êste de acompanhar a estrada do sol, vamos a ver se saio lá fora. Bem a prumo, pisada dêle terra corrida todo o tempo. Quem não sabe se é? A questão é não variar rumo, pegar pela esquerda, derivar pela direita. Desvio pouco, num mundão de terra desabusada, uma abertura de diferença disconforme. Caminhar alinhando o terreno, alteração mais para um lado, descuidar para outro,

tiro o desconto adiante. Levantar a cabeça aqui, olhar ali, corrigir sempre a certeza de poente. Pela manhã a chateação de olhar pra trás, a tarde o rumo batendo na testa. É o sol seguir aí, seguir também, tomara dê certo. Por falta de esperança chegar em casa, não fôsse, acabar não acaba, assim nesta tiragem de tempo todo. Dias parado, doente, nas andanças, por calcular assim. Quatorze dias pisados, parado uns cinco, quinze... dezesseis quero que seja. Início de perdido nos finais de lua-nova, já a quase começar de nôvo. Num domingo a saída na pista da anta, seguindo o vestígio da comidia do buriti. A suportar tanta desinfelicidade, curtindo fome. Vida é quando se precisa, aí há luta de verdade. Já tive de ver homem desabusado, afoiteza de meter mêdo a muita gente, naquele esfriamento da hora chegada. Chorar, quem nunca dizque chorou, dizendo não querer findar. Naquelas marmotagens de careta, levantando, vontade de correr, gritando afe-meado, evém ela, evém ela, não dêixem, não deixem. Nunca disso não pensava, enorme sacrifício, querendo viver. Maginando família perto, se antes isso nem ligava. Largava fora de casa dias e dias, sem tanta estima a filhos, mulher, pouca lembrança de voltar apressado. Nem tem conta das dormidas no mato, nas proximidades de lago, trepado em mutá, atrás de peixe, caçando, a procura do de comer pro pessoal. Por aí afora estonteado, correndo terra, a família esperasse voltar, quando fôsse de voltar. Agora assim capiongo, num desvanecimento de fêmea, só na tristeza, aperreamento de maginar um montão de tolice. Beirando os quatorze dias, a derradeira chuva, aquela do abrigo da fôlha de buçu, da marmota do macaco atirando o tampo do ouriço.

A cabeça arruinada, alertando dalgumas passagens, na mais das vêzes do pior, o que o diabo não quer para êle. Hoje fiz trato comigo, não vou desapalavrado, cismeí está cismado, tomar caminho linheiro no sol, atrás dêle manhã à noite. Parada só de descanso, reparação de terreno, corrigir a terra, comer e seguir. Lugar de pouco embaraço não deixo de andar, poupando a vontade das pernas. Acredito que sim, marcha tirada uns cinco dias numa só direção, quero que tomo chegada da mãe-do-rio. Vizinhança de casa, tocando no varadouro, quase o açoiro, as itaubeiras, o mulateiro renovando a casca... Marcasse a entrada, uma quebrada ou outra, galhinhos, palmeira, disso não tinha acontecido. Batia em cima, rumava certo. Quem ia dizer, esquecimento danado, com a anta aí cheirando a fartura. Centrar sem referência de mata, lugares que se passa, marcação de árvores, baixa, caída, rebolada disso, daquilo, só podia de acontecer disso. Deveras, nunca não tinha botado vista num alvoroço tão grande de papagaio. Uma festança nos galhos do marfim, despejando fruta chega cheira, um esbagaçado de caroço caindo, parece chuva. Começaram a sentir, de dois, de três, o bando inteiro largou-se agora na gritaria, botando-se pra longe. Mas como ia dizendo, impinimei cortar pela direita do poente, andar de perder o juízo, sair noutra paragem, nada de varadouro. Afirmava que era, duvidava, rodava a cabeça na incerteza. Bem que capaz de ter desviado demais, muito de banda, aberto a rota noutra ponto. Em terras gerais não dar de correr caminho linheiro. Faz-se tenção de botar direto, corta aqui, revira acolá, um eito mais aberto, outro mais fechado. Bastante esbarrar entamiçado de cipó-de-tra-coá, topar com espinheiro, caída, sororocal, anana-

rana, outras coisas assim, muda roteiro não querendo. Tempo gasto em varação, desvio de corte, às vezes dá de acontecer esquecimento de ajustar igual tirada de caminho. Também com aquela desgraça de chuva branca cobrindo nascente, escondendo poente, qualquer um caía nessa desvantagem. O melhor mateiro, em paragem de pouco conhecimento das terras, perde-se até na biqueira de casa. Com sol bem esperto, luz forte indicando o nascente, é sair no ponto que quer. Vai ser assim, dias a correr terra na caída do sol, atrás da cama da noite. Hori-nhas de descanso, aprumar as pernas, pegar de novamente rota segura na ponta do céu.

As horas derreando pra tarde, no depois de sol a pino, uma para duas, por aí se tanto. Tomar empenho de aliviar um sofrer, outro. Das coisas de bom, piorando de ruim. Acocorado num pau, abai-xar adiante em lugar qualquer, pressa de quase nem não poder mais. Nesse despropósito de cagar sangue, findar naquela espuma. Chicote de aquestar o rabo, um ardume, sem maneira de atalhar. Cai na procura de puxuri, olho de cumaru, terra vasqueira, disso que é bom, não ter. Remédio de muita valia, chá de goiaba, araquá, graviola, havia de arrumar perto de casa. De primeiro, início do vexame, corria aí de muito. Agora é correr um nada, na pingadeira de parar aqui, logo ali mais bem. Chega o querer, acompanha aquêle friozinho de suor, num ar-repio de levantar o cabelo. Panemice de nunca nem não saber de quando acabar, azalação de liquidar um. Num afrouxamento de começar de pé, soltan-do à toa já, à vontade dela. É vir a ventosidade, der-reia o aguado, quando nem não se espera, naquela ligeireza de faltar tempo. A vista escurece, apóio nos paus, a jeito de não cair em cima do estrago. E ago-ra vá se ver, aparecer isso de quê? No sustento da sôrva desdntem, fôsse no tempo mesmo, fome de muito não passava. Caramuri, alguns escassos, fru-ta de mata que só carrega de quatro em quatro anos.

Quando botava fiança no talento das pernas, havia de aparecer dessas. Nisso de muito parar, o dia findando, a vencer um nada de manhã aqui, caminhada de pouco servir. Vá pra lá com uma desgraceira desta. Morresse, muito melhor, findar em montoeira de bosta que é vida de pobre. Cova de quem tem poucas posses, é isso mesmo, beirada de rio, atirado na mata, desesquecido no fundo dos lagos. Lugar certo não tem. Largar o corpo no cemitério, até os ossos passam vexame. Mal distiora a carne, botam outro, comprou o terreno, vai saindo quem não tem com que comprar. A alma a penar, sem saber onde deixou a carcaça. Mais das vêzes não acredito nessas busões, conversa bêsta do povo. Padecer por causa do resto que deixou na terra. Apertou novamente, repuxo na barriga de perder o talento. No calafrio de molhar o corpo, de aliviar só com o cuspe que sai, raiado de sangue. Como, o quê? Estrupição de mato bulindo detrás da galhada, é do sentido que vem. Cotia mesmo, num fio fio de alvoriçamento, assustada... É arremedar, vir bater em cima, carreira tirada. Duma feita diz disso, a bicha atarantou-se, veio bater no costado da perna, caí só do sobrosso. A espingarda foi parar naquela distância. Enganar cotia de assobio, corre risco de gato. Aproxima maracajá, suçuarana, pintada, vem de um tudo. Escutou, toma chegada no pensar que é outra que pegou, quer tomar. Uma dessas de perigo, não tivesse de prontidão levava o diabo. Arremedava a cotia. De arisca que era, volteava de um lado pro outro, tomando aproximação devagar. Agachou-se um vulto de não notar direito, detrás duma caída, aí logo. Firmei os olhos no ponto, atenção no que era. A pintada na maior suavidade mostrou a carranca, mandei a doze no entremeio dos olhos.

Foi pegar chumbo, findar em cima das patas: Só ainda fêz um estrebucho, espezunhando o chão, estremunhou morta. No tempo andava de arma emprestada, me fiz no preço do couro. Comprei a Mariposa, ainda restou de arrumar umas vestes para o pessoal lá de casa. Cuidei dos meninos, Mariana entendeu de querer um vestido rajado, malhas grandes. Por dinheiro não fôsse, deixar de fazer o gôsto dela. Com os últimos restantes do ganho da venda, comprei. Bancou a bonita nos festejos do padroeiro, rondava o arraial tôda puxenta. Dita festa cuja depois acabou em arenga. Noite da sem-vergonhice na casa do Cantídio. Da assanhação da mulher de pegar dançar só com um. Sabe lá que anda fazendo sózinha. Mulher enganadeira, safadeza não larga. Marido virou as costas, bota logo homem dentro de casa. Não digo que vá se avacalhar com um e com outro, mas companheiro certo muito que capaz de topar. Mariana não é de muito querer, faltou com ela dias, mês até, nunca não foi de se oferecer. Mas eu aqui, pensando já morto, capaz de errar. No caso da festa, acho que disso não houve. Estava de princípio de intenção, cortei a tempo. Levei de volta pra casa, naquele arregação pelo caminho, safanões em cima de safanões, brabo no trato com a mulher. Desagravei o que dizia ser ilusão de marido, aquêlle agarrado com o rapaz, de ir até no terreiro a conversa. Aquela afrontação de caso pensado, acabar na capoeira na vadiação. Às vêzes magino a malquerença, nem não tinha porque. Mariana não é dada a essas coisas de safadeza, nunca tinha parecido na intenção de enganar marido. Jurou por tudo, coragem não tinha, homem pra ela de bons préstimos, bastava o marido. Gôsto como nenhum. E como sabia dos outros? Aí o arregação aumentou, cresceu

a desconfiança, cismeiei de perguntar. Eu é que digo assim, melhor não há, sentir outros, Deus que me livre. Tendo macho que preste dentro de casa, procurar homem na rua, só castigo. No depois de quase mês do acontecido, com ela na rêde, a desavença amornou. Lembrou-se do caso, por assim dizer-se amuada, logo esqueceu. Que nem das outras vêzes de antes da arenga, findar na alegria, sem malquerença nenhuma. De início fiquei no nojo, se alguém tivesse conhecido a mulher, uma repugnância que dava. Desesqueci na vadiação, hora de querer. Deveras, é isso mesmo, só pode é de ser, derreia tem qualquer coisa de ligação com a cabeça. É maginar levantar, aí logo vem a dor na barriga. Quando que vai acabar isso. Já pensava de ir, parei, as pernas escorrendo. Na reinação de entupir, encher de fôlhas, vê se escorre ainda. Vazamento duma ova.

Alguém vem vindo de caminho, tirando nesta direção. Pisada de ente vivo, a esta altura de hora no mato... Carece aprumar direito os ouvidos, a modo não enganar. Batida de gente mesmo, corrigindo mata, tomando chegada. Encostou o aço do ferro no pau, chega tine. Quatro cortes seguros, parou... Mais três terçadadas, a árvore tombando. Agora deve de estar retalhando a galhada, menos talento no baque do ferro. Credo, esconjurado! O cabelo alvoriçado botando sentido em alma, num arrepio no centro da cabeça.

— Pode falar se tem alguma coisa de pedir.

Nada, silêncio de meter medo. A mata calada, ruído nenhum, o sobrosso tomando o estirão do centro. Grilo, sapo, pelo menos precisava escutar, nem isso. Acordar nessa asombração, com coisa do encantado, já por duas ou três vezes. Dêses segredos de terras gerais, nunca não maginei de ouvir. Marmota de parecido gente cortando de terçado, torando pau, fazendo derribada. Como que certo vinha apressado, parou acolá, deu comêço ao serviço. O aço do ferro a cantar na madeira, o arranco da queda levando eito de mata. Amiudou os cortes, como que desgalhando a folhagem, num repentininho cessou. Vestígio de nada, buliço nenhum. Bem aí a arrumação, se muito uns dez metros. Conversa mui-

ta de visagem, em terras centrais, dalgumas acreditava. Havia de haver dessas pra afiançar, não se pôr a distratar história dos outros. Das vêzes estou na imaginação, é variação da cabeça de tanto padecer. Ouvi sim, direitinho, o sentido sentado, no ir acordando. Botei bem sentido no troço, só de ver, coisa alguma. Pelo menos o vulto dava de distinguir. Dar não dava, nessa escuridão, mas escutar deu no mesmo. Joguei a tenência nisso, aviso de morte, só pode é ser; com êste o segundo. O matim, essa aparição não sei de quê. Maginando sêmpre que é de filho, do mais curumin, menorzinho. Esmorecido, vez por outra faz trato com a morte. Fica vai não vai, remédio daqui, trato dali, benção acolá, toma alento. Dias findos, vem recaída, arreia de não dar acôrdo de si. Digo assim pelos vistos da pouca vivência dêle. Deus que me livre pensar mau agouro pra filho. Além da consumição de perdido, dêsses pensamentos do pessoal. Findar o resto de noíte com os olhos pregados na escuridão. Dormir como, a cabeça rolando longe, maginando desgraça lá dos meus de casa. Da bôca da noite aqui, sono leve, naquela moderna, no pressentimento. Do esturro de mutum das seis, hora a hora contei todos. O primeiro, dois, três... oito foi o tanto. No mais tardar, corre por aí assim uma da madrugada. As nove a derradeira vez de espremer passando a derréia. Que vale! Era uma aporrinhação, chupava o corpo apertava as peles de saída, no evitar de escorrer. Trancava respiração, se afrouxava por descuido, vinha o derretimento. Como puxuri não tem outro remédio, foi topar com árvore, comer as sementes, arrolhar duma vez. Resta ainda o ardume da assadura, a tonteira, uma fraqueza, as pernas bambas. Deu só de atrapalhar chegar à mãe-do-rio. Pouca terra

corrida, parando demais, depois o descanso até anoitecer. Continuar queria, falhava à vontade, o corpo refugava. Arriava de sentar no chão, bote tempo perdido. Eras! Engano de muito no cálculo das horas. Por certo dormi pedaços, perdi a marcação de mutum. Sonhei o restante pra chegar no oito, quero que tenha sido assim. Céu desfalecido, esbranquiado, estrêlas sumidas, uma ou outra aparecendo, sinal de dia amanhecendo. Jacu confirmando madrugada das cinco, rasga asa nesta hora. Corre a perna nas penas, dá êsse ronco. Só bota a cantar com dia mais fora, clareando. Zerada de sono, cochilo, uma moleza danada, corpo moído, baqueado. Agora estou na certeza das cinco, aracoã afirmando, numa alegria de acordar, naquela barulheira de doer as oiças. O centro desperta, a mätä vai levantando, parou canto de grilo, sapo, rã, começam os pássaros a buliçar nas galhadas, aquela animação. Jacamim também iniciou a festejar claridade. É o dia abrir de todo, forrar do que puder a barriga, caí de mata virando no ponto de achar a mãe-do-riõ. Os ossos na estaladeira de preguiça, bôca abrindo e fechando, uma sonolência molenga. Noite mal dormida, o juízo avaliando o que bem não era. Çismando só o de ruim que pode acontecer, doença, vadiação da mulher, morte lá de alguém do pessoal. Um entrançado de desgraça acontecida, a girar na fraqueza das idéias. A cabeça aquecendo, avariada, nã agonia de encontrar salvação, escapar dêste enrasco. Alívio de pouco, esperança de muita valia, é barra da manhã furando mata. Cheiro de dia querendo clarear, alegria que a modo dá mais vida, afugenta tristeza.

Manhã já bem aberta, o dia tirando fora algum tempo. Sono, dormência, ainda de amanhecer de muito franzir a cara. É piscar, piscar, naquele modo de sempre. Quase noite inteira alertado, na consumição, depois o sobrosso do que era aquilo torando pau. Tomava por alma o troço aparecido, coisa penada vagando pela mata, atrás de sossêgo do que fêz na terra. Bateu logo aquelas fraquezas na cabeça de maginar fôsse isso ou aquilo. Quem sabe do Zé Pretinho, morrido ligeiro, o monstro afogando o bichinho, a água espirrando sangue. Vermelho é fome, vermelho é desgraça, até dum govêrno por aí que chamam assim. Dizque num lugar distante, o trabalho é castigo, reclamar ninguém não reclama vai prêso, até desaparece às vêzes. Podem matar quando se fala lá dêles. Povo calado, triste, amarrado na escravidão. É isso, tantos anos depois, Zé Pretinho veio visitar o companheiro da desinfelicidade, ou avisar dalgum acontecido ruim. Pode até ser, muito que capaz. Da preguiça, lavando a cara há de espertar, afugenta o sono. O certo mesmo é banho, mas com esta frieza de cedinho, carece ser ruim. Acaba a caninga do corpo, alerta a morrinha, dá esperteza de mais caminhar. Só se fôr de uma vez, saltar n'água num de repentinho. Molhar pulso, jogar água aos tiquinhos, a modo não estuporar, fin-

da acabando a coragem, na frieza que está. Vai dum arrancada, não tem pra onde. Pensasse muito, desistia. Friorenta de parecido agulha enfiando na carne. Só êsse um mergulho, nada de esfregar corpo de tirar sujo. Daquele momentinho, saí dêsse jeito, o beijo numa tremedeira, pele engelhada, os dentes batendo. No cabo dum machado, torando pau, uma merda que não acabava com isso de vez. Faltava mais essa, espertar sem querer, correr tanto assim, esquecido até da frouxidão das pernas. Foi triscar de pouco no cortiço, as bichas se assanharam numa danação. Botaram-se em cima alvoriçadas. Abelha miserável de desabusada essa aramã. Surra de desanimar, chega tem de monte pregada no couro da cabeça. Fede, bicha oleosa. Corri, ainda muito pior, se largaram atrás alvoroçadas, bandão delas. Grudou no cabelo bem umas vinte, uma meladeira.

— Larga, sacana!

Amassando dá de tirar melhor. Viva, fica como que grudada no casco da cabeça, não solta assim não. Desatento de tudo, desesquecido da atenção precisa em terras gerais. Desparecer a vista longe, vistoriar onde senta o pé, a mão, as oíças abertas à queda de pau, estalido em graveto, a qualquer bulir de mato. Quando de início de areação, não ia pegar em árvore, passar por baixo, sem espreitar bem a jeito. Deixar de fazer como que devia, se deu disso. Fôsse tapiú, estava liquidado, pelo menos dia, dois de febre. Inchação no corpo, na cara que é onde dá de pegar mais. Caba desabusada, afrevida, nem água respeita. Mergulhou, mergulha atrás a procura. Tatu do mesmo jeito que dessas, abelha, mais o susto. Danada assim de arrenegar tanto, é essa praga de aramã. Doer até que nem é muito, o

aborrecido é a atrapalhação de engrossar na cabeça. Agora nesse pensar bêsta, no perder tempo, quando podia era de cuidar de arrumar bóia. Comer de panela nem não se fala, peixe então só jiti-nho, caíco. Igarapé escasso. Tivesse, ajeitava meio, um que fôsse pegava. Um fiozinho de água miúdo, onde que ia acoitar peixe grande. Só por evitar serviço, nem não era tanto, bacaba muita, patauí também palmito aí de abarrotar. Tirar com faca, bote tempo, paciência demais. Nessa cegueira de gume, vai ser perder hora afiar em âmago. Cega logo de nôvo, serve de tudo, torando cada pau, cortando caroço. Vida de perdido ensina muito, quem podia de calcular uma porqueira dessa de faca, com tanta precisão. Ah! a Mariposa com cartucho de sobra, passasse ano na mata, morrer de fome não morria. O mais que sinto é da espingarda, nunca vou de encontrar onde deixei, no destino de findar no ferrugem por lá mesmo. Longe do companheiro, o zêlo que tinha com ela, sempre oleada, limpa, pronta a qualquer ocasião. Couro de pintada pra comprar outra, quando já. Nem não anda assim facilitando de se matar a bom querer. Arisca, cismada, vez por outra se topa uma a jeito de receber chumbo, coisa de muita vantagem. Descobrir o corpo todo, só se vier descuidada, varrida de fome. No mais, é metida nos bugis, nas caídas, lugar mais cerrado, esconderijo, morada delas. Depois com a Mariposa, confiança em arriar gato em cima do rasto. Outra igual, no meu parecer, capaz de nunca encontrar. Espalha chumbo, abre no alvo, pega bocadinho de carga, sai no arranco de vida, vai cair numa lonjura de corrigir. É de ter pena duma daquela tão boa de ponto, na fôrça então era por demais conhecida. Segura assim, por saber das dela, só a do Luíz Chato, capaz

de varar chumbo em cabeça de anta, naquela dureza de osso mucião. Deveras, tem disso. Pegando a maginar agora derribar êsse filhotão de patauí da beira. Como que vai ser de torar, foi bater a faca tinir. Vergar, derreando um pouco, pegar a parte mais mole do ôlho, começar por aí o talho. Assim não vai, derreia não, nem alue. A raiz do bicho é pegada na terra, entranhada na areia de rijo. Não sei como pode de ser assim, nessa resistência tôda. lambido pela água, a raiz aí fora, aparecendo. Casa de limo, dourado que nem escama de peixe. Fracateando com pouca coisa, serviço maneiro, numa canseira de quase arriar, baqueação danada. Mais logo comendo, não carece de pensar. Sair cortando aqui direitinho no rasto, acompanhando o rasgo, sol poente.

O tempo vencendo pelas nove horas. Sol raro, escasso, aparece, se esconde, ameaço de chuva. As nuvens mudando direção, vai cair de caminho. Este ponto bem lá, nascente de temporal. Carregado como está, não furando o nascente, arreja mesmo. Açoite de vento daqui, soprando dali, comanda cada de chuva. Peço a Deus bata ao contrário, atirando fora de cima da mata. Para aquelas bandas do pau-d'arco florado, saindo de rumo pra carapanaúba. Assim procedendo, o tempo vai de escapada tirando mais longe. Aguaceiro, molhado coisinha que seja, faz um frio de engelhar. E agora o atrapalho de abrigo, espera de estiar, sustar caminhada por horas aí esquecidas. Quem vai na maior intenção de descobrir rumo, mata batida, aguardar estiagem de chuva. Começam a arrumar corrida pro nascente. No espalhar as nuvens, segura a queda ou toma cada noutro lugar. Por respingos aqui, outro ali, não é de empatar nada. Despencando de vez, dando mesmo de ensopar, aí mais a aporrinhação. Terra molhada, a mata chovendo depois de parar, pior coisa ainda. Se calhar bater em baixo, a enxurrada lavando, fica aquêle escorregadio, grudado de massa-pê pesando no pé, numa chateação de tirar. Neste bugi dos diabos, varação comô que se pode fazer.

Caída de ano, a galhada secando, começa a montoeira de cipó a crescer em cima, fica dessa desgraça de terra ruim. Cipó-de-tracoá, mais que tem. Calcule num empate dêsse desinfeliz, tirar seguimento de terra. Arre! Com os diabos, sabia disso, com esta a terceira queda do amanhecer aqui. Pernas amolengadas, descaídas na frqueza, por qualquer tropêço bêsta, topada, dedo prêso em garrancheira, esparramar no chão com todo o pêso. Bom de saúde, não ia cair dêste jeito. Baque de estropear se não deu, por causa do folhiço, terreno fôfo ampara a fôrça do corpo. Sempre não foi do meu agrado tentar varação em riba de caída, mas à falta de outro jeito. Teve de aparecer bem confronte ao rumo seguido. Daqui em diante não vai mais, só tomando um bordo pelas bandas de lá. Deu-se como pensava, cair no embastido maior de japecãnga. Chegar mais dentro, desviar acolá naquele eito descoberto de terra. Solzinho friento, vasqueiro de luz. É... deu de ver coisinha, mas deu, a direção aí em frente, direto, nenhuma variação de sentido até agora. Bem assim nesta paragem que vou, nessa uma tesura de terreno melhor. Ai! picada? Cobra... Deus Nossa Senhora, bem aqui o lugar, certo em cima do folhiço. Arriei o pé na frente, foi sentir a picada, neste ponto, mesmo confronte ao inajazeiro. Foi botar os olhos, vi logo.

— Ainda aí, afrontando, vem cá meu sacana!

Acoitou-se na palheira. Taí com o esporão apuramado, na intenção de fazer mal outra vez. Se empurrando de banda na casca do pau. Fica mais a mais a modo limpando o folhiço, pode de aproveitar escapulir. Pensa que se escondeu, o rabo de fora. Só quero que fique quieto, dessa maneira que está. Arre, porra! Cada ferroadada de escorrer da ca-

beça aos pés, amiudando o doer na mesma da hora. Acertou a maldade lá dêle à ilharga do pé, no modo da carne. Fôsse no solado mesmo, não entrava êsse um tanto, se calhasse doer era um nada de nem muito prejudicar. Que merda, santo coisa nenhuma, só azar, desgraça chamando desgraça, padecimento. Desvalido de tudo, da devoção no padroeiro coisa alguma valer. Dor miserável, num despropósito dêse de homem gemer dessa forma.

— Esmigalhado mesmo, filho duma égua! Vai de servir de remédio pro que fêz.

Tocar o bucho na incisura, acomoda o de maior sofrer, horas de menos. Três, quatro, acaba o doer. Logo lacrau prêto, doença de gemer vinte e quatro horas seguida. Tem macho de gritar, é vê mulher botando filho. Com o estripado dô bicho em cima da mordedura dêle, diminui de pouco alguma coisa. Adormecendo de mal poder triscar o pé em nada. Vá ferroar assim no cu da mãe! Um homem no gemido feio de fêmea safada, dengosa ao lado de macho. Rapa de casca de ambé, titica, também alivia o correr da doença. Fazer isso mais logo, serenando as ferroadas do ferido. A modo que está, de mal poder arredar o pé, só se fôr pulando. De mais não agüentar. Conseguisse dormir, podia de acontecer melhora pouca. No segundo dia de fechar rumo no poente, ainda de andar besteirinha no ponto que quero seja a mãe-do-rio. . . Caganeira num, noutra a merda do lacrau, fim dessa desgraceira tôda, só quero é ver. Nunca não tinha sabido de mordida de lacrau, agora até isso deu de acontecer. Via nos outros, gente chorar com a picada do bicho. Em mulher pensava em dengo, em derratimento de botar lágrima por qualquer asneira. Num machão,

certa feita, até esculhambei, muitos ouviram. Isso é frescura, amofinação de homem de pouca valia. Nunca calculava de doer tanto assim de azoinar a cabeça. Só faltava esta. Como vou me acabar, precisava de saber logo. Mistura doidice no juízo, vontade de cortar na incisura, meter a faca no peito, findar de vez. Suportar noite inteira, outros dias pela frente, quem sabe até quando. Maginando disso, daquilo, tanto sofrimento, terminar deixando a carcaça nessa desgraça de cerrado. Que teria de feito pra penar dêsse jeito. Findar os dias igual a Mariposa, esquecida, pedaços comidos pela ferrugem, na carne da gente é bicho. Nunca não imaginava disso acontecer um dia. Morrer é na hora chegada. Dizia assim numa rêde, a olhar o tempo passando, dia bonito ou feio, manhã clareando ou dia escurecendo. Tudo contrário, atirado aí, morrendo aos tiquinhos, paragem lonjura de casa. Urubu espreitando o findar, no galho do pau. Quem vai saber até se espera, não vai querer cutucar é com vida ainda. Aquela montoeira nojenta de bicho, ôlho no aguado de carne, limpando a sujeira da terra, varrendo doença, deixando nos ossos. É ter fome, rodeia, começa a baixar, volta a cair de bico nos destroços.

Correndo pelos dezoito dias de areado, entrante êsse um, dois que passo avariado. Quase a correr, na vontade de chegar, veio a peste daquele lacrau, amunhequei a intenção. Esperança no padroeiro, promessas, nem sei quantas besteiras, quem nem não era de rezar, resultado algum. Andando aí caxingando, num desperdício de fôrça, na ponta do pé. Avanço porqueira, cuidando não magoar o ferimento. Dor de avacalhar homem arrojado, mordida de lacrau. De gemer umas quatro horas, por aí assim. Não fôsse atalhar logo no calor do bucho do bicho, rapa de titica, ambé, era dia inteiro de padecimento. Lá pelas três do sofrimento, calhou de bater no lugar, padecimento de soltar lágrima. Tão desmerecido da sorte, nesta luta, vai para mais disso a desinfelicidade. Se cada um tem seu dia chegado, o meu porque não logo.

— Fartando a barriga, hem!

Aquilo é cauré, não é? Desconhecer palmo em riba, os olhos atirados no pássaro. Comendo o quê? Se não é, parece... um surucuá. De mais primeiro enxergava era lonjura de terreno. Até vista que era boa, ficando curta, variando de ver mal-a-mal. De às vêzes escurecer, o que tenho de olhar apagando à distância. Das muitas ocasiões, aquelas bolinhas

mudando de côr, azulando, desaparece a visão. Disso acontece na mesma da hora, tempo curto, escuridão de coisa alguma não vê. Vigie só isso, debaixo do pau, ainda cismando se era cauré. Gavião bêta, manso, oferecido a tiro. Real que é bicho por demais cismado, afoito, até maracajá dá de comer. Macaco com êle não se mete a sabido. Tira vôo direto na cabeça dos paus, pega seguro nas unhas. Carrega tamanho pêso, às vêzes cuatá, leva céu afora, vai comer noutra paragem. Tomando bem reparo, esta terra geral não esperança acertar caminho de volta. Fico naquela teima, bater pelo menos cinco dias na caída do poente, acho que resultado bom não vá dar. A bem especular, corrigir a terra em todos os sentidos, desacorde a modo em tudo de paragens de trato conhecido. Foi enterrar os pés na derradeira subida, topar um matão feio, cerrado. Estirão aí bêta de só botar a vista em terra seguida, sem deparar igarapé, comida por pouco que fôsse. A barriga arengando, vazia faz é tempo, nos roncões lá dela. Nem ôvo, penso assim que época de ninho passou. Inambu, do jeito que deve de estar agora é de filho miúdo. Bom pedaço corrido, matando a sede no cipó-d'água, que nem igarapé por desgraça tem. Mata dêsse jeito, digo mesmo, nunca havia de conhecer pior. Cada um despropósito de árvore de bem uns trinta metros. Essa uma aí, muito mais disso. Itaubeira, quariquera, madeira de lei tem a fartura, lugar de muito proveito. Pra perdido é que não é de vantagem, debaixo aquela miudagem de mato, miuçalha de fazer um cerradão dos infernos. Esmorecer não esmoreço, se o sol vai tirando adiante, seguir por onde se bota. Caminha

em cada paragem, olhe só que descaída de terra aprumada, ter de enfrentar. Se a rota como quero que seja segue nesse eito. Começa logo nos escorregos, o pé falseando, segurando num pau e noutro muito que capaz de vencer. Andando desavisado, na última caída de socavão ia levando o diabo. Foi esfregar o rabo ladeira abaixo, chega avacalhou o assento. Valença que a perna sadia prendeu num tóco, estanquei o arranco numa paxiubinha, já na derradeira escala de entrar no baixio. Dessas encrotações de entravar caminho, aparece sempre. Nesta queda de socavão, só há um jeito, escorregar o pé de saúde, apoiar com segurança naquele jatulzeiro dali. Estirar mais a perna, mais um pouco, deu. Fincar o dedão no entrançado de raiz, assim vai bem. Mudar a outra, o braço direito agarrado, que vier de fôrça na carapanaúba. Se escapole, é lasciar o corpo no fundo do grutião, salvar nem a alma pra contar do acontecido. Êta! De sentir a modo uma rasgadura no entremeio das pernas, peito aberto. Disso acontecendo, cura não tem, dêsses males que só reza dá jeito. Por ali melhor, bordejando o costado da terra facilita a descida. Êsse um lugar de mais perigo passei, num forcejo de arre-bentar o corpo. Devo de sentar um pouquinho, esperar nôvo alento. Suor escorrendo de maginar em banho. Onde já isto? Água nem pra remédio se vê. Nem não me dava côbro disso, mas foi do mêdo. Gelado, a cabeça tonteando, amarelidão por certo também. Sobrosso da maginação da queda lá embaixo, por um êrro qualquer. Árriar de cara nos paus, a cabeça enfiada numa ponta de âmago. Morrer assim, miolo de fora, pedaços aí atirados no chão, aquela brancura misturada na terra. Nessa

arrumação tôda de mêdo, até que a descida foi ligeira. Correr agora em terreno plano. Só é que é muito entijucado, barro do branco, um ananaranzal fechando a direção de caminho seguido. Tomar pelo pé da terra, acima do baixio coisinha. Correr nesta linha, o sol de atravessado, cortar mais ali, depois pegar direto no rumo onde quero.

Lua crescente, escorregando para mais de metade do céu. Rasto de luz entrando aqui, escondendo acolá, vestígio mais largo ali bem. Tempão acordado, sem saber o que foi sono. Bocado de vêzes inambu-relógio marcando instantes na noite. A barriga ôca, em jejum, deu de perder sono, a cabeça a encher de muitas coisas. Fiquei naquela impressão ruim do batedor de sapopema. Batendo o pau, logo aí na ilharga da dormida. Em tudo agora eSSã fracateação, receoso, o mêdo avançando de espalhar pela mata. Nem não era assim, agora até queda de pau aperta o sobrosso. Verdade que o batedor veio aquilotado, bateu na sapopema muito perto. Mas não tinha porque temer, afeito a isso do tempo que durmo em mata. Antes já tinha ouvido a esturdice, nunca não de maldar arrumação de invisível. Nem não ligava, no meu dizer causo comum que acontece. Algum bicho roçando nos paus, outra tolice qualquer de não fazer mal a ninguém. Troço vezeiro em centro de matas gerais, só que ninguém diz o que é. Maginando tudo num caço de fêmea, até de tremer aí encolhido, apertando os olhos na direção do acontecido. Negócio de invisível, do que não se vê, só pode é botar qualquer um apertado de mêdo. Falam de Curupira, marmota de Mãe-da-Mata, sei lá do que possa ser. Vá espiar perquinho, nada. Tem-se logo de maldar coisa do encantado. Horas tantas, escutar aquêle baque alentado na

sapopema. Numa consumição nunca não vista igual. A noite alongando como que nem não tem fim. Dan-tes, ainda dava de cuidar das coisas, tirar espinho do pé, agora deixo ficar. Quando sair do aperreio, então bote semana a tratar. O de mais atanzar mesmo, é o amontoado de carrapato-estrêla, agarrado no de mi- jar, virilha, em tôda parte. Naquela comichão de en- doidar é tempo esquecido. Do que é bom, esfregar fôlha sêca, deu de largar alguns pouco. Dormindo noite adentro, ainda dá sossêgo. Desperto, medindo horas, os momentos gotejando na noite, pedacinhos no tempo, aumenta a tristeza. Vagar num desabafo, chorando por dentro, pouca esperança de casa, lem- brar passagens de anos. Dêsse enluarado, de cheiro de centro, das estrêlas dançando, no pisca-pisca de esconder luz num repente. Montes de lembranças... Digo que a alma da gente chora lá dentro. Mariana, os filhos, rodando no juízo. O pessoal carecendo do cabeça de casa, enfrentando necessidade, passando maus bocados. Duma dessas que ficam, não esqueci até hoje. Rapaz nôvo, resolvido, entusiasmado, na- quella vantagem fogosa de mocidade. De chegar desa- busado no terreiro de festa, gritar aos companheiros, óxente, onde está o Chico, o Quidinho já veio, onde botaram a cachaça? No lugar do trato, tronco da ba- naneira, o delegado anda por aí na tal fiscalização. Começava a querer Mariana, ela dizia que não, mas queria. Estávamos de conversa mole um pro outro. Vila de São Bento, festejo do padroeiro, santo da de- voção lá dêles. Lugar descampado, coberto de gra- ma miúda, quintais sem cercado. Atrás das casas os cagadores, meio metro a riba do chão. Apertou aquela dor de barriga de arrepiar o cabelo. Dessas coisas que dão de acontecer sem esperar. Fui sain-

do da ilharga dela devagar, sem saber o que dizer. Tateando, dando voltinhas de disfarce, a caminho do cagador, qualquer que fôsse, o primeiro que vi, logo numa moradia perto. Das muitas mais que tinha. Atrás aquêlê acompanhamento, galinha, porco, numa animação de saber de comida. Meti os olhos pros lados, pra trás, numa vergonha, Mariana via. Rizinho dela miúdo, querendo iludir não ter visto. Não estivesse por demais vexado, tinha largado da intenção. Embaixo, porcos e galinhas, numa barulheira, arengando por porcaria. Deixei foí tempo passar lá dentro, depois da precisão. Só botei a cara fora, ao ver que Mariana não estava mais vendo. Disso passado, mais logo voltei a falar com ēlã no arraial. Desconcertado de avermelhar a cara. Tolice de mocidade, tudo passa, ora vergonha de fazêr precisão se todo mundo faz. Ninguém não bota reparo nestas coisas. Recordações que marcam saúde, se põem a machucar a gente. Muitos anos ligado à Mariana, nem mais quase ligo pra ela, chegado mesmo é aos filhos. Princípio de casado, era um chamego de levar a mulher no costado pro lago. Sentia como que cheirava a mata, manhã abrindo no centro, flor de igapó. Gostava até do molhado de suor lá dela, escorrendo na cara, pingando no corpo. Fazia empenho de sentir aquêlê molhado, gôsto de carne de fêmea. Agora tem vez até que me desprego dela de mau propósito. Reclamo, vai te banhar, tirar êsse pixé, só é mais pituiu de peixe. Mariana responde amuada, duns tempos pra cá desse disso de me achar assim. Aos poucos foi findando o agarrado, de viver só querendo, abraçado, cheirando a cabocla. Agora perdido, como que vai voltar os dias de comêço, gostar de verdade da mulher, pensar nela perto todo instante. Boto a maginar no tempo de

nova, roliça, fornida, corpo muciuço, olhos vivos. Baixando êles de envergonhada, quando se deparava comigo. Devia de estar junto dos meus, sem achar meio de sair. Só Deus, o Curupirá sabe o caminho. Precisava ainda de muito andar. Tirando reto no poente, três dias batidos, nada de parecido com lugar de tomar chegada de casa. Mata virgem de nem não topar um quebrado, um corte de pau, antigo nem nôvo. Isso podia de afirmar, ali ninguém nunca botara os pés. Vivente mesmo nunca deve ter conhecido essa paragem. É andar, andar, cada vez mais variado, ao tomar o ponto de sair da mãe-dorrio. Carece mais dois de fazer variação nesse sentido, dos cinco que marquei. Terra escassa como essa, conheço igual o Tataputaua, mais nenhuma. Difícil até de topar igarapé. Do de comer, um ou outro cumaru espalhado na mata, trazido por morcêgo sabe lá de onde. Semente ruim do diabo, a derradeira coisa de botar na bôca, só necessidade mesmo. Centrão de não aparecer nada, vasqueiro de tudo, a modo morto. Vestígio de bicho, o esturro de canguçu, boquinha da noite, o único que vi. Assim mesmo numa distância, naqueles confins de mata geral, de chegar a ouvir quase apagado. Deslocando dessa paragem, amanhecendo, certeza cair em campina. Claro de vago de mata se vê aqui a prumo. Rio, lago, logo conhecia pela aparência da terra, pelos paus acostumados a nascer em beirada. Dava de encontrar abiorana, patauá, murumuru... A toa já pensar em água, rio, nesse alto de terra. Até queria, me danava de corredeira abaixo, onde desse. Podia até ser, calhar sorte de chegar. Qual! Asneira é tentar saída, o certo é esperar a hora chegada. Ver gente, essa esperança nunca mais. Estrondejo, chuva... ronco de que então.....

Trovão naquela distância sumida, quebrando neste rumo, aqui direto. Outro bem perto de estremecer o mato, sacolejar a galhada, derribar folhagem. A lua se apagando, acoitada no temporal. É um riscado de relâmpago correndo o céu, findando detrás da mata. A chuva vem tomando chegada, chibuí não oferece ilusão, se pôs na estaladeira de piom... piom... um... Bicho certo a anunciar caída de tempo.

— Vá azarar chuva no inferno!

Uru pressentiu a chegada do mesmo jeito. Bichos que apreciam de ver temporal. Não deve de tardar, o zoadeiro já em cima da mata. Só magino em sustentar o frio. Molhação à noite, quem pode agüentar. Nunca pensava dessa acontecer. O espaço dormindo bonito, limpo, nuvem só naquelas alturas de céu, branquinhas, rolando no azul. No entremeio do rasgo de relâmpago, olhar fôlha de cauaçu, ao menos agasalhar a cabeça. Esse um foi clarão de destampar a mata. Aí bem um bugi de arumã, serve. Umas três fôlhas tateia, dá de proteger alguma coisa. Que vale que é chuveiro de fôrça de lua, de não prosperar muito longe. Uma merda! Num enrasco dêste, todo encolhido ao pé da tronqueira. Um retorcido de galhos, árvores, reboliço feio roncando na mata. Até que não estava muito forte, agora ba-

teu de jeito. Eita, virgem! O temporal botou abaixo um pauzão, lá por aquêles laços. Isso só que faz mêdo, queda de pau, galho, nunca não se sabe onde vai tombar. Só se escuta o estrupício, aquêlo arrôjo de galhada arriando. Colando a costa na piquiarana, tem pouco perigo. Começou na chuvinha, mas logo engrossa, lonjura no centro vem desabando forte. A zoadeira a mode que vem correndo, a pouco tardar chega por aqui. Respingar de chuva em cobertura de palha, dá até gôsto. No após um cafèzinho, cigarro na bôca, calor de rêde, mulher ao lado, assim devia de ser bom. Mas nessa consumição, passar o resto da noite debaixo dêsse pé-d'água. Aguardar estiagem, como que vai saber quando. O aguaceiro a escorrer pelo tronco, molhando as costas, só carecia aparecer dessas. Ficar de pé horas que nem não tem fim, acororado dá mais jeito, respinga as pernas. Tem nada não, há de ser assim, seja. Ainda aparecer êste um carapanã, a aporrinhar quem já está nessa liquidação. De onde já veio êsse um zinho?

— Ferra logo se quer, larga de chateação de cantar nos ouvidos.

Tocou, não tocou, afugentou-se, jeito como que vai voltar. Vem vindo, sentou no tôco da orelha, esperar que grude o ferrão. Sugando o sangue fica mais tolo de matar. Se botou a escolher lugar, enfiou, dorzinha fina. Esmagar com o dedo, todo o cuidado. Bateu com a mão, sente o vento, não espera. Espan-tou-se, correu a cantar pelo outro lado da cara. Tomando chegada rente à orelha, tocando as asas de leve. Quase que nem não se sente. A modo que estou vendo o jeitinho do bicho, parou a choradeira, quer sentar. Sentou. Deixa aquietar, enterrar bem o bico.

Penso agora já ter segurado, as pernas balançando como é do costume dêle. Sacou, está apalpando a carne, corrigindo lugar de entrada. Fincou com vontade, agüentar sem mexer. Ir com o dedo certo, apumado na direção, bem lento, amassar duma vez. Cismou. Bichinho escovado, arisco. Já agora, na intenção de pousar na testa, no entremeio dos olhos. Na arrumação de arranjar posição, catando aqui, ali, roçando o bicho na pele. Devagarinho, bem mais lento, a modo não espanar vento. Tomara que fique aí, quieto como está. Peguei! Uma coisinha de tamanho, dá uma incomodação. Valença que era só êsse um, perdido. A chuva açoitando forte, o braço como que dormente de segurar o arumã. Amparando pedaços, um nada de corpo. Do pé do umbigo pra baixo, um molhado só. Pelo entremeio das fôlhas, respingou no detrás da cabeça. Achejar uma na outra, trocar de braço, deixar um em descanso. Frio que quem sabe se vou suportar. Os dentes batendo que só dentuça de queixada. Cada risco friento de encolher as carnes, tremedeira da cabeça aos pés. Arre, ca...ram...ba, frieza de arrancar a sustância do corpo. Rajada mais arrojada de vento, quebrando a ossada velha dos paus. Não carece esperar muito. Sabia que tinha de se ir quase na mesma da hora. Vai suspender, bem calculava que era fôrça de lua. Como começou, assim está indo embora. Furou o nascente, já se vê algum claro. Céu descoberto, as estrêlas pontilhando a noite, a nuvem carregada arriando, desviando para o ponto dormida do sol. Lua riscando aqui, rasgando ali, procurando saída. O tempo se botando fora. A frieza no após, bocado da noite que falta, o pior de tudo. Tivesse cachaça,

fósforo pra ajeitar fogo, dessa não sofria. Montão de nuvem caindo de poente, perigo de mais chuva, passou. Lua lavada, limpa, rodada de estrêlas, céu aberto, fechando pedacinhos no pouso do sol. O tempo tirando terra afora, lá pra bandas do céu escuro.

Igual cortação de machado, pica-pau sentando o bico em ôco de galhada velha. Sondava o vento, direitinho que escutava gente tirando lenha. Nessa lonjura, maginar casa por perto. No então, corria arrepio pelo corpo, devia de ser alegria. Do derreamento da ilusão, coisa ruim puxando coisa melhor, alívio de ver sol botando dia vermelho de fora. Cara de sangue, raiozinhos brandos de quase nada acalantar a gelação da noite. Naquela agonia de frieza, a cara a modo torcendo muito, o olho fechando demais. Pegando de andar às primeiras horas, na pouca luz, empurrado pela fome. Ali mais bem o aceiro que digo clareação de campina, lago, rio, Igarapêzão, outro negócio qualquer, limpo de mata. Assim são tôdas essas coisas. Sem arredar caminho dum ponto certo, dias andando, topar descampado, sem calcular que seja. É quebrar aí logo na caída do umari, sair no liso de terreno, vasqueiro de mato, qualquer troço parecido com isso. No esmorecimento do molhado de chuva, nem não dá vontade de seguir com pressa. Alertando a quentura da manhã, vai ver como é pisada segura, tiragem de terra horas perdidas. Por enquanto, é nessa amolação, abrindo a bôca, estirando as pernas numa preguiça. Não cuidar até em sentar o pé, caminhada de veado, numa lentidão. Também é frio até nos ossos. Desembocando naquela

restinga, torcendo pela esquerda, adiantou um nadinha, o rasgo do descampado. Égua! Deveras que dizia, o vulto visto ligeiro, logo maginei de ser onça. Saltou da ilharga da caída, rosnando, arrepiado, armado no bote. Ora não vê que afoiteza, se botando alvoriçado, uma porqueirinha desta enfrentar homem. Deve de estar de filho nôvo, nessa valentia tôda. Arreganhando os dentes, os olhos em cima de nem não piscar. De quase amedrontar um, coisa alguma desta. Segurar um pau que vem mesmo, alvoroçou-se desabusado. Como que vai atacar pelo lado de cá, pelo jeito que se botou. Cismou de vir, pensando como deva de fazer. Agora vem na certa, as mãos trazeiras meio levantadas, as dianteiras firmadas no chão. Salta já, fêz menção disso. Puxar o corpo de banda pra acolá, porretar no meio do costado, derreia o espinhaço lá dêle. Com esta não contava, que ia saber a paragem da intenção de botar-se em cima. Ainda riscou os dentes de raspão pelos dedos, no desviar, tirando de banda, triscou.

— Respeita homem, muriço velho!

Levou tacada certa, saiu aí meio descadeirado, andar avariado. Do salto, logo depois foi sair de arrasto, corrida de pouca distância. Mas deixou sempre a marca, por dizer verdade, o despreziado fui eu. Não largou de ser vantagem, pro tamanho que é, um nadinha, travar arregação com homem. Maracajá não faz dessas afrontações, muito que menos desabusado que gato-muriço. Bichinho resolvido, entusiasmado de por um quase meter esfriamento em tamanho pedaço de caboclo. Estivesse desavisado, a mal jeito, era muito bicho de saltar na goela, vigie só o perigo. Assim como pensava mesmo, destampeei na cabeça do estirão da campina. Hoje bote tempo a correr terra seguida, lisa, aquêle areal de nem nunca findar.

Trato de horas em batida fácil, sem atrapalhos, eito sadio de bom caminhar. Na maior das vèzes vai cair em mata alta, mas se calhar de haver rebaixo no terreno, morrer em charco, igarapé, baixio qualquer, alagadiço. Dessas tem muito, andar como que, só hoje bater em cima de camboa. Água empoçada, sortezinha pra quem anda com sêde de dias, se agüentando só no cipó-d'água. Meio ruim, grossa, mata a vontade de pouco. Só é mais cabeça-de-prego, filho de carapanã. Travosa, gôsto de barro, folhiço distiorado. Bebedouro de caça. A terra à ilharga trilhada de piso de veado, nôvo, rasto do depois da chuva. Viraram à noite na vadiação por estas bandas. Aqui e acolá um revirado doido de queixada. Barreiro tem por desgraça, banheiro lá dêles. Bandão de tomar cuidado, imprimir respeito. Tomou seguida por ali, virando terra, naquele escangalho de buraqueira. Ô rastão valente de canguçu! Deve de andar tocaiando o bando de porco. Bateu de rumo em cima do revirado dos bichos. Tem dessas mania, acompanha de longe, se agacha aqui, se coloca no detrás das caídas, espera a passagem adiante, amoitada. Descobrir o corpo na frente do bando, não descobre. Trepa num pau derreado, mêdo do cêrco dos bichos. Se tiver de agarrar, pega o derradeiro do bando. Vão de rota batida subindo a terra, centrando, aceiro da campina. Mudar desvio do poente, isto não faço. Posição que achei de cismar da mãe-do-rio, tirar seguida aí afora. Deveras, chegou a tempo, tucumãí carregado de cacho, a primeira fruta após dias naquele terrão de miséria. Enjoativo, que jeito, fome não tem escolher. Foi bater os primeiros bocados lá dentro, um engulho. Lançar só se fôr água. Sentindo um angustiado, a bôca cheia de gosma. Melhor mesmo é entreter a fome com buchuchu, bote quantidade. Fruta miúda,

coisa alguma. Enganando a barriga com essas besteirinhas de comer, tomar seguida. Muita terra de campina a correr pela frente. Perder vista neste estirão sem fim. Sol fraco, terreno melhor não há. Aquecendo, lá pelas onze, é de estalar o solado, areia de queimar. No mais tardar, começa a quentura, basta o dia levantar. Amanhece friazinha, macia, depois vá ver. Tirar aqui direto. Quisesse trocar de rumo, era pegar a trilha dos queixadas, sair em terra central. Já tivesse completado os cinco dias de andar só de poente, que fazia isso, fazia. Agora não carece pensar a modo assim, segurar rota batida na dormida do sol. Acima e abaixo, quebrando cabeça, sem variar, propósito de alcançar a mãe-do-rio. Virando aí no descampado de campina, até acabar em mata alta.

O sol cortando de frente, tombando na tarde. Em descampado de campina, se aprecia bem o rastejo de luz. O seu nascer e morrer na ponta da mata. A sombra do tamanho que está, o sol inclinado nesta altura, variando pelas três horas. Caminhar destabocado, manhã até aqui. Nunca não podia maginar perdido andasse tanto, revirando terra de toda maneira. Vinha caminho certo no domingo saído de casa, disso recordo. No bater centro atrás da anta, sabia cortar de volta. Mesmo poente escondido como estava, na pisada do rasto saía. Nem não tinha porque me enganar, se a marca do pé ficava calcada no folhiço. Podia tardar, mas findava topando em casa. Quando o tempo anuviou tive aquêles sobrosso, mas estava de olho grande na anta. Só na intenção de abarrotar o de comer em casa, foi a miséria. Que teria de havido então? Chuva branca arriou com vontade, branquejando tudo, horas aí o tempo fechado. Foi estiar coisinha, cismeimei de bater terra à procura da bicha ferida, o dia escondido nas nuvens, sem rumo exato de sol. Quando bem não pensava, já estava areado. Daí comecei a rodar na esperança, a corrigir mata por todos os lados. Afeito a essas lidanças com centro, naquela pavulagem de nunca me arear em besteira de mata, nisso o pior. Andava como que em casa, desavisado dos lugares passados,

desesquecido de quebrar alguns galhinhos para num caso de necessidade, facilitar orientação. Nisso mais foi tôda a desgraça. No dever do de cuidar com sossêgo de rumo, perdi a cabeça, caí de cerrado em marcha desabrida. Furando numa paragem, desconhecia o terreno, tomava por outra. Passando mal, comendo tiquinho. Andei, virei, mexi, vim de dar nesse eitão de terra limpa, caminhar até quando? Mais areia, mato entanguido, baixo, só tamanho de ramagem. Nem não posso reclamar, eu mesmo me assinei o meu destino. Vigie onde uma burrela pintada amolou as unhas! Fêz um escalavrado no pau. Estêve aqui trepada botando reparo em caça. Passasse por baixo, pulo certo no pescoço, lugar da sangria. Como que parece escutei seringueiro cantar? Quase que nem não dava de escutar. Nas bandas que está tem afluyente de certeza, mania lá dêle viver perto d'água. É nesse jeito aqui, um quebrar à esquerda do poente. Nesta pisada de rumo, tirar coisinha acima do igarapé, negócio de água a qualquer anunciado pelo seringueiro. Ali bem inicia o baixio, bate em chavascal, terreno amontoado de japecanga, paxiubarana, açai, patauí. No pouco tardar vou topar em água. Comêço de atoleiro, proximidades de igarapé. Não sei porque nasce em charco. Chega o pé entra lameiro adentro, vai topar na canela, engulindo a perna por metade. Rebolada de buritirana, urucurana, madeira também de baixio. Por êstes lados o terreno é mais firme. Está aí o bichão, quase em cima do canto do seringueiro. Cada vez mais animado, não para de abrir o bico, alvoroçado com gente. Matrinchá tem a faltar, sem poder fazer jeito de pegar. Arrumasse um arco, não adiantava, peixe sagaz. Só flecha bem caprichada, bico seguro de sustentar o arranco do bicho. Traíra, com qual-

quer ponta de pau, dá de pegar bocado delas. Peixe moleirão de viver quase parado, mexendo o rabo de leve. Água fria de acabar a gastura da boca, aquela secura de cuspir mal-a-mal. Beber de ansiar, dias de não saber o que era gosto de água de igarapé. Tomando de cipó, nesta manhã até de empoçado. Era beber, sentir aquele travo, a modo que uma coceira na goela. É dar graças a Deus. Ainda por felicidade este disconforme buritizal. Encher o bucho de fruta, comer mesmo, abarrotar a miséria. Tirar um tempinho parado, tomar banho, comer... Mais logo atravessar o igarapé, firmar rumo por cima da terra, onde vai o poente.

Amanhecer dos cinco dias de não arredar rumo, caída do poente. Desvanecimento de pouco dá conta das coisas. Entrei nesse chapadão numa alegria, na animação de conhecer o lugar. Boniteza de terra, matão alto lá das nossas bandas, era vê o atalho da mãe-do-rio. Naquela lombada foi que precisei de ver o engano. Mata virgem, sem pisado de gente, sem corte de pau, picada, logo não podia de ser. Nas imediações de moradia, tem sempre um vestigiozinho, mata, como se diz, muito surrada. Aqui e acolá um corte nos paus, galhos quebrados, terra funda, roçagem de pé. Outras coisas mais que tem. Perto de vizinhança, nas horas caladas, há de escutar-se cantar de galo, latir de cachorro, tiro de espingarda. A mata é tôda trilhada de vareda do pessoal, trançada de caminho. Amiudei nos passos, como que tinha mais fôlego, pra coisa nenhuma. Fiz esta parada por fracateação, as pernas trocando de a bom andar. Vinha puxando demais na varação. Muitas horas do dia, o último de buscar paradeiro de casa no poente. Desinfelicidade de não terminar, só com morte, viesse logo se tem que vir. Quase a correr atravessando terra, pisando seguro no sol da tarde, nada de aparecer ponto conhecido. Numa largueza dessa de terra geral, a modo tudo igual, baixio, socovão, campina, chavascal... Verdeja aqui um embastido de mato, ali mais

outro, de quase diferença não ter. Uma merda! Que vem por aí? Bicho, o sentido nela enxergou. Que terá de havido? Por nada não se bota assim alvoroçado. Naquela vivência dêle de observação nas ramagens baixas, vê, dá logo aviso. Passarinho bom de colocar a gente de prontidão, a mais das vêzes de perigo. Botar tenência naquela garranchada, lá que canta. Capaz de estar mentindo. Não pode de ser, mentir não mente, quando anuncia é coisa qualquer, o diabo que seja, enxerga mais primeiro. No detrás do inajá, a coisa vem se botando, no que parece em pé, naquela esturdice. Acocorado dá de ver melhor, desviando da sapopema. Quem estava para dizer, um tamanduá-bandeira que é aquêle despropósito de grande. Vem vindo de caminho nesta direção, naquela pavulagem de andar dêle, lerdo nas passadas. Pressentiu, a foci-nheira farejando o ar, maldando de perigo. Por isso que desde logo cedo dei de ouvir estrupício de arranhado, era o bicho derrotando casa de cupim. Sustou caminho, deve de estar maginando o que possa ser. Tornou a caminhar.

— Com êste burelo de filho nas costas é muita carga.

Pêso demais pra carregar mata afora. Cismou, meio desconfiado. Atentou no que era, botou bem reparo. me viu... Ora que não, se deitou de barriga pra cima, a aguardar o que vier. Não buliu com êle, segue caminho sem fazer mal a ninguém. Passa às vêzes aí a ilharga de gente, quase esbarrando, continua a varação de mata, nem não liga. Cada tora de braço disconforme, esmaga um com facilidade. Acho que pensou alguma coisa, está querendo seguir, ajeitou-se, moleirão. Levantou-se, andando em pé que só gente. Bicho manso que não quero puxar birra com êle. Do abraço ninguém não escapa pra contar

como foi. Nunca me esqueço do acontecido com o finado Secundino. Atirou mal no bandeira, botou na canoa lá no igapó onde estava. Só deu de ficar meo atordoado, ferimentos... alguns bagos de chumbo. Todo o pessoal calcula assim, que quando o rapaz se achava remando, o bicho segurou pelas costas. No forcejo da luva, o casco alagou, sem ninguém por perto pra um adjutório. Só pode é ser assim como contam. Daí dias, depararam os dois de bubuia atacadados, meião do lago. As unhas do bicho de tão enterradas na carne do finado, quase ninguém não arranca pra enterrar sozinho. Não fôsse a distorção, era o jeito cortar o braço do bicho. Muitos eram de pensar sepultar assim mesmo. Logo se levantou aquêle falatório, a família se pôs contrária, não prestava enterrar ente humano com animal, em cemitério de pecador. Com a arrumação de puxa aqui, puxa acolá, enterra não enterra os dois juntos, como que por milagre sacou. Nem sei como vai arranjar tanta fôrça, se o sustento do bicho é cupim. No braço manhoso, o maior talento, também cada pulso desconforme. Deixa ir. Não é lá muito do meu agrado fazer dessas, bulir com o que não é de praticar mal algum. Ainda desconfiado, arisco, arribando a foci-nheira pra trás, sondando a intenção do que viu. Pois é! Por bem resolvido, se isso aqui do prometido comigo, certo não deu, da manhã entrante como há de ser, se a divisa de terra lá das bandas de casa não encontrar? Me arriei de centro dias no pôr do sol, varando direto, até com sustança nas pernas. Hoje então foi de nem não parar umas três horas, arribação segura igual bicho do mato. Uma poucas de vêzes caprichando, quase a correr. Tomara sustente mais dias, ir, não sei nem pra onde.

A água da mãe-do-rio, azul, muito azul, tirando pra quase cinzento. Eu bem dizia Luís Chato, virar a camisa, amarrar mato, quebra o encanto de Curupira. Me saf desta, bem sabia, caboclo como eu, conhecedor de mata, não podia se arear por qualquer coisinha. Encontrar mistério em terras gerais, afeito a êsses centros, bonito ou feio. Mariana! Mariana! Mari...aaa...na! Graças a Deus, providência divina Como estão descaídos os meninos, tudo magro, é vê aruanã. Até o barrigão de lombriga do assinzinho menor, desapareceu. Pensava nêles os dias todos de perdido, em ti também Mariana.

— Nem te conto dos sofrimentos, mulher.

Como então? O Jacinto foi ao marisco? A modo tinha visto aqui, agorinha. Então foi êle quem mais trabalhou pra casa. No centro, comigo mesmo, isso sempre dizia. Machinho, vai ser igual ao pai, cavador do de comer do pessoal. Ainda pequeno, já tem dos seus de cuidar. Vale gabação um filho assim, esperto, entusiasmado, ganhador da vida desde menino. Até que êle não enjeita serviço, o maior que fôr. Não carece dizer Mariana, disso sabia lá perdido, que a fome ia bater de rijo em casa. Também tinha certeza do adjutório do compadre Juvenal, nunca faltou nos dias de precisão. Ajuda na roça, não falta a ajuri, manda de quando em vez um agrado, empresta café,

açúcar, farinha. Quem disse que recebe o pago de volta. Não carece compadre, não fiz nessa intenção, considero isso assim desfeita. Amigos dos poucos, das horas ruins. E os outros? Só nos primeiros dias, ah! sacanas. Sempre te digo Mariana, o pessoal daqui é desse jeito. Na desgraça da casa dos outros, só se chega no princípio, dá alguma coisinha de merda, bisbilhota como foi, depois desaparece de vez. Notícia de morte, a vontade é saber, espalhar o acontecido, conversa de bote tempo. De até largar de cuidar dos seus que fazer. Então o Lázaro hem, sem-vergonha, além de não dar adjutório, veio com proposta feia pra mulher do amigo. Querer fazer com comadre, é virar bode sem cabeça, andar de penitência pela meia-noite afora. Fazendo visagem, espantando as crianças. E que disseste do trato de safadeza, Mariana? Não estivesse tão arreventadô, nessa fraqueza, por Deus que ia dar um ensino nêle. Fazer conhecer que sabia de seu mau proceder com a mulher dos outros, desagrarar o atrevimento. Com um alentozinho, por pouco que seja, vou ter conversa com êle de homem pra homem. Não fica assim como pensa. Foi só passar dias perdido, calculou assim que tinha morrido, da amizade queria era a mulher. Decerto tiraste uma confiançazinha com êle. Com história de consolar a família, um cafêzinho em casa do finado, conversa mais apresentada, posso voltar à noite, fazer companhia a comadre? Não devia de ter consentido. Repelir logo o enxerimento, se não fêz é porque estava querendo a safadeza. Podia de vir compadre, até mais amiúde, tenho dessas de pensar que o Luís vai fazer assombração, de aparecer pra querer contar do causo com êle como se deu. Ficou atirado, sôlto de adiantar outras piores, dormir aqui só se fôr com a comadre na rêde, bem agarrado.

Dona Mariana, não se acanhe, precisando companhia. . . Sei muito bem o que é isso, mulher sòzinha, nesta distância de vizinho, carece de homem perto pra qualquer coisa. Começa dêsse jeito, dona pra cá, dona pra lá, finda na confiança de tu, amiudando nos apresentamentos. De muito tinha cegueira na comadre, chegou o dia, cabocla desta marca aqui, nenhuma pra igualar. Que não ia maldar do compadre que nada, por isso deixou dormir na tua companhia. Mulher enganadeira, é vê outras sem-vergonha que conheço. Que não foi nada! Foi assim mesmo como estou dizendo, assanhada de merda! Tu pensa que me esqueço da festa do padroeiro, da tua safadeza com aquêlê curumim? Se botando agora inocente, sonsinha. Só se não conhecesse das tuas fraquezas, querendo se abrir pra um e outro. Te pegando de uma feita nessa pouca vergonha, mando o terçado pra cima de ficar em pedacinhos, ter de remendar se quiser botar no caixão. Toma sem-vergonha, mulher safada de botar chifre em marido, só apanhando assim no pau da cara. Êsse chôro descarado, bem já conheço do dia do padroeiro. Desavergonhamento de mulher solteira. E o Lázaro aí querendo na mulher do dizque defunto, e ela afrouxando confiança. Sem dar-se a preço. Que não queria, não queria, naquela má intenção de vontade. Gritos do mais assim crescido, estou escutando longe. Muito que capaz de estar pegado de sucuriçu, onça, picado de surucucu, abocanhado de jacaré, desgraça do Zé Pretinho. Dali o grito, ponta da enseada. Corre logo, vai acudir a criança, não te põe aí pensando. Nem mais liga filho de enganadeira que é. Ora deixa disso de afrontar, insultar os outros, se foi mesmo. Ia tomando entrada devagar, tu deixando alargar o enxerimento, coisa de esperar pouco, tomar mais um

cafézinho, findar com êle na rêde. Muitos dias sem ter, quem é acesa como tu. Marido conhece as fraquezas da mulher nas horas que falta. Bem dizia que não era nada, besteira do Jacinto, puxou uma piranha, se bota a berrar aquilotado. E a maginar nem sei quanta coisa de ruim, o curumim a gritar é de alegria. Como foi da perda? Digo assim, culpa daquela manhã escura, sol escondido. Topei com a anta horas no após a saída de casa. Estava na cama, bem deitada, quieta, desesquecida de perigo. O tiro variou, pegou de raspão, a bicha sangrando tirou de centro a rodar comigo. Cismeimei de dar batida no rasto, pelo correr variado, tinha saído bem intiriçada. Não houve de dar um tempão por aqui naquele domingo? Pois lá também deu. Um chuveiro de branquejar tôda a mata, a mal-a-mal enxergar. Chuva branca daquelas de putaria de respingado que nem não tinha fim. Foi cair dia inteiro, a perder tempo debaixo de rabo de-jacu, a bicha tirando vantagem na frente. Dêsse jeito o causo acontecido. Como deveras, dia com sol fora, pregado no sono. Nunca não tinha de havido dessas, sonhar sorte de chegar, ver filhos, mulher... Rosnar de quê, onça? Por um quase, a irara fazer dormida em cima de mim. Aí de encostada, cabeça pra baixo no pau, num berreiro alvoriçado. Grito que dizia no sonho ser do Jacinto. Ilusão de alegria, tudo a aperrear mais a desinfelicidade. Logo hoje que não sei de como começar a estudar rumo. Cinco dias perdidos de andar no poente, findar à tardinha em bôca de igarapé.

Manhã levantando pelas sete horas, no muito tardar. A luz vazando a mata de través, o sol se arrumando no detrás do arati. O maior atrapalho a se espalhar, a tronqueira do tauari. Naquele aberto do copado da jacareúba, dava de entrar boa claridade. Depois de vencer o travancado do tabocal, é sol descampado. A mata daqui das mais piores, daquelas que luz só do meio-dia, ou manhã muito alta, tirando das dez em diante. Derreado boquinha da noite, costa assentada na sapopema, já nesse dizer adormeci. Também no avexamento que vinha, bateu o esmorecimento da canseira. Ainda deu de escutar o toque das seis de inambu. Foi só, quedei desesquecido da noite. Nesta hora que vim dar fé da situação, já passando até amanhecer, com o sol furtando agasalho no cerrado. Metido nessas terras centrais, sem noção de como sair. Das vêzes que penso, estou que troquei a posição do sol. No meu dizer a volta era pelo poente, muito que bem podia ser pelo nascente. O sol naquela vadiação de dia nublado, arisco das nuvens, a pouco sair, isso antes da chuva branca. Após, claro nenhum, só o nevoeiro vencendo de aceiro a aceiro do céu, esbarrando na mata. A modo dei até jeito no pescoço, de a bom olhar onde botava o olho. Deu-se o causo, me enganar por isso. Talvez que fôsse nascente. Qualquer desvio desavisado, quem vinha

embaixo do poente, toma rumo do nascente. Quem não sabe que foi isso que se deu, calha muitas dessas acontecer em mata. Descuido à toa, bota gente areado. Na avexação de buscar a anta de qualquer maneira, rodeio tolo, paragem de bugi, esquecendo orientar seguro. Lembrançazinha de quebrar à direita, queda do sol, isso mesmo nem não sei se era. Pra tomar chegada do varadouro, primeiro havia de esbarrar o sororocal, o nesgão de terra de maliça, o entamiçado de bacabeira. Logo mais, as itaubeiras, a piquiarana ramalhuda. Muito que antes, vencer uns dez socavões, por aí assim. O da baixa grande, do lacreiro, da castanha-de-macaco, rumo certo do varadouro. Mas estirão de terra igual não tornei a trilhãr. Na minha idéia, tomasse roteiro batido na cama do sol, sentava o pé na mãe-do-rio, nada. Horas maginando ensino de mateiro, uma árvore alta, pau tombado, âmago de passagem de igarapé, orientação de quem vem, tomar caminho de volta. Nesse evém de coisas na cabeça, tudo não dando como penso há de ser. Mudar rumo, quebrar à esquerda do poente, virando para sul. Entremeio dos dois pontos, cambando mais para sul. Vinte dias... vinte e um, nem mais nem menos que isso, contando o domingo de saída. A quase mês, sem achar como resolver a situação. Direto no poente não era, cinco dias perdidos aí nesta direção. Agora no sul vamos ver no que dá, nessa consumição rodando numa parte, noutra, passando fome, o corpo cada vez mais baqueado. Dias alentados, outros derreados, andando pouquinho, arrastando pelo caminho, sentandõ aqui, levantando mais logo acolá. Ainda dá de aparecer sonho bom, em casa, a desinfelicidade acabada. Isso é o diabo! Como gostaria fôsse verdade, sentir os filhos perto, a mulher consolando da desgraça passada.

Tudo parece ir bem, maginar na família piora, até besteira de enganação da mulher. Quando lembro que ontem findou o derradeiro dos dias rumando direto no poente, pensando chegar na mãe-do-rio, não chegar. Se vida ainda tenho, digo assim, é só no pensar ver todos de casa, como que ajudava morrer. Sentir o calorzinho da rêde, ouvir a fala dos filhos, a mulher cuidando dos estrepes, do descaimento. A manhã alumiando o terreiro, o bem-te-vi piri-piri anunciando madrugada, o cheiro bom da lenha no fogão. Ver o pote no lugar dêle, a caneca pendurada, os japás das janelas, o caminho do pôrto, naquela alegria de não chegar a hora sozinho. Assim deve de ser bom. Chegar preciso, tanto sofrimento. Curtir fome dias inteiros, dormir aí atirado no chão, na frieza, perigando de ser apanhado por onça. Frio de cobrir o corpo com fôlha, acordar molhado, suor da noite. Em muitas delas mal dormidas, de a frieza não deixar. Das vêzes acomodar um soninho pela madrugada, coisa pouca. Desgraça larga a gente sem intenção de fazer nada. Clarear manhã, cair noite, num amolengamento de jogado aí numa beirada de igarapé, tóco de árvore. Qualquer ruindade, pedaço de mata servindo de sepultura. À falta de com que fazer, me acabando de precisão. Nas mãos um machado, acordei maginando isso, com essa tamanha casa de abelha-canudo. Cada bico de mais de metro, ah um ferro bom de corte! Modo que tem mel de encher garrafa, tomasse um bocado levantava sustança. Muito melhor que leite, ovos, tem uma tal vitamina, isso disse o pegador de borboleta. Maginando do que não pode ser, à toa já. Quase que nem não tinha mais esperança, de bom fazer coisas de não ser. Mas não custa tentar o nôvo parecer de

rumo que deu na cabeça. Seguir aqui raspando a terra alta, lado esquerdo do poente, quase pegando para sul. Ali dêsse jeito, como quem quer quebrar na curva do igarapé. Direto na abertura dos socavões, costado da terra. Por aqui devagar, me arreando na incerteza, ponto de como vier de ser.

Tomar por aquêlo eito, boa caminhada de chapadão, mata não muito cerrada. Dali em diante, depois da camboa, tirar um bordo maior, desviando do bugi. No rumo daqueles mulateiros, então tirar reta seguida. Não fôsse a fracateação, talvez com vida ainda chegasse. Mas ando mesmo porque tenho de andar, empurrado pela neçessidade. Daqui, é o sol segue ali, correr pelos ladões da escada-de-jaboti, passar rente à paxiúba. Buliço de pancada de vento de cima, marcando hora próximo de meio-dia. A barriga roncando, fruta nenhuma, pequena que seja, pra quebrar o desjejum. Maracujá-de-cobra, açucurana, tudo que vi por êsse estirão de chapada. Quisesse morrer mais de pressa, bastava comer alguma delas. Terrão alto, mas muito vasqueiro de arrumar alimento. Na facilidade de varação muito que até não é má. Copagem alta, ligada lá em cima, embaixo aquela limpeza de terreno. Embaraço ou outro pra vencer, tiro nos bordejos. Já se viu? Cutiara morrida faz pouco, ainda quentinha. Malvadez de surucucurana, picou a bicha de tocaia na vareda, digo assim. Deve de estar por perto, seguindo a trilha, instinto dela saber que não resiste ao veneno. Por bem pensar, o melhor mesmo é fazer uma parada. Arriscando a pisar no folhiço, sem conhecer de onde vai se botar. Nem custa aguardar um instantinho, trepado num pau. Se nem sei onde vou, porque tanto avexame

seguir. Tatear por aqui, enquanto a malvada passa, deve de estar para isso. Ninguém não ãiz do perigo dela. Deus que me livre sentar o pé em riba dum animal dêsse, a maldizer tocar é ver a morte. Anuvia logo a vista, após é espirrar sangue dos olhos, nariz, por quantos buracos tiver. A modo fôlha sêca, quem que vai enxergar no meio do folhiço. Com aquela cabeça que nem iaçá, levantada, o corpo encostado no chão. Não carece pressa. Sustar caminho uma coisinha, trepado neste marizeiro bem daí. Rasteja sutil, de quase nem mover fôlha, ruído algum. Só pega mais no flagrante, no menos esperar lança o bote. De muitas das vêzes estar dormindo, tôda enrodilhada, passou esbarrando nela, larga as prêsas no costado da perna. Daqui só dou de sair depois que chegar pra apanhar a embiara. Já tenho dito, dessa escapando, homem inutilizado pro resto da vida. Acabado de fome, maltratado de mato, findando aos poucos. Bem mesmo fêz o Zé Pretinho que a água tragou, teve fim logo criança. Se tinha de sofrer no tempo de grande, sossegou cedo, naquele toldado de sangue. O lago banzeirou, borbulha saiu, escumou sangue. Vermelho é miséria, desgraça no tudo que se diz assim. A surucurana nessa tardança, que teria acontecido? E eu aqui dêsse jeito. Antes dessas medrosidades de fêmea, nunca não tinha. Agora é o que se vê, por tudo um sobrosso de chegar a tremedeira. Um calafrio espinha abaixo, mãos escorrendo suor, arrepio pelo corpo. Só no calcular por onde a bicha vem de sair, maginando ser picado por ela. Como se pode ficar num estado dêste, tanta amofinação, homem da marca do Luís Chato, desabusado. O costado da mão molhado, tirar suor todo instante da cara. O coração naquele disparo avantajado, o peito subindo e descendo. Foi aqueitando o corpo devagar, logo caiu na frieza,

brotando suor. Só no botar sentido a chegada da bicha, apanhar o que matou. Deve de vir por aí manhosa, se arrastando lerda, batendo a vareda. Trepado, nesse cagaço todo. Como que devia morrer mesmo. De homem não valho mais merda, coisa alguma. Numa frescura de fêmea medrosa, o coração dando pulo, naquele sobrosso de envergonhar, quem era como era. Ninguém ia poder pensar tanta frouxidão, dêsse jeito que se vê. Também tanta demora, por quê? Tomara venha logo, findar com isso, uma amofinação. Que homem, hem! Carecia de muito mentir, que vergonha se vissem. Findando, esmorecido de fazer raiva. Morrer, muito que melhor. Assim imprestável, um vivo como se fôsse morto. Antes ainda era gente que se prezasse, corria mata desesquecido de perigo. Cobrinha dessa qualidade não fazia vantagem. Metia o pau no costado, quebrava a espinha, findava onde estivesse. Como demora a danada, viria de que paragem, lado de cá, ou de lá? A mata naquele quieto de sempre, nenhum ruído. Só o buliço do vento dando vivência à ramagem. Parou, cai o sossêgo. Nem não quero maginar o que podia de acontecer, picado da bicha. Anuviava a vista, caía a seguir, o corpo alagado de suor, depois a espirradeira de sangue. Morrer atirado no chão de centro. Mêdo até de pensar em reza, vigie só. Bote tempo que disso não faço, nem não adianta, rezar a valer e continuar na mesma situação. Igual a mulher dengosa, naqueles gritinhôs delas de sobrosso. Ai meu Deus! Vamos com isso Luís Chato, te dá a preço de homem. Em nome do padre, São Bento te prenda, coisa alguma, na fé do cacête que vou mandar no espinhaço da bicha, no não errar a pancada. Bom santo de acertar da primeira, São Bento, o diabo se zerar. Surucucurana não carece

de estar de tão perto, bota o bote distância, fim disso tudo de penar. Cruzei os olhos bem em riba do animal, não chega a um metro. Cabeça no ar, sabendo o caminho, farejando a trilha da vítima. Tomando chegada, o corpo escorrendo na vareada, remexendo uma fôlha ou outra, buliço não faz. Escorregou em cima da raiz de carapanaúba, é ver sabão de lisa.

— Vem avexada a procura da embiara? Picou hem, sabe que vai cair mais logo.

Falei só aqui pra mim, será que escutou? Voltou-se tôda alvoroçada pras bandas de cá. Ver não viu, seguiu de caminho desavisada. De novamente o calafrio, o suor naquela esturdice, a cabeça doída. Vá pros infernos tanto mêdo bêsta! Fêz o arrodeio por detrás da murta, quase a não divisar, a barba de pau atrapalhando. Pertinho agora. Como que vai fazer? Saltou em cima, como se a modo estivesse viva pra dar o bote. Se calhar vai engolir uma cutiara dêsse tamanho. Arrepanhou a embiara pela cabeça, ajeitando na posição de comprido, a modo melhor de engolir. Nesse encolher de corpo vai na lentidão, mas vai. Escancarou a bôca até não poder mais. Nesse desavisamento dela com a caça, meter-lhe o pau no costado. Não, disso não faço, melhor deixar a bicha quieta, se mal não fêz. Arriscar à toa, por que? O mais certo é dar o fora, isto sim. Descer muito que bem com cuidado, sem fazer zoadada, escapulir pelo lado de lá, ponta da terra.

Cuxiú se fazendo no ninho do tauató. O dono volteando em cima, na vontade de dar bicadas. Baixa, rodeia, grita, acaba não dando. Só com intenção não vai arrumar nada. Macaco é bicho safado de sabido. Pegou o ovo do gavião com tañto jeito, tanta manha, quebrando pela ponta. Troça de mão, se coça, se arruma no galho, tem pareñça de prêto velho. Igual ao nêgo Batista lá do Cerrado. Maneira espigada, cachimbo no canto da bôca, naquela mansidão no se mexer, matar carapanã. Tem dêles não tem que tirar aquêles padres de barba grande. Chupando o ovo com as mãos pra cima, marmota de parecido gente. Espia pra dentro, ver se já cabou. E agora que vai fazer? Tomou de arrancar as pelezinhas da casca, num cuidado, naquela tenção. Macaco tem dessas coisas de ente vivo. E prego que pega lá no dêle, basta ver môça por perto. Imoral de fazer rir. Estão num alvorôço danado, comendo xuru. Ajeitar alguns que estão derreando de muito maduro. Os bichos esbarram no ouriço, é ver cair, às vêzes só rebuliço. Tem uns poucos de juntar. E quando se diz precisão, dá importância a esta asneirinha de castanha, porcaria a mal enganar a barriga. Agora sim! Foi tocar no ouriço a ponta da faca quebrar. Esta o Salomão ainda me paga, mentir que é aço do bom, judeu descarado filhõ da puta. Se fa-

lar, fica na teima que é mesmo, eu é que penso que faca é terçado pra usar em todo o serviço. Tem saída nas mentiras lá dêle, se calhar engana até o diabo, assim apareça. Ninguém ainda vi levar o Salomão na cabeça. Até doutor, com todo o saber, não leva vantagem com o sacana do judeu. Tinha outro negócio de falar, esqueci. A cabeça anda assim arruinada, desesquecida das muitas coisas precisas de lembrar. Essa atrapalhão tãda, só sendo mandinga arrumada. Meu Deus! Paciência. Que se há de fazer. Acabando dia, mais um que o tempo vai levando. A lua beirando o mato, riscando centro, largando luz em cheio nos descampados, peneirando nos encapoeirados. A noite caindo, abraço de morte na gente. A modo escuridão é alimento do mêdo, a crescer, os olhos correndo o nada, só vivência de bicho. Morre alegria, claridade da manhã ainda dá de confortar. Gemido de mata, canto de inambu-galinha, sururina, macucaua, corujão rasgando o cantar, tristeza, um fim de mundo. Sabiá então é que mais assanha a dor, marca pedaço por dentro da gente. Cismar do que pode acontecer até manhã furar centro. Aperta o sobrosso, deixa um homem aí um nada de macho, num medão de arrepiar. Só digo que isso é da fraqueza, piorando da fracateação, vai chegar tempo de não arredar de paragem. Na imaginação como há de ser, parado, aos poucos a vida encurtando, sofrendo sozinho, morrer que nem animal. Pouso de dormida, coisa nenhuma, qualquer lugar serve, aqui mesmo. Antes ainda tinha luxo de corrigir lugar melhor, escolhia aqui, achava que não prestava, ia mais acolá. Rodando, matutando dormir sossegado, fora de perigo, até trepado fazia, arriscando me botar com todo o corpo no chão. Cada pauzão linheiro, assim

pudesse subir. Se o braço não abarcasse a tronqueira, qualquer cipó ao lado dava de ajudar a subida. Quando já que vai findar essa panemice, com esta ainda de gelar, esmorecer de todo. Agora foi que decaí mesmo, nesse sobrosso ruim do urutaú, grito parecido mulher pedindo socorro. Abre o bocão de encher o vago da mata, calar longe, bater no sem fim das terras gerais. É fechar noite logo aparece das coisas de cismar. Dos muitos fatos contados, macaco gogó-de-sola que chupa a gente dormindo, visagem de quem morreu perdido, mãe-da-mata, aparição do encantado... Das muitas falações dos parceiros, por nada acredito, há mais é conversa. Mas no certo que iniciou noite, dou de acreditar em tudo. Algumas passagens a verdade fica aí demonstrando. O da panemice do ticoã, azar ouvir o cantar dêle. Dessas só posso aceitar como certo. Foi entrar no mato o bicho cantar, que fiqüei panema fiquei. Variei o tiro na anta, saí de bêsta atrás, bateu a chuva branca, perdi a trilha, esquecí rumo, me meti nesse enrasco. Quem me viu como era, como estou, quando podia maginar isso. Daquelas gabações do Luís Chato, homem como poucos, até de vencer mata à noite, nem não liga de perigo de surucucu, outras marmotas do invisível. Quando me lembro daquela parada dêle, ir tomar o porco do arrôcho da sucuriçu, tamanha meia-noite, no meião do matupá. Atirou a bicha em terra com o pegado e tudo. Sendo que não era das grandes, mas mesmo assim é vantagem, outro não tinha êsse afoitamento. Gostava mais de ouvir a conversa na bôca da moçada, apreciando das minhas de coragem. Muito chegado a essas valentias, depreciar aparição do encantado, Curupira, batedor, veado aianga, distratar conversas dessas besteiras que dizia. Um homem como se vê

agora, quase fêmea, medo de até enfrentar escuro da noite. Num baqueio doido, pernas ronceiras de tirar só pequenos eitos de terra seguida. Descansar muito, caminhar um nada por dia. O esmorecimento dando cabo da vida, vista escurecendo, tontura, topando em tóco, no quase não olhar a jeito o terreno. Das muitas vêzes tombar igual bebido de cachaça. Também se era de cuidar do alimento, só por acaso, quando o de comer está aí na passagem onde vou cortando. Procurassê, hora por outra havia de encontrar. Mata de centro tem muita besteira de desenrasco de fome. O juízo só toma direção de se ver livre do aperreio, sair como puder. Acho que na semana entrante faz mês da areação. Nesse derreamento, sem saber se cada manhã que clareia, ainda aparece sustança de andar. O desalento chegou mais crescido nesta noite, divisando morte, o corpo imprestável, as horas descaindo, momentos de maior sofrer. Fim de bater os dias que penço, no aberto sul a poente, aí se acabou...

Arriando de centro meio sul, meio poente, ver clareio da manhã em paragem de tiração de madeira. Exploração... muito antiga, quando que foi? Ucuquirana, balata, sôrva... Tomei sentido que era exploração, mas logo pelos vistos, melhor reparando, extração de produto. Alguém andou por aqui, quando que já, fazendo a vida, colhendo negócio de vender. Arrumando copaíba, leite de sôrva, ucuquirana, atrás do que desse o de ganhar. Deve de ter varadouro, ponto de saída por onde entrou. Dos anos que passaram, já capoeirão, árvores quase do tamanho das outras que eram. Crescendo igual, emparelhadas no mesmo tope das derribadas. Vestígio de picada aberta, o tempo apagou, a mata cobriu. Distante de moradia quero crer que não seja. Quem era maluco vir buscar dessas coisas duma lonjura assim, estirão de azular. Mesmō de jamaxi, ninguém não tinha coragem. Verdade que homem de gênio trabalhador, na precisão faz muito pior. Bem que já fiz muitas dessas, matar as pernas à procura de produto, para um ganho escasso. Alguns tostões miseráveis. Bater centrão aí horas a oito, no fim o Salomão sem querer dar valor ao trabalho. Amarrando no preço, pagar como entende, furtando no péso. Afronta o dono, quer neste preço pode

deixar, se não quer leve de volta. Compro por comprar, produto sem preço algum na praça. Quase sempre diz assim, a todos a mesma conversa do judeu. Só faz trato no trôco, por farinha, um cigarri-
nho, pirarucu desonerado, quantidade um nadinha. Depende da privação de cada um, fazer dessas. Filhos aí, dias corridos no alento do chibé, muito que das vêzes nem isso. Chorando com fome, qualquer um toma dos maiores sacrifícios. Se joga mata adentro dias inteiros, o pesão do jamaxi apoiado na testa, na alegria de bem nem não tomar fôlego em parada. Naquele prazer de arrumar ô comer para os filhos, desesquecido dos padecimentos, esforço de carregar troço na mata. Só imagina chegar o mais depressa, ver as crianças aliviadas. Ninguém nunca pode de calcular da miséria de caboclo. Falam da riqueza da terra, do abandono, da miséria da gente não carece saber. Deveras que é extração de longa data, sabe lá de quando quê foi. Duns poucos de anos perdidos no tempo. Dez, doze, por êsse jeito assim. Talvez que até capoeira de índio, idos pra trás, passado demais. Épocas dos malvados contados por meu avô. Cortes antigos, paus podres, virando paul, acabando em poeira. Itaúba que é pau de vencer século, terra demora comer, já distiorando... Bote passado que foi, nada de dez para doze anos. Talvez até do tempo que meu avô nem não era nascido. Isso não é lugar de salvação como pensei logo de primeiro. Picada, varadouro, dêsses anos todos, não deixa sinal algum. Chegando ao escurecer, a tarde parando na noite, na distração com os cuxiús, os ouriços de xuru, tomei pouco reparo do terreno, paragem de dormida. Amanhecer nesse ca-

poeirão, cuidando de salvação, esperança bêsta. Pegar é de novamente orientação pelo sol, o parecer de achar que chego. Meio sul, queda prá cá de poente, virando qualquer coisa, o rumo que quero. Não de via era de estar nesse desvanecimento. Pisando com dificuldade, pé, dedos dormentes, as pernas trocando. Isto é desgraça tiquinho para o que há de vir. Sustentar o rojão até nem sei quando. Digo mais, fui gente noutros tempos, esperto na mata de se perder quem dizia. Fôsse falar num causo dêsse, o pessoal conhecido ficava brabo, contavam logo do rumo ensinado ao doutor. Também tinha convencimento disso. Duns restos de dias até cá, digo que estou por pouco, por horas, como saber? Merda! merda, que vai como vai, já quase a desistir, ainda topar mangangá. Esbarrei no ôco do pau, os bichos se alvoroçaram. Quietos, o zoadeiro aí em cima da cabeça. Toma chegada um, volta, vem outro, passa de raspão numa arrancada. Pegou de jeito, arraza um de ferroadada. Até pra lembrar do assobio, essa demora tôda. Arremedou macacô, aquietam logo. Foi começar, sentir o efeito, entrando no ôco uma a uma.

— Tomaram jeito, hem! Cadê a valentia?

Levasse uma ferroadada que fôsse, era ver o inchaço mais logo. Vão entrando os derradeiros, mêdo de macaco se botar a comer o ninho lá dêles. Mas é, muito descuido deixar de caçar o de comer, cuidando mais de estudar rumo. A fome agora apertou desconforme. Palmeira de palmito, se não vi, porque não liguei. Será que passei alguma? Havia de ter passado bocado delas. Maginar demais anuvia a cabeça. Todo instante cuidando como foi da

perdida, batida errada de mato, como se deu o acontecido. Olhar uma paragem, corrigir outra, tomar certa direção, numa confusão riscando o juízo. O pé apostemado, estrepe de japecanga, murumuru, marajá, espinho de tôda maldade de palmeira. Cair numa miséria desta, só sendo castigo. Pagar pelo mal que fiz a ninguém.

Ameaço de chuva, o reumatismo começa a marcar. Aquelas agulhadas de atravessado, a correr o espinhaço. Asneira continuar variação por hoje, insistir sem poder. Dessa maneira, mancando, manhã levantando pelas nove, o pouco de andar faz até rai-va. Avançar um quase nada, coisa aí de metros, num tempão enorme. Até que não estava muito assim. Desde o amanhecer o corpo se rëssentindo, baqueação pior que outros dias. Eito de terra deixado pra trás, juntinho sempre das derradeiras paradas de tomar fôlego. De bem ali do descanso, vou indo aqui, um quase lá. A bem dizer, com o bordo que dei, vendo o lugar de saída, a tronqueira do matamata. Não deve de ser menos que isso, se falhou a contagem foi pra menos, uns vinte e três dias de a bom padecer, derrota qualquer um. Acho até ter resistido demais, outro talvez já tivesse entregue a ossada aos urubus. As juntas do rejeito inchadas, tivé das minhas desconfianças de reumatismo, deixei ficar sem ligar importância. O mais é fome, êsse ôco na barriga. Se não encontrar o de comer, tapo o buraco da necessidade com fôlha qualquer. Morreu, morreu, que estou pra fazer, maneira ou outra já tomei ciência dessa não escapar, a hora é chegada. Ninguém não foge ao seu dia, morte tem data marcada. Como quem viu o Zé Pretinhô naquela manhã, cheio de vida, ainda deu de tirar umas goiabas.

Desapareceu daí a minutos no toldado de água, na espuma de sangue, estremeceu nas garras do bicho, acabou-se. Sangue e miséria tudo igual, diferença digo que não há. Segurar pousada por êste baixio, beirada de afluente. Igarapé farto de peixe tolo de pegar, traíra, jeju, quando que se vê, terra miserável. Vasqueira de fruta, tudo enfim de ao menos fortalecer. Por bem pensar, fica assim apalavrado, dia, dois parado, bater centro quem disse agüentar. Ver com vagar negócio de sustento, cuidar dos estrepes, procurar melhora do inchaço do reumatismo, a perna a vergar de cair. No depois, se der de vir qualquer melhora, por acaso chegar sustança aos andaços ruins, então tomar caminhada. O igarapé nem não é tanto de pouco animar, água tem com fartura, cada perau de cobrir homem. Um isto assim de fundura, muita pauzada. Corre é tiquinho, pra onde? Nasce de norte, toma curso para o poente, daí de mais lá adiante pega seguida direta no sul. Dos vasqueiros demais, já botei reparo que não é, tem alguns peixinhos pro gasto. Lá isto só pode é de ser coio de lontra comer em riba. Pau liso, restos de escama, coio delas. Pêgou onde pegar, tira caminho, vem comer na mesma paragem. Ato-caiar a bicha, dando certo tomo o comer que agarrar. No detrás desta tronqueira de abiorana, bem acocado, tomando chegada por água, não vai pres-sentir. No querer ficar agachado, a perna deu de si, foi bater com os quartos no chão. Sentar quieto nesse mondrongo mais alto, terra menos encharcada. A quase nem bem acabar a ajeitação, será... No meu sentido, baque de jacarerana se arriando dos paus. O tremço veio daquelas bandas de cima do igarapé, nesta direção de quem vai subindo, primeira curva. Estou no parecer que é ela na vadia-

ção dentro d'água, êsse estrupício todo. Dêste ponto, apontando lá longe no estirão, descortina bem. Nem a propósito, nesse então de cortar o dito, evém ela se botando, cabeça de fora. Mergulhou bem lá... boiou no encostado da terra, sem nada trazer. Sacudindo a cabeça, espanando água. Agora foi de fundura adentro, bote tempo esperar. Por onde vai, o rasto de escumeiro ficando. Dez... onze... demora minutos, tem bastante fôlego. Será que consegue pegar? Fêz maresia em cima, vai boiar. Boiou. A modo que trouxe alguma coisa, ora se trouxe. Vem tirando direto na posição do coio, cheirando o ar. Quer sentir-se segura, farejando presença de perigo. Naquela molengação até de subir num pauzinho bêsta de altura. No maior trabalho em arrastar o corpo. Puxando pra se sustentar, firmou-se. Está se pondo a jeito no coio. Aninhou-se à vontade dela. Deu de arrumar-se tanto, findou largando a matrinchã. É agora, mesmo. Ei biii... cha! Foi uma upa de não saber o rumo a tomar, num só mergulho desapareceu como veio. Chega mostrou-se a bom modo de receber chumbo. Com a Mariposa não contava história, mandava o cartucho no entremeio do peito, era ver o estrebucho da bicha, estremunhar em cima do tiro. O couro ia de render uns poucos de ganho. Dinheiro só se fôr pra gastar no outro mundo, sempre a maginar o que não pode de ser. Tomar atenção é na matrinchã, sustento de tirar a barriga da desgraça. Fazer o arrodeio pela ilharga do chavascal, apanhar a ponta do pau. Ainda está com um alentozinho de vida, bulindo as barbatanas. Eras! Nunca dessa maginava, agarrar o peixe que nem bicho, o beijo tremendo, muita fomitura. Dias que tinha faltado, comer tão bom, parece moqueado. Coisinha de sal, fartura de farinha, acho até que nem não

fazia diferença. Comendo nesse apressado, no quase acabar. Ham... ham... ué... Valença que passou, já no ir me valendo de São Brás. A pai-d'égua da espinha saiu aí estropiando goela adentro. Afeito a essa lidança com peixe, desesquecer logo de espinha. Alheio ao perigo de atravessar na goela, quem já viu gente morrer nesse enrasco. Curumim então, umas poucas de vêzes, pescoço arroxeadado, aquêles inchaço de engrossar. Mesmo no muito cuidar, dias assim, finda morrendo. Muito que capaz tomar alento com êsse pouco de comer, encontrar melhora até do reumatismo, acho ser mais fraqueza. Subir o pé da terra, por lá ficar, derreado, esperando talento. Depois mais, fazer um arranjo de atalhar o reumatismo, cuidar das estropiações, alguma coisa mais possível de acontecer. É sentir melhora pouca, cortar por cima da terra reta batida. Possa até ser, se botar dia contando história, quem sabe lá...

Corria para os quatro dias a agoniação, parado, o corpo dando de si, finda não finda. Queria ir caminhando, bote esforço, quem disse, ficava por lá jogado. Piora de grande foi no segundo, quando o temporal desabou de verdade, cresceu a consumição. Aquêlé pé-d'água resolvido, enxurrada de alagar os baixios. Entrevado, debaixo do rabo-de-jacu, meio morto, o reumatismo aí mastigando o costado. Deveras que foi um grande aperreio, numa desinfelicidade das maiores. Por agouro, pra quem já está liquidado naquela precisa hora, o camiranga ainda pousar em cima do abrigo. Na quase certeza de morrer naquele dia, o desvanecimento que rolou na imaginação. Ainda assim, assim, porque não era do prêto de maior azalação. Tive que dizer aqui pra mim.

— Vai agourar a vaca da tua mãe.

Prece até que escutou, entendeu o desabuso. Virou a cabeça para o meu lado, olhou desconfiado como quem não quer nada. Espanou as penas, deu uma cagada de despedida e foi-se pelo ar, sumindo-se longe. Tomei aquela esperteza com a ida do bicho, eras, de impressionado que estava. Era de botar a vista em riba do urubu, só faltar chorar. Daí, comecei a vasculhar as imediações. Aí logo à ilharga deparei o de maior precisão, sustento vasqueiro, merdinha qualquer de iludir a barriga. A lembrança

esconde muitas das coisas passadas, o que se sabe de cor da cabeça se apaga. Das voltinhas que dava por cá, outra por lá, agarrado nos paus, me arrastando de bunda, ainda com sorte encontrar remédio. Larguei a botar leite de ucuuba nos estrepes, nos lapos de topada, devagar vão sarando. Arrumei mirantá, sem poder fazer chá da casca, dei de comer um bocado, senti um nada de melhora no inchaço do reumatismo. Daqui e dali uma coisa e outra ia arrumando. Leite de mururé, calculo ter levantado alguma coisinha da fraqueza. Falam que é bom de fortificar, acredito por assim dizer. Dos pedaços de padecimento, um quase nada se nota de melhora. A sujigaçõ das pernas, não agüentar caminhada direta, só isso. Batendo com o costado no chão, arriando de vez mais adiante, que se há de fazer. Olhar pra trás e ver o pé do aceiro da caída, onde estava faz horas, andar quase nenhum. Reboição de mais de quarenta metros, nunca menos disso. Revirado de paus, cipós, galhadas, num entrave de distância. Perdendo um meio dia a vencer, cada bordo de atrapalhação, tempo enorme. Clarão pela frente, no que pensava de ser varadouro, esta praga de caída a enfrentar. Estrupício de trovoada segura, derribou pau ao querer. Dessas arrumações de temporal que é feio à noite, perigo muito maior. Despenca uma árvore das grandes, leva outra do lado, mais uma vai abaixo, assim vai se estendendo a clareira, fica o aberto no centro. Montoeira de raízes revirada pelo tópo, levantando montão de terra. Aquêlê entroçado de paus, galhada, acamado de cipós, pedaços de tronco, rasgado de árvores, palmeira torada no meio, um embastiado dos diabos. É isto que vai me derrotando, tamanho arroteio, tirando pela ponta da cla-

reira. Forcejando vencer os bugis, naquela teima, aqui e ali findo esbarrando com a cara no barro. Cair num ponto, aguardar pela sorte como aparecer, jeito mais fácil de findar. Nesse sempre propósito, se deixar morrer, o pensar em casa, a salvação. No assinzinho menor, no mais taludo, despedida com eles agarrados, morrer chegado à família. Vendo os caibros, os esteios, a cobertura da barraca, aquêlê vazamento da cumeeira. O terreiro na alegria da manhã ainda parda, peito-roxo cantando, gola, curió, as galinhas lá nos festejos delas. Mostrou-se o sol, começa logo o Tiririca a latir, correndo atrás dos calangos. A mangueira sacolejando ao vento, os galhos bulindo. No tempo da fruta verdejando de curica, papagaio, periquito, numa algazarra feliz. Pra dizer verdade, até o cheiro de merda do terreiro, é casa da gente. No pôrto a canarana, a membeca. Na estiagem, o vento trazendo o ar de folhagem queimada, o sol tostando as beiradas. Dessa saudade que vivo, vida que resta. Lidança com isso desde curumim muito jito, nascido e criado nos lagos, nos rios, nos igarapés, paragens tôdas conhecidas. Duma parada me lembro da velha Chica, moradora no Paraná do Periquito. Certa feita na Delegacia, numa arenga de terra, deu por explicar seu direito. Nasci no periquito, me criei no periquito, criei cabelo branco no periquito e vou morrer no periquito. O delegado baixou a carranca, pôs-se a rir, velha Chica esbravejou que não era de avacalhão dos outros, fôsse autoridade, quem fôsse. Lá no periquito dela ninguém não mexia, mandava ela como dona. Terreno sagrado dos tempos de seus finados avós, conseguido de herança que é coisa de Justiça, delegado algum se botava a tocar a mão. Se calhar morte mais alegre, se tôda ela é igual de tristeza, enxergando filhos,

mulher. Dêles digo que é, consolação do final. Mulher, como que morri, nestas horas já deve de estar é de rêde no sacolejo com outro. Gozando a vida, muito que bem assim há de dizer, com meu resto dando a qualquer cabra safado. No pensar ser viúva, sem respeito ao defunto marido. Se fazendo, vida boa deixada pra ela. Sôlta como pensava de ser na festa do padroeiro, quando cortei o negócio do assanhamento. Quem não sabe se até dizendo que foi uma felicidade, desaparecer como desapareci. Não tinha confôrto algum, vivia com Luís Chato só por viver, por falar a verdade, ao preço da bóia. Ah! mulher safada, sem-vergonha, no descaramento de ficar aí falada. Se fêz se não fêz, me perdoe lá por ela do mal pensado. Muito capaz que não faça nada demais, segure sem largar a ninguém, guardando zêlo a marido. Deus que me alivie dêsse padecer. Na devoção de São Francisco, êsse então nem se lembra da promessa, tão boa de sacrifício pra êle, carregar um eguaço toro de pau na procissão. O pessoal todo aí vendo, uma vergonha danada, saberem ser por a modo a perdição. O pago é êsse, santo desagradecido, acha pouco, quer é demais exigir. Como que nem ligou pra isso do pedido. Parece que estou vendo o pessoal falar, rir na minha cara. Olhe em que deu o sabichão de mata, professor de engenheiro, sei lá quantas coisas de avacalhar homem. Isso se dando, sou muito capaz de mandar um a pu... Não, isto não, acompanhante de procissão tem que dar-se a respeito.

Entremeio sul e poente, uma variantezinha para êstes lados, posição a seguir. Desvio nenhum daí do sol, caindo ainda alto em céu branco, na fraqueza de tarde avançada. Sustar caminho, sô boquinha da noite, ao empardecer a mata. Deus que veja o meu estado, sem dar um adjutório qualquer. A cara no jeito de sempre, torcendo, o ôlho a piscar lá na mania dêle. Arre, merda! Com esta derrotou duma vez, no após o upa, a queda. Soquei o pé de rijo no folhiço, a bicha espirrou na frente. Nem não deu tempo de calcular o acontecido do susto, já dei com a paca espiando. Bôca da toca, casa dela, pisei em cima saltou fora. Olhando aí atoleimada, encandeada com luz do dia, jeito de levar um bom balaço na cara. Na frente da Mariposa, não ia ficar assim olhando, muito que bem sossegada, desafiando. Farejou, sentiu meu pixé, correu a se meter noutra casa. Voltar nesta, nunca mais, só se fôr de passagem para a comida. Desconfiou dum lugar, muda-se logo. Buraco tem com fartura, junta fôlha, faz outro ninho. Levantar agora, como que vai ser. A modo os quartos quebra-dos, amortecido dessa banda de cá. Vai não, nem adianta forcejar tanto. Dessa penso que é a derradeira. Duma forcinha que faço, o corpo alagado de suor, naquela frieza. No fazer esforço medonho, o cu apertou dor de cagar mentira. Caminhar de

arrasto, agarrar no que possa levantar. Já ia parece, arriei na mesma posição. Que é isso! Tamanho pedaço de homem, morredor, nesta frouxidão. Chorar por que, coisa nenhuma, fazer finca-pé. Chega parece rasgou tudo por dentro, num ardor de carne rompida. Que adiantou, se tirar seguida a perna não vai deixar. Soltar o pau, é ver a queda. Nossa Senhora, careço de ajuda, porque não se acaba logo com êste sofrer. Caído nessa desgraça, já sabendo do destino que tem, morrer abandonado, atirado aos urubus. Já até pareço um bicho, cabeludo, barbado, mãos inchadas, pés naquela desgraceira de espinho, pode se dizer meio morto. Tinha de acabar com aquilo, fôsse como fôsse, comer timbó, outro mato assim venenoso. Não podia era continuar dessa maneira, findando aos tiquinhos, só sendo coisa preparada. Mandinga da boa, ajeitada a modo acabar com a gabação de ser mateiro dos poucos. O corpo esta miséria, todo doído, golpeado de roçar em mato, cheio de estrepe. Homem, podia contar, tinha quase certeza, igual como era nunca mais. Se duvidasse até roncolho já estava, baque nos ovos nem não tinha conta, um dos grãos derreado, inchado. Aqui ali a vista escurece, lembrança do caso acontecido, voa na cabeça aos pedaços. Fraco do juízo, se ainda não estou, pouco falta. Nas horas que passam, a desgraça aumentando de não poder mais resistir. Melhor largar disso, forcejar à toa, mas dessa vez vai, vai não. Levantar é tolice, besteira tentar. Os rejeitos falseando, quando penso que vai se agüentar, um desvanecimento de vergar as pernas. Aqui deitado nessa final consumição. Que reza, que santo, que nada, estou farto de pedir, auxílio não vem. Vergonha de que se ninguém não está vendo, sòzinho de todos, porque não tomar por experiência. Cipó-de-trancoá mesmo aí de favorecer, pode até ser

encantação de mãe-da-mata. Se vão um dia saber lá fora, findo desautorado nessas coisas de lidança com mato. Cadê o desabuso do Luiz Chato, perdeu-se como outro qualquer, só saiu mesmo porque rebai-xou-se à mãe-do-mato, ao Curupira. Isso acontece, mas com êle não podia de acontecer, não dizem que conhece mata a fundo. Desta avacalhão assim que vou sofrer, depois de tanto mangar de conversa do encantado. Lá fora, careço de muito mentir. Conto a coisa diferente, levo o acontecido na vantagem, todos sabem que a orientação é sol, se não tinha, qualquer um mateiro por melhor que seja, acaba areado. Digam o que disser, o sofrer é meu, queria só ver um falador dêsse nesta situação, se mijava de medo. Ajeitar uma roda de cipó, largar por aí em riba de um pau, quebra o encanto, falam que dá seguimento a perdido. Se tudo tem mãe, por só mata não ter. Largar a vergonha de lado. No maior descaramento se entregando ao encantado, desmerecido do trato de ser bom mateiro. Homem avacalhado na bôca do povo, faço nada. Tenho que fazer senão me acabo longe da família. Mal ajeitado, como fôr, serve, o efeito é igual. Está bom, chega de arrumar melhor. Largar em cima dessa tronqueira. Prometer alguma coisa para o Curupira, com tôda fé, a modo o pretinho se alegrar.

— Se tu me acertar o rumo, em casa chegando, deixo no varadouro de lá perto, uma onça de tabaco.

Estado de fazer pena, acreditar em troço de invisível. Curupira, mãe-do-mato, quem antes achava graça dos companheiros por causa dessas busões. Descargo do juízo, bem podia de ser mais acertado pegar-me com todos os santos conhecidos. Besteira não é, verdade que a gente deixa de aceitar, depois se bota a pedinchar pra aquilo que dizia mentira.

Está dito, caboclo daqui tem de crer na fôrça do pretinho, mãe-da-mata... Apareça alguma marmota que fôr, ao menos pra enganar. O bicho que desculpe o mal dito, quer dizer acredito, pode até ser... Disso sabia, foi tentar a primeira passada, tontear a cabeça, a vista escurecer. Meu Deus, meu tudo de bom! Curupira também. Me mostrem o caminho de volta. Variando do juízo, tinha certeza disso acontecer um dia. Digo que iludição não possa ser. Vi..., vi nada. Enxerguei coisa igual gente viva, o braço apontando pouco abaixo do rumo que vou, quãse um nada derivando de sul. A modo uma nuvem, bruma da mata... aparição de perdido doutro mundo... Vi de verdadeiro ou foi na vista apagada de fraqueza? Que divisei um vulto, divisei, só que não sei o que era, muito ligeiro pra reconhecer a marmota. O braço estirado nesse rumo, bem aqui direto, cambando mais para sul. Diabo que seja, me perdoe o mal dito, deu de andar o rumo indicado. Não fôsse o adiantado da hora, sol acabando, fechando o poente, dava de seguir agora mesmo, no que desse as pernas de agüentar, ali naquele ponto. O dia caindo pardo, beirando a noite, estivesse mais cedo, era aproveitar a orientação do encantado, negócio de invisível. O rumo é êste, guardei na cabeça, encostar não encostar na marca direta do sul.

A inambu marcando os passos lentos da noite, nessa tardança de amanhecer. Numa quietude, pios espaçados, raro em raro se escuta. O sapo-boi recolheu-se, berrava ali no charco ainda agora, silêncio medonho nas terras gerais. Arriando para meia-noite, por aí passando coisa pouca, hora parada, nem vento açoita. Grilo, rã, nenhum dos viventes da mata acordado, buliço de bicho pequeno quebra a tristeza. Pareço mais sòzinho, sem ouvir outras vidas, gemido a espertar a escuridão. O tempo parado no centro. derradeiras horas, deitado nesse chapadão, costado derreado na terra. Desta vez, longe de tópo de árvore, meião do cerrado, lugar onde foi de cair. Beleza de terra, mas na escassez, de outra não ter igual. O vazio da fome aberto o dia inteiro. Se magino nos derradeiros instantes, porque calcular quando, chegar chegou, que haveria de fazer. Assim foi o acontecido passado boquinha da noite. No após a aparição, coisa de andar duns vinte metros até aqui, faltou fôlego, no continente arriei. Aí pensava dormir sono corrido, quando já isso. Virando batido, quer dizer nos entremeios as paradas, queda, o escurecer na vista, fraquejo nas pernas, cabeça variando, quanto acontecido ruim. A doer em tôda paragem do corpo, sem canto algum onde o sofrer não chegasse. Então naquele entamiçado de terra, um quase aí de andar, tempão

rodando mesmo em riba do mesmo lugar. Numa azucrinação, medroso, no só cismar, vem tarde, se põe noite, resistindo o vexame de todos os dias. Foi nesse entrevero o cuidar daquilo que digo ter visto. Abri bem os olhos pra certificar, tinha desaparecido. No pouco a esbarrar na aparição, parecia numa lonjura e tanta. Ainda estou a afirmar ser ilusão, fé de encontrar salvação, num só repente que apareceu. Duração como que pulo de gato, arpoada, laço de sucuriçu, ligeireza danada. Duvidando sempre dessa cabeça arruinada, muito que capaz de ver o que não avistou. Olhar bem em riba da marmota, depois deixar de saber se era. Se caiu dos olhos como veio, de igual mesmo nuvem de cerração ao espertar manhã, fininha, se esgarçando, desfeito no ar. Ainda mais ser no então daquela tonteira, muito que capaz de ter havido atrapalho do visto e não visto. Coisa daí a instante, caí com vontade com a testa no pau, o sentido faltou, o tempo correu sem saber o quanto. Fui dar de mim já o escuro abraçando o dia, a noite há muito caída. Um custo é a gente viver, sei lá como vida ainda resta. Tudo é a consumo, esperança em casa, o final com os filhos ao redor. É... quem sabe, acredito que seja. Tirar é isso do juízo, a aparição, nunca que vou botar na cabeça a forma que se apresentou. Quando me senti o único no centro, nadinha aí na frente, correu um esfriamento pelo espinhaço, aquêle sobrosso apertando. Pois é! São dessas busões que dalgumas vêzes se há por acreditar. Da feita que o Mané Bosta Grossa, perdido dias, contou duma visagem dizque apareceu lá pra êle, mostrando a picada... Foi aquêle alvoroçamento, gargalhada de muitos, também ri do causo contado, achava mentira. Vá com conversa igual, é servir de mangaça pros outros. Começam na falação que é

doidice, assim foi no acontecido com o Mané. Vinha correndo, gritando, bateu fora da mata falando bobagem de rir. Nas abestalhações trazidas na cabeça, a querer rasgar o bucho com faca. O juízo avariado, bote custo largar dessas intenção. Pulava, ria, saía correndo sem paradeiro, o pessoal atrás, naquela fôrça de louco, ninguém conseguia agarrar direito. Careceu amarrar o desinfeliz, que outro jeito não tinha. Quando arrancava, arrancava mesmo, ninguém não tinha talento de segurar. Passou foi dias nessa arrumação, até que apresentou melhora. Daí então largou a história da areação, os aperreios com o pobre, aquêlê desabusamento. Se muitos vão acreditar, outros na cara da gente começam a mangar. Venha um filho duma égua dêsses se metêr num tal enrasco, vê até a mãe morrida de anos. Apartado nos ermos confins das terras gerais, boa coisa logo não há de ser, muito menos pra brincadeiras de avacalhamento. Um dêsses sacanas que bem podia de ser castigado, dava até o de ser fresco pra quem o tirasse do atrapalho. Levam todo tempo na graça. Vem um, chega outro, então como foi mesmo do Curupira, da mãe-da-mata, a aparição... Como que indicou o rumo, foi assim, mostra uma indecência no dedo. Conta essa conversa direito Mané, cagaço é o que foi. Se arro-tasse vantagem, ainda podiam de contrariar no gracejo, mas o coitado tão moleirão, nunca foi de afoitamento de centro. Encabulava logo, ia saindo todo desajeitado, se desviando do aperreio. Por desfeita, muita safadeza, ainda quererem mudar o nome dêle. De Bosta Grossa, quase fica Mané Curupira, mãe-da-mata. Desafôro dêsse assim, que homem vai agüentar. Só sendo o Mané mesmo, moleza demais. Algum ou outro que já se perdeu, sabe a feiúra disso, ainda faz uma defesazinha, com muitos caindo em

cima, na graça. Pensar pela noite adentro, acordado, o corpo lá no amolecimento dêle. Que horas poderiam de ser? Aquela estrêla no ponto que está, se atirando ao poente, avançando as primeiras horas da madrugada. Nem bem calculei, a inambu confirmou. Sem dormir nem um tico, tão acabado, esperando o momento chegado. Se der de amanhecer com vida, alumiou bocadinho, manhã parda ainda, me atiro na posição indicada pela nuvem. Visagem, encantado, Curupira, mãe-da-mata, alma de perdido, qualquer coisa que fôr. A batida é essa, mais pra cá, um arriado de rumo para aquelas bandas. Arrumei uns paus cruzados demonstrando o roteiro, não havia de confiar num juízo dêsse imprestável. Por agora, ainda tenho na cabeça a paragem, quem vai marcando no sul, derivando dêle um quase nada. Ora essa, porque não. Querer ir quero, vontade tenho de chegar, só que as pernas dêsse jeito...

O mambira passando aí de encostado, sem poder tomar qualquer ação. Qua vale que vai tomando seguida de terra, sem alvoriçamento para o meu lado. Pegando distância tão desavisado, a modo nem viu. Tamanduá dêsse afoito, quisesse praticar algum mal, como que podia conter a dana dêle. Matar bicho dessa marca, melhor vir de frente, atacaõ pelas costas, muito mais rápido. Vira num de repente, segura o cristão que nunca há de largar. Já a fazer mês do comêço da desgraça, fome, desalento, tôda miséria deu de aparecer. Deveras quem finda, assim, purga duma vez todos os pecados. Mesmo dessa forma, isto só digo que é conversa, ter de passar por um tal de purgatório. Já se viu isso, não basta o padecer daqui dessa miserável de terra. Acho que aquêle foi direitinho lá para o céu, menino necessitado, vi chorar muitas vêzes horas de fome. Botou-se um dia a comer bosta de cachorro, daquela branquinha, sêca. Acabou desarranjado da barriga. Zé Pretinho teve sua sorte, no meu dizer a morte foi boa lá pra êle. O jacaré abarcou-lhe os dentes, a água ferveu por instantes, rasgou-se, no meio do sangue desapareceu. Nunca mais há de sofrer. Se teve agonia foi na mesma da hora, acho que sim, a cara amargosa com aparência de chôro. Invencionice de alguns que lágrima soltou, tempo não deu para isso, enxergar muito menos. O

malvado rebojou tiquinho com o desinfeliz, ligeiro mergulhou, em cima restou o escumeiro. Sustentando o viver com renôvo de buriti, faz dias assim. Agora botei tenência, manhã preguiçosa, um custo a clarear, cara chuvosa. A mata chorando frieza, sereno a pingar, o reumatismo futucando os ossos. Dia que passa, maginar noutro que vem de pior. Sempre nisso, como há de ser, como devo de fazer. Se calhar dos bons dias de sustança, me arriando de como possível. Tomar pelo sol dêsse modo, variando de sul, meio poente, meio lá, o ponto ensinado pelo troço aparecido. Coisa de mais tirando para aquelas bandas, correr pegado pouco abaixo de sul. Boto a maginar nas pernas, amortecidas, quase que alejado, sem valer coisa alguma. Arrastando de bunda, como fôr, até ontem dava-se um jeitinho. Piorou foi dagora em diante, as mãos a bem dizer perdidas. Havia de aparecer dessas mazelas brabas, esburacando rente aos dedos, escorrendo salmoura. Serviço de catuqui, sentou a ferrada dá de aparecer dessa qualidade de ferida, danada de roer a carne da gente. O pegador de borboleta apelidou êsse troço, que no conhecer do pessoal é ferida braba mesmo, de leis... leis... mani... maniose. Vá lá como seja que diga, minha língua não dá de dizer certo. A manhã vai dormir horas, levantar pouco, chuva não vai deixar clarear como quer. Maior chateação, nesse quieto morto de mata, o danado do seringueiro cantando estridente, pedindo água, querendo chuva. Rasgou trovão, aí é que esbraveja, berra que só falta arrebentar as oiças da gente. Tucano na mesma patifaria de azalação de tempo. Dia bem aberto, tomo posição, de certeza sair. Quero que seja a modo assim, pegando por esta quebrada de mata, ali bem seguir de reta. Devia de não confiar, mas a visão indicou. Deus que me abra

o caminho de volta, findar com êsse padecimento. É, possa até ser que não, vai ser tempo forte, chuveiro despropositado. Cupim maniuara brolhando da terra, chibuí piando, não tem que ver ilusão, chuva na certa. No antes de cair, aproveitar, o que conseguir vencer. Até um quase nada, serve. Chapadão, baixio, mata não muito estivada de maliça, terreno bom de cortar, carece de pouco fôlego. Calhando de esbarar socavão, pode contar que morro no pé-da-terra, logo no tôpo da subida o corpo vai dar de si. Falta talento pra enfrentar dessas de grande esforço. Tateando com o rabo na terra, o derradeiro jeito. Seguir do modo que der, por aí devagar, arriscando caminho. O sol botou-se ali por trás, piscando apenas, resvalo das nuvens. De orientação deu de servir, tirar naquela posição, cabeça do divisor do igarapé. O mormaço alertando, afugenta a frieza, logo melhora o derreamento. Sol de inverno, nublado, com essa quentura tôda, outra coisa não é temporal tomando chegada. Pode deixar de desabar agora, mas lá pelas nove não falha. Com êsse açoite de vento friento, faz mudar de parecer, vai arriar mais logo. Camiranga já deu de pressentir, baixa, rodeia, escolhendo galho pra pousar. No aguardar a chuva, vou por aqui, pegando o estreito de terra do divisor. Escorando num pau, noutro, pisada lenta, andar de jabuti. Começou a serenar, o vento vai carreando a chuva de poente. É dêsse jeito o rumo, ponto que tomei da derradeira vez que o sol botou-se. Devia logo de calcular que isso ia de acontecer, estava valente demais. Agora é ir de gatinha, me arrastando como puder. Tinha de se ir, caçar maneira de sair a qualquer jeito fôsse. Se não tirar proveito dos últimos de vida, dêsse centro não saio nunca. É... é aí mesmo, cortando o aceiro do igarapé, depois subir

um nada como querendo o meio da terra. Passar no detrás da rebolada de buritirana, varar na direção do anani. Nossa Senhora, São Bento te prenda!

— Aí enrodilhada querendo fazer mal aos outros.

São dessas coisas que só milagre. Nesse esfregado de cu no terreno, por pouco não me líquido, a mão no quase esbarrar na surucucurana. Valença que estava dormindo, espantou-se, entrou no solapo de terra, morada dela. Só já escutei o chiado da zanga da bicha. A modo curado de cobra, só sendo, topar com um animal dêsse raivoso, nada não acontecer. Malvada como que, pica por gôsto de ver maldade. Basta triscar perto, se bota valente, atira o bote onde der de pegar. Paragem que mais acertata, é o costado da perna. Muito pior que pico-de-jaca, essa mais das vêzes espera ser pisada, esbarrada de pouco, aí então é que se põe alvoriçada. Fazer todo esforço de andar de pé. Com a mão no estado que está, comida de ferida braba, servindo de perna, como resistir. Caminhada morosa, escorando nos paus, vencendo coisinha. De comêço vai bem, no logo após dá de adormecer as pernas, daí o jeito é derrear o corpo no chão. Sair naquela ponta de terra alta, contornar pelo baixio, consertar a direção mais adiante. Dali vim seguindo, rodeei pela cabeça da caída, tomei pela esquerda do sol, agora pisar pela direita. Se a lembrança não falhou, é êsse o rumo acertado. Tocar para a frente, aventurando destino com a vida que resta.

Trovão estrondando longe, lá nos confins da mata, fim de chuva, fim de tudo. Já bem cismava dessa acontecer. Melhora coisinha na varação, quase de pé, agora derreado de vez. A pior desinfelicidade, o sol desaparecido, apagando rasto de rumo. Era nesta orientação, dizia assim, arreio no ponto da noite. Variação, diferença de corte, cambiar para esquerda, ou direita? Aí foi o negócio da errada. Do juízo se salva tolice, nessa piora de pouco clarear as coisas. A imaginação varia pra um canto, outro, cai no de esquecer. Deve de ter paragem assim de ruindade na cabeça. Corre um acontecido aqui, segue aí linheiro, num de rápido se acaba. Para o sul... meio norte... descaindo poente... nascente... Atrapalho dos infernos, as oiças zunindo que nem um fio entrando de ouvido adentro. Rumo perdido, a cabeça não dá de botar como era. Fiz aquela tiragem de arroteio, imaginando ajustar adiante, não ajustei? Parece que sim, ou não acertei de reta? Caída do sol, nascer de manhã, como que foi. É de arrenegar tanto sofrimento, fome, baqueação. Também se era de cuidar de alguma bóia, na ilusão de chegar. A mata neste aguaceiro, a terra encharcada, cheia de poças, o folhiço largando miuçalha distiorada, é ver côr de merda. A pingadeira não pára, despencando das fôlhas, embebendo o chão, escor-

rendo para o baixio. Deveras, no ter dos que cuidar caçar ponto de saída, desesquecer do de comer. Calculava assim, em casa chegando, nem não há de faltar, vizinho arranja. Quer ser dos primeiros a fazer bondade com o desgraçado perdido. Numa hora dessa, se calhar, até o cachorro do Salomão quer parecer bonzinho. Muito que capaz de mandar um aviamento qualquer de esmola, só pro pessoal saber da bondade lá dêle. Mais dias menos dias, tira o oferecido no preço, enganando no pêso. Aquilo lá é alma bondosa que faça caridade a ninguém. Se o sol não se bota, sair aventurando que é jeito. No cuidar mover a perna, é cair aí logo. De arrasto, acaba com a bunda da roçagem na terra. Tomei ciência dessa arreação, paradas algum tempo, ainda ficam mais ronzeiras, num adormecimento. Afeitas a essas andanças, agora botar-se luxenta. Tomar rumo por ali bem, nesse jeito. Duvidando ou não da tiração de terra, sigo como achar de ir. Amparado nos paus, talvez consiga um qualquer nada pra frente. É estremecer o pé no terreno, o fraquejar os joelhos, costado na terra. Queda, estrepada. rasto de todo o tamanho, só falta mesmo deixar os culhões no caminho, pendurado em garrancho. Largar de teima, nesse estado, nem adianta insistir. Devagarinho, sentando o pé com tôda atenção... Mas tomar seguida pra onde? Dos lembrados, na cabeça nenhum. Firmar rumo pelos eitos de mais fácil varação. Bem pensando, pouco se dá viver hoje, morrer amanhã, andando, chegar em qualquer ponto, na ruína do fim. A ferida braba devorando a mão, carcomendo o movimento dos dedos. Escavacando fundo, a carne babosa, escumenta, o salmourado escorrendo. Quando ainda dava de segurar rijo nos paus, caminhava pouco, mas ia. Sujigava, susten-

tando aqui, acolá, dava de andar alguns metros. Deradeiras horas, estou perdido. Que Deus ajude ser em beirada de igarapé, com sede a pior miséria. De hoje a manhã entrego a carcaça, o corpo desonerando em cima da terra, os urubus remexendo os apodrecidos do desinfeliz. Nossa Senhora, meu Cristo, meu Curupira, o diabo, o inferno, me carregue pra perto, ilharga do lugar onde moro. Amaldiçoada chuva branca, aquela anta era o tinhoso. Já ouvi contar de iguais a essa, atirar numa caça, feder a enxôfre, sumir em riba dos olhos. Que me deu de agora querer cantar, modinhas ão princípio de namôro com Mariana, só sendo idiotice, cabeça variada. Rir à tóa, gargalhada alta, a mata escutando, guardando segrêdo. A do festejo de Santo Antônio dançando mais ela, no terreiro a fogueira, o foguetório estourando. "Tenho o corpo cansado de tanto sofrer, tenho a alma marcada..." Desesquecido dos aperreios, a mata rindo também, desgraça feliz. Logo nessa fiança do caminho certo, perder o paradeiro. E ainda aparecer essa quentura de febre, quem sabe lá se é mesmo. Vai fazer mangação da puta da mãe. Rodar pode rodar, que tem, mas rir assim da desgraça dos outros, é demais. Com os diabos! Tivesse sustança, corria por estas bandas direto, af a vontade, como desse, capaz de no azar encontrar chegada. Correndo desabrido, engano na cabeça, sonho de variação? A consumição maior é nem não saber de certeza das coisas. Febre... deliração, atirando na terra. Se corri, parei agora, sôpro no peito, fungado apressado... No meu parecer, tomo bem na maginação, deitado num alto de terra, bonito até. Vista anuviada, aquêle ĩscurão fechando a mata. Noite, ou é da doença, o apagamento nos olhos... Uma mistura miserável na cabeça. Só di-

go que é noite, vinda tão ligeira, se nada andei. Foi começar tomar rumo, o sol derrear no aceiro do centro. A modo escutei cantar de coruja, bacurau também. Veado aianga soprando lá longe, nos sombrios das terras gerais... É a noite que toca, a deradeira que vejo, um trapo de homem atirado na mata. Ossos, feridas, pele, igual mesmo a carniça de onça. Meu amanhã não virá neste mundo. O novo clarão de dia, bonito talvez, o céu azulando, batendo em defunto. Deus que me salve!

Apagação na vista... noite mesmo, tive de ver agora. Coruja cantando mata adentro, enchendo os arredores das terras gerais. Da boa de azalação, rasga-mortalha, aviso de morte. Nessa situação, quero que de outro não possa ser. O maior atravanco, a secura na goela, disse o maior sobrosso, não devia de acabar assim. Por demais escuro pra ser noite. As coisas param nos entreveros, rodopiam, caem no esquecimento. Misturados ruínas, quando... por quê...? Aqui aonde...? O costado nesse úmido, rede molhada, goteira no jacaré da barraca. Só tive de consertar certa feita, uns pouco de mês, ano transato. Buçu não é de distiorar por leva de tempo à tóa, resiste anos corridos. E Mariana, por quê não está em casa a estas horas? A mode uma montoeira de fôlha servindo de dormida, igarapé escorrendo por baixo. Pois foi assim mulher, miséria de muitos dias de desgraça. Achado lá no aceiro, quase morre não morre, desassisado. Então quarenta dias passei areado? Nunca de não pensava penar tanto. Quem foi mesmo que me encontrou, compadre Juvenal? Procuraram muito, no após semana desistiram de corrigir terra. Que sorte! Sossegar que a febre está alta, variando? O de mais pior já passou, conto depois como se deu o caso. Curupira me areou, venci o pretinho, chuva branca tam-

bém, mostrei que saía. Só que o de mais ruim aconteceu, perdi a Mariposa. Vê se o compadre Juvenal é homem de encontrar. Melhorando de pouco, vou mais êle. Coisa de mais ruim aconteceu... ilusão de sonho... Atirado no chão, certeza disso. Como calhou dêsse acontecido, o júizo no ar, responder não responde. Anta, a castanha-de-macaco, mulateiros, cambar de poente. Tiro... espingarda arruinada... chuva por noite afora que nem não tinha fim... Andando... depois... Seguindo terra ao rojão, prumo batido. Mata cerrada, sol amoitado, nevoeiro cobrindo os aceiros. Troço assim dum atalho mal caminhado. Varadouro... Mãe-do-rio... chuva branca... Varadouro... Mãe-do-rio... chuva branca... Bôca da entrada os mulateiros, caídas das grandes logo aí de encostado do pé da terra. Curupira... Uma noite comprida por dentro, os lembrados aos pedaços. Como se deu dessas. Ainda há pouquinho em casa, filhos e Mariana à ilharga... De assim tão perto do pessoal, júizo ôco, desassisado. O Dico Sebo, o Zeca Piaba, Zé Pretinho, todos chamando. Morridos de anos, vá entender essa agora. Comendo naquela alegria, carne ressentida. Lugar bonito, igual campo de criação. Terreiro varrido a capricho, mais lá, aquela planura verdinha. Só dou parecer que sou Luiz Chato, porque a alma do Dico Sebo chamou pelo nome. Que lá onde estava era bom, comida a valer, daquele jeito, carne desonerada. Mariposa, boa vizinha, mulher do compadre... compadre... Ju... Ju... venal. Espingarda, erração na anta, chuva demais, sol escondido, perdição em mata. Quando a cabeça quer juntar os acontecidos, coisa igual risco empata. Direitinho uma nuvem, vai lá, vem cá, corta tudo de vez. Estou no pensar que foi isso, isso

o quê? Saí ao mato atrás de anta, o tempo barrou a tiração de terra, findei areado. Coisa de dias... deve de ter sido de ontem pra hoje. Ah, sim, foi causo uma anta ferida. Bati terra dia inteiro na queda do sol, caí em igarapé, variando por aí afora. No pensar tomando chegada de casa, ia varação direta centrando. Desesquecido do rumo, botei-me aventurando destino, calculando por onde devia de ser. Daí começou, só sei êsse tanto do acontecido. Num eito de terra central, derreado no chão, em cima de fôlhas molhadas, nessas horas tantas da noite. Aguardando pelo que der, mais certo morte. Frieza, madrugada, inambu rasgando piado de amanhecer. Luz caindo lenta na mata, riscando os entremeios das árvores. A cabeça sentando tiquinho, mas dizer do comêço da desgraça, tudo vagando lonjura. Um as seis horas... umas oito... Nevoeiro baixo encobrando, dia, noite na mata ainda é. Parece até que rodei por longe, olhos abertos, conhecendo paragens desconhecidas. Desesquecido, a imaginação voando fora naquela distância. Que dia já é, penso dizer de certeza. Clarão de sol, araçari reclamando mais chuva. Com a bênção de Deus vou regulando assim, assim. Perdido de quanto tempo será? Chibuí piando restos de chuvarada, festejando os gotejos das árvores. De quando, nem não carece saber. Pensar é no sair do centro. Infelizmente... meu padroeiro. É forcejar, o mais forcejar, as pernas dando de si. Levantar, quem disse. Já vai começar de novamente na agonia, a cabeça faltando, noite aparecendo na vista, um breu de negrume. O sol aí descampado, escutando o centro acordado, os olhos mentindo. Fechou tudo... rodopiando no quê? Calafrio naquela esturdice, frieza da morte. Hora chegada, não quero morrer, não quero, tenho filhos em idade

de criação. Evém ela, me larga, me deixa viver algum tempo mais. Zunideira nas oiças, afinando, apagou-se. Perdi foi noção das coisas faz horas... nesse a pouco. Um estremecer pelo corpo, a modo que o derradeiro, sôpro final de morte. A morte mesmo, evém, evém, a malvada tomando chegada, trazendo arrepios. Morrer nos pecados, ainda penar depois... Nossa Senhora me dê salvação, me deixe acabar perto dos filhos, em casa, nas aproximações... Misericórdia! Êste vim... vim... nos ouvidos. Vai se acabando, um homem morrendo, fin... dan... do...

De arrasto em arrasto, vencendo coisinha. Acho até de ter andado bom estirão. O sol estava baixo, roçando a mata, subiu, a calcular umas onze horas, se tanto der. Se por muito não via sol, olhos apagados, escuridão. Asneira maginar carreira do tempo. Quem pode de dizer se é dia mesmo, manhã nascendo, noite caindo, boquinha de entardecer. A vista não dá fé de confiar. Desaparece aqui, acolá bem volta o de aparecer nublado, enxergar mal-a-mal aquêlê vulto. Rumando como quiser, jogando na sorte, destino certo ninguém não bota. Nem igarapé por desgraça, a sêde devorando o talento. A estropição chegando ao fim, nos derradeiros instantes. Do doer das pernas, dos roídos da ferida braba, reumatismo, até que nem muito prejudica. Amortecimento das carnes. O que é de maltrato mesmo, o ralado no peito, escalavrado de esfregar pelos paus, enraizados, tocos, no caminhar de calango. Puxando num pau, noutro, das muitas vêzes a mão escapole. Da vontade de ir mais adiante, dêsse queêrer não largo, só se morrer. Segurar num pau, apoiar noutro, a mão vareia, não segura. A cabeça já diz agora besteirinha, melhora da morte... Agarrei bem sujigado, escapuliu. Arrancar com tudo, com tôda vontade, vamos a ver. Dessa fiquei de peito aberto, senti a modo um rasgo de carne lá dentro. Doença tôla,

ninguém não liga, de findar com a primeira reza. Mais um jeitinho, corpo meio de banda, alívio ao escalavrado do peito. Peguei de rijo no tóco, firmar com a outra mão, com esta só, adianta coisa alguma. Que moveu o corpo, moveu. Pra onde vou? Só quem não quer morrer parado. Varando terra, aí com a maior dificuldade, sem saber destino certo. Corrigir o sol, seguir mais êle, poente ou nascente... Está ali mofino, deu de ver no escorrêgo das nuvens. Por bem dizer, que serve neste centrão de terras gerais, caminhar aos nadinhas, sem ter paradeiro de saída. Firmei o pé num tóco, aconteceu de dar um passo, podia de ser barrigada. Cabra velho, barbadão, aprendendo a andar. Tomar por ali, rumo daquela garrancheira, caída... Pensei quẽ ninguém não podia resistir a tanto sofrer. Secura na goela, o de mais aperreio. Sêde danada, uma gosma grõssa na bõca. Corte de pau... e é duns meses pra cá. Coisa recente, casca nova de não ter sarado o golpe. Meu padroeiro, será mesmo vestígio de gente? Que fõsse, até lá não botava com vida. Assim, escorregando no chão, estropiando tudo, na querença de viver. O corpo nessa enlameação, intiriçado, os apostemados tapados de tijuco, arriscando arruinar, apanhar do mal. Dessa desgraceira, proteção de santo nenhum, até o padroeiro, milagroso lá das nossas bandas, desesquecido do tão devoto dêle. De nunca não faltar aos festejos lá das alegrias dêle. Galinha sabe querer para o leilão, botar arrematação maior. Dinheiro pra capela, vela pra aluminação do altar, ajoelhado de fazer é horas no têrço, dar o pago dessa forma. Vá pro inferno tamanho dos sacrifícios, só ver ingratidão, santo desconhecido. Pode até ser... Tomar fõlego, tentar mais um pouquinho. Vai indo, rastejei uma coisinha, a mal dar de notar o cami-

nhado. Posso sair dessa se fôr por milagre. Até que alertei com as marcas nos paus. Outro torado de pouco, a menos de mês... aqui nesta rota certa. Andou gente por essas paragens, sabe lá quando, se vinha perdido. Segue o vestígio aqui no encostado da terra, quebrada do sol. Esperança ao menos de encontrarem os destroços, dar sepultura à carniça, urubu não ficar desabusado arrancando os pedaços. Não dar nunca de jeito sair. Minha Nossa Senhora! Salvação, só se estivesse mais alentado, virando mata de pé. Porque esmorecer, forcejar com a vida até acabar com ela de vez. Será? É vê abertura de claro, mato cortado... Como podia de ser, botar-me a correr neste estado... A bem dizer morto, ilusão da cabeça, variando de novamente. É... se estava ali no encostado daquela tronqueira, estou aqui. Corri mesmo, agora no chão pra nunca não mais levantar. Caído de modo que sei lá como foi, os olhos parados na cara. Buscar um talentozinho mais afoito. Ai! ai! ai! Berrar por dor, por miséria, por tudo. Água... de onde buscar... Zé Pretinho meu mano, vem levar o amigo daqueles tempos de curumim. Não tinhas filhos, eras pequeno, tenho que dar sustento a eles. O mais criança tem precisão de pai vivo. Deveras não quero que seja a hora chegada. Depois do assinzinho menor tomar tamanho. A vista anuviando, a cabeça rodando, apagou-se o de ver. Desgraceira filha duma égua! Água! água! Fome! fome! fo...me... Curupira! Curupira! Curupira! Do jeito de Mapinguari, aquêlê vulto disconforme, se botando alvoriçado... Me acaba logo bicho nõjen-to, nunca não tinha visto coisa tão feia.

— Te põe aí olhando sem querer essa desgraça...

Essa munição de amontoado de osso. Osso não quer... Ali... ali bem... picada... É ali, cheguei... Correndo... correndo desabrido... como? Estrada de corte, picada de seringueiro... Arriado bem no aceiro. Será... meu Deus... sede... fome... diabo leve chuva branca.



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
1918 · 2018



AMAZONAS
CULTURA DE
VALOR

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

